ANISIO JOBIM
DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

A INTELLECTUALIDADE NO EXTREMO NORTE

(Contribuições para a Historia da Literatura no Amazonas)

LIVRARIA CLASSICA
J. J. DA CAMARA
RUAS: Guilherme Moreira, 123
Theodureto Souto, 85

MANÁOS - AMAZONAS — 1934

ANISIO JOBIM
DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

A INTELLECTUALIDADE NO EXTREMO NORTE

(Contribuições para a Historia da Literatura no Amazonas)

LIVRARIA CLASSICA

J. J. DA CAMARA

RUAS: Guilherme Moreira, 123
Theodureto Souto, 85

MANÁOS - AMAZONAS — 1934

DO AUTOR:

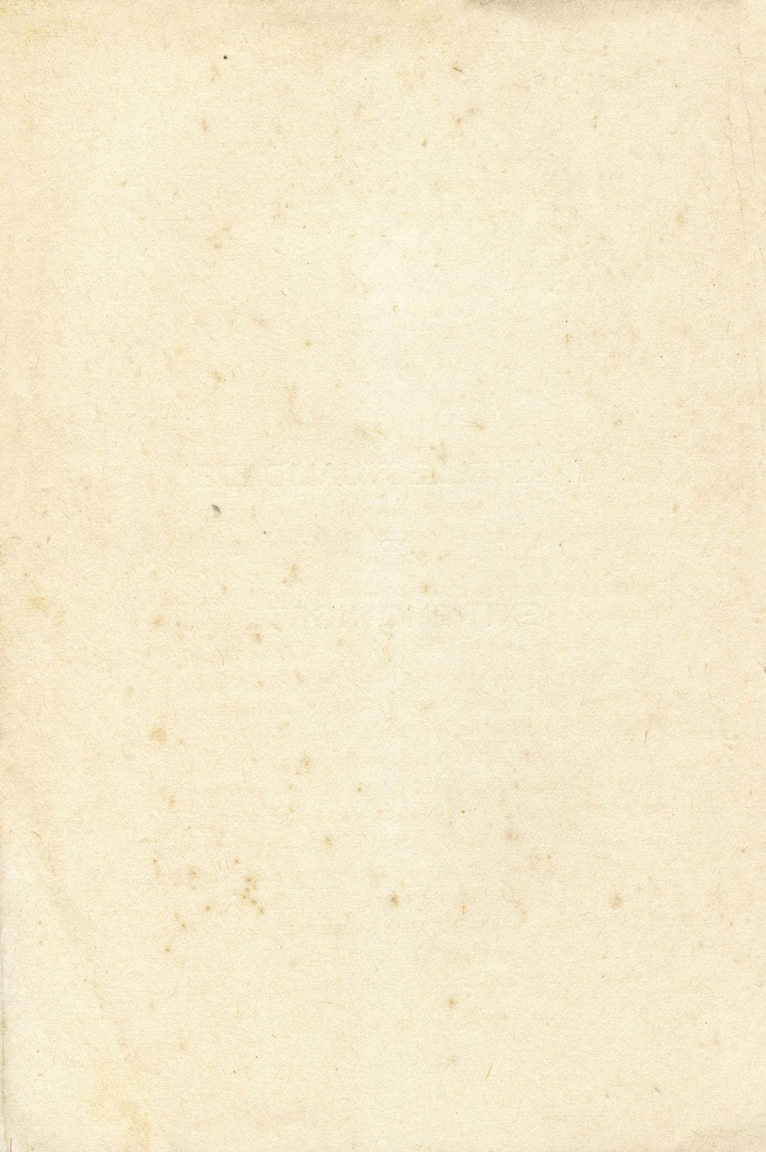
PANORAMAS AMAZONICOS — COARY, Imprensa Publica, Manáos, 1933.

MANACAPURÚ, Separata do volume II da REVISTA DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DO AMAZONAS, Typographia Phenix, 1933.

PANORAMAS AMAZONICOS II — CODAJÁS, Typographia Phenix, 1934.

A INTELLECTUALIDADE

NO

EXTREMO NORTE

I

O Amazonas, com estar affastado da metropole do paiz centenas de leguas, e até poucos annos possuir uma população nómade, para bem dizer, não ficou alheio ás correntes do pensamento, nas sciencias como nas letras. Não falamos dos representantes das diversas profissões: advogados, engenheiros, medicos, architectos, pintores, musicos. Nestas linhas nos referimos ao movimento literario propriamente dito, aos rumos das manifestações estheticas, ás creações da imaginação, ainda que com variantes pelo campo scientifico. Amazonenses ou não, filhos da terra ou advenas, os seus nomes figuram nos prelíos da imprensa e em livros de significativa expressão.

No quadro que pretendemos esboçar, não contemplamos as personalidades que se agitaram no scenario amazonico, em viagens de estudos, mais ou menos prolongadas, as quaes, pela origem não nos pertencem, desde os remotos tempos da demarcação, taes como os capitães-generaes, os sargentos-móres, os physicos, mathematicos, naturalista e sabios. A phalange é grande e illustre, porém estranha ao rythmo da terra moça. São viajores que estudaram a hydro-

graphia, o aspecto, a formação do valle, as suas exuberancias e sumptuosas riquezas. Seus nomes apparecem nas memorias que escreveram, nas obras que deixaram, mas não devem ser incluidos nesta resenha. Servimos-nos das suas observações, dos valiosos desenhos de seus panoramas. Não alludimos igualmente aos chronistas e escriptores que, no desempenho de commissões scientificas, ou levados pela curiosidade de enriquecerem o patrimonio espiritual da humanidade, aqui permaneceram por algum tempo e visionaram a natureza tumultuaria nos seus diversos aspectos. Os sabios da estatura de Martius, Bates, Orton, Frederico Hartt, Agassiz e muitos outros, fulguram em obras de excepcional merecimento. Não pódem, comtudo, ser incorporados em nosso patrimonio, senão para nos abeberarmos dos seus ensinamentos. A obra dos chronistas apresenta-nos arestas interessantes. Alguns delles dizem-nos de perto, não só por affinidades intimas, como por terem moirejado com a nossa gente.

Do tempo colonial, surge a figura do padre dr. José Monteiro de Noronha, nascido em Belém do Pará, a 24 de Novembro de 1723, que foi vigario geral da Capitania de S. José do Rio Negro, tendo occupado outros cargos como a vigararia de Belém, vigario capitular e governador do bispado paraense. A braço com um mundo inextricavel de rios e igarapés, de tribus selvagens, nos legou copioso manancial de informações Viveu e sentiu comnosco largo tempo, e teve actuação nos negocios da Capitania. Este chronista farfalhudo e indigesto está vinculado á historia literaria do Amazonas.

Compôz o padre Noronha—*Roteiro da viagem da cidade do Pará até as ultimas colonias do sertão da Provincia,* escripto na villa de Barcellos, no anno de 1768. É uma relação referta de informações uteis hauridas *in loco,* e que, pela segurança e criterio das observações, ainda hoje se ímpõe aos que estudam a geographia do seculo XVIII. Este roteiro foi primeiramente publicado por iniciativa de Felipe Patroni, no *Jornal de Coimbra,* n. 87, e depois na *Collecção para a historia e geographia das Nações Ultramarinas,* tomo 6.º

Os conegos **André Fernandes de Souza** e **Francisco Bernardino de Souza** não podiam ficar desluzidos neste memorial, e seus nomes tinham que ser apontados. O primeiro, que não se sabe, ao certo, se nasceu em Portugal ou no Brasil, desempenhou por muitos annos o cargo de parocho e vigario geral da diocese do Pará, e escreveu *Noticias geographicas da Capitania do Rio Negro no Grande Rio Amazonas,* trabalho que vem inserto na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* (1) e *Appendice á memoria precedente.* O segundo publicou *Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas,* 1873, e *Commissão do Madeira, Pará e Amazonas,* 1884-1885. Não tem o conego Francisco Bernardino o percuciente espirito analytico e a viveza da linguagem daquelle rebuscador franco da nossa vida administrativa colonial. É massudo e traslada para as suas paginas

(1) 4.º trimestre de 1848.

longas descripções de outros. Esses defeitos, porém, desapparecem, se tivermos em vista o exhaustivo labor e o consideravel cabedal de noticias a proposito da fauna, flora, das colheitas ethnographicas e ethnologicas das aldeias, povoações e villas, dos cursos tristonhos e aggressivos dos rios, na sua maioria deshabitados, de tudo, em summa, que diz respeito á terra amazonica.

O conego **Francisco Bernardino** nasceu na cidade de Itaparica, na Bahia, a 27 de Janeiro de 1834. Viajou pelo Pará e Amazonas, no caracter de membro da commissão do Madeira, encarregado de estudar as populações selvagens que habitavam este vasto affluente do rio-mar. Era professor e excellente orador, sendo copiosa a sua bibliographia.

Alexandre Rodrigues Ferreira, nascido na Bahia, a 27 de Abril de 1756, identificou-se, por assim dizer, com a nossa ardua existencia. Doutorando-se em Philosophia, na Universidade de Coimbra, foi incumbido pelo governo de uma missão scientifica no norte do Brasil (Rio Negro, Pará, Matto-Grosso), em 1783, onde levou dez annos no estudo da natureza e das cousas. Philosopho, naturalista, anthropologista e ethnographo, os sertões amazonicos offereciam-lhe campo propicio ás investigações. Nas suas continuas viagens, o olhar arguto do sabio não perdeu as menores particularidades do ambiente novo: as paizagens dilatadas, a arqueadura das selvas, o som rouco dos maracás indi-

genas, da atroadora pocêma de guerra, as caças e as roças, os selvicolas, as industrias, os passaros e as feras, as revoltas e os costumes. Recolheu depois de um esforço ingente uma infinidade de amostras de mineraes e animaes, de innumeraveis espécimens vegetaes, que ia transferindo com grandes despezas para a metropole, constituindo assim o seu immenso arsenal de estudo. Tão paciente recolta fôra inutilizada pela incuria criminosa e perversa de invejosos empregados, deixando tudo a êsmo, de sorte que de suas riquissimas collecções grande parte se perdeu, devido ao descaso que houve em Portugal, na guarda de tão preciosos objectos.

O dr. **Alexandre Rodrigues Ferreira** casou no Pará com D. Germana Pereira da Cunha, em 26 de Setembro de 1792.

Voltando a Portugal, foi acommettido de profunda melancolia, vindo a fallecer em 23 de Abril de 1815.

Deixou este notavel pensador e naturalista muitos escriptos, entre os quaes mencionamos: *Diario da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro,* onde empilhara milhares de informações importantes; *Participação geral do Rio Negro e seu territorio; Extracto do diario da viagem philosophica pela dita Capitania,* de 1775 a 1786; *Diario do Rio Branco,* 1786; *Relação circumstanciada do rio Madeira e seu territorio desde sua foz até a sua primeira cachoeira, chamada de Santo Antonio,* feita

nos annos de 1787-1789; *Noticia da voluntaria reducção de paz e amizade da feroz nação dos gentios Caripunas,* 1787; *Memoria sobre os gentios Cambebas,* 1787; *Memoria sobre os gentios da nação Miranha,* 1788; *Memoria sobre os gentios da nação Catauixi,* 1788; *Observações geraes e particulares sobre a classe dos mammaes,* observados nos territorios dos rios Amazonas, Negro e Madeira, 1790; *Relação dos animaes silvestres que habitam nas mattas de todo o sertão do Grão-Pará; Memoria sobre as tartarugas; Memoria sobre o peixe-boi,* 1786; *Memoria sobre o Pirarucú,* 1787; *Relação das amostras de algumas qualidades de madeiras das margens do Rio Negro,* 1788.

Não ficam ahi as obras deste illustre philosopho, as quaes constituem um acervo enorme. Só a respeito de indios escreveu cerca de vinte memorias. Parte desses escriptos, que denotam a pujança do cerebro do seu autor, foi publicada na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro,* em diversos tomos.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.—Nascido a 4 de Setembro de 1769, na villa de Barcellos, ao tempo séde da Capitania do Rio Negro, e fallecido a 25 de Novembro de 1811. Seu pae, Raymundo de Figueiredo Tenreiro, era filho de Bento de Figueiredo Tenreiro, capitão-mór da villa do Guamá, e sua mãe, D. Joaquina Aranha, era filha do capitão-mór do Pará Manoel Guedes Aranha, descendente de Bento Maciel Parente, governador e capitão-general do Estado do

Maranhão e Grão-Pará, donatario do Cabo do Norte. (1). Orphão de pae e mãe, logo muito cêdo, foi mandado educar no convento de Santo Antonio, em Belém, pelo padre José Monteiro de Noronha. Soldado e politico, teve este illustre patricio vida agitada.

Cultivou a poesia, o drama e a oratoria. A maior parte de suas producções perdeu-se por occasião da guerra da Cabanagem. As obras de Tenreiro Aranha estavam bem guardadas no sitio da Memoria, perto de Belém, e o filho do autor tinha tirado dellas diversas cópias, com o intuito de as publicar nos Estados Unidos ou no Rio de Janeiro, para onde foi emigrado no anno de 1832. Mandou algumas dessas copias, com outros papeis e livros, para a fazenda Pinheiro, onde devia tomar um brigue, prestes a sahir; mas o bóte naufragou, perdendo-se os objectos que levava. Os escriptos originaes das mesmas obras foram conservados na mesma casa; porém esta foi invadida e saqueada pelos rebeldes, em 1835, e outra vez, em 1836, pelos conquistadores, estando o filho do autor no Rio. É o que se lê em nota a um artigo editado pela *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, e transcripto, á guisa de proemio, na 2.ª edição das *Obras*, de Tenreiro Aranha. Este livro, mandado imprimir pelo Estado do Amazonas, no governo do coronel José Cardoso Ramalho Junior, contém discursos, sonetos, idyllios, odes-pindáricas e dramas.

---

(1) — Obras de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, 2.ª edição.

Cita-se, como trabalho de grande emoção, o soneto em que o poeta canta a attitude heroica de uma mulher, a mameluca Maria Barbara, casada com um soldado do regimento de Macapá, a qual fôra cruelmente assassinada no caminho da fonte do Marco, por não querer adulterar.

A obra poetica de Tenreiro Aranha é mediocre e sem nenhum relevo. Foi, porém, um homem inquiéto, valoroso, trabalhador e altamente intelligente.

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. — Nasceu em Belém do Pará, a 23 de Junho de 1798. Filho de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. Herdou a fibra paterna, empenhando-se em differentes campanhas, que lhe trouxeram acerbos desgostos, embora recebesse consagrações e homenagens dos seus coevos. Organismo irreductivel, foi na extenção da palavra um paladino das boas causas, batendo-se com denodo pela Independencia, no Pará, e pela navegação a vapor nos rios daquelle Estado e no Amazonas. Exerceu tambem a vida militar, chegando a ser designado para tomar conta do commando do corpo imperial da cavallaria de Belém, e varios empregos de distincção, revelando-se sempre um administrador probo e activo. Foi eleito deputado provincial pelo Pará, em differentes legislaturas. Coube-lhe a honrosa incumbencia de installar a provincia do Amazonas, a 1.º de Janeiro de 1852, na qualidade de seu conspicuo presidente, acto que se revestiu de toda solemnidade. Durante a sua curta administração, tudo empregou para collocar a nova

provincia em pé de progresso, organizando-a e exigindo do governo imperial o que era necessario para supprir seus reclamos prementes. O relatorio que escreveu desgarra das peças communs deste genero. É um estudo brilhante e de grande alcance. Sempre mostrou talento e illustração, como literato, publicista e orador.

A sua vida foi cheia de lances dramáticos. Achou-se envolvido em machinações e intrigas, forjadas á socapa, por individuos invejosos e mesmo por pessôas a quem elle, na sua bondade, havia servido. O general Andréa, que teve em Tenreiro Aranha, a principio, um auxiliar decidido e dedicado, tornou-se seu desaffecto, mandando-o prender na fortaleza da Barra.

Manaus rende ao grande cidadão, figura austera que enriquece a sua galeria de homens que passáram pela administração publica, um preito de admiração e reconhecimento, mandando erigir a sua estatua em bronze numa de suas movimentadas praças.

Acabou louco, sendo victima de um incendio em seu proprio quarto, em 19 de Janeiro de 1862.

Lourenço da Silva Araujo e Amazonas.—Occupa um logar distincto na bibliographia amazonense. Official da marinha de guerra, foi nomeado commandante das armas em 1840. Transportando-se para aqui, ficou affeiçoado á terra. Consultou os archivos, leu os roteiros, inspeccionou as plantas cartographicas e, servido pelos seus dons de observador, preparou o *Diccionario Topographico, Historico e Descriptivo da*

comarca do Alto Amazonas, Recife, 1852, in-8.º, — em que se occupou largamente das materias correlacionadas com a epigraphe de seu livro, que já hoje exige serios retoques. O Diccionario é, a todos os respeitos, digno de estudo, e delle não póde prescindir quem se interessa pela historia desta parte do septentrião brasileiro. E' um livro que define a capacidade esmerilhadora de seu autor e os seus innegaveis meritos.

O seu romance *Simá*, tomando por scenario o Rio Negro, não tem scentelha, e deixa muito a desejar, não obstante os quadros descriptivos, que o escriptor se compraz em colorir. *Simá* foi editado no Recife, em 1857, in-8.º

Além destas duas obras, e mais duas memorias, escreveu o *Diccionario túpico-portuguez e portuguez-túpico*, ainda inédito, e que é propriedade do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Araujo e Amazonas é filho da Bahia, onde viu a luz no dia 9 de Agosto de 1803, tendo fallecido como capitão de mar e guerra, a 4 de Maio de 1864. Era socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cavalleiro da Ordem da Rosa e de São Bento de Aviz e Commendador da Ordem de Christo, de Portugal.

João Wilkens de Mattos. — Geographo, publicista e um dos grandes espiritos de seu tempo, tendo se formado em mathematicas e engenharia civil, nos Estados Unidos. Nasceu no Pará, a 8 de Março de 1822, e falleceu no Rio de Janeiro, a 3 de Maio de 1889.

Occupou cargos publicos no Pará e no Amazo-

nas, onde serviu como secretario da Provincia, director geral das Obras Publicas, director dos Indios, deputado á Assembléa provincial. Foi consul do Brasil na Guyana Franceza, e em Nauta, no departamento de Loreto, na Republica do Perú. Organizador methodico e circumspecto, dotado de muita lucidez, prestou grandes serviços á Provincia.

Além de relatorios sobre os indios e dados ethnographicos, deixou uma relação de viagem, que é um padrão superior de sua robusta intelligencia. Tendo acompanhado o presidente, conselheiro Herculano Ferreira Penna, na viagem que este estadista empreendeu até Nauta, no Perú, a bordo do vapor *Monarcha*, para se certificar das condições do Solimões e tratar de montar colonias indigenas e de estrangeiros nos logares que lhe parecessem mais proprios, escreveu um magnifico trabalho *Roteiro da viagem da cidade da Barra do Rio Negro, capital da Provincia do Amazonas, até a povoação de Nauta, na Republica do Perú*, 1854.

Wilkens de Mattos não é um frio observador. Relata os factos, dando pinceladas fortes e infundindo certo brilho, que tornam o escriptor agradavel ao descrever os innumeros paranás e ilhas e costas e praias e lagos e povoados e arraiaes e pessoas e tribus e productos agricolas e industriaes. O consulente da historia do Amazonas tem ahi mésse para se abeberar de muitas noções.

Escreveu tambem *Diccionario Topographico do Departamento de Loreto*, na Republica do Perú.

J. M. da Silva Coutinho.—Era portador de uma intelligencia fulgurante. Foi companheiro de Agassiz nas suas peregrinações pelo valle do Amazonas, e prestou-lhe relevantes serviços. O sabio suisso admirava-o grandemente. Em suas *Conversações Scientificas* sobre o Amazonas, o celebre naturalista confessa «o precioso auxilio de seu companheiro de viagem o major J. M. da Silva Coutinho, que não cessou de lhe ser extremamente util e a cuja intelligencia e activa cooperação deve o ter feito observações mais completas e obtido resultados mais importantes». Tambem lhe teceu enaltecedores elogios o dr. Emilio A. Goeldi.

Dotado de incançavel operosidade, redigiu varios ensaios, destacando-se os referentes á salsa, á seringueira e ás tartarugas *(Podocnemis expansa)*. Este ultimo brilhante trabalho foi traduzido para o allemão pelo saudoso naturalista, director do Museu Paraense (1886). «Contem este trabalho, diz o dr. Goeldi, impressões pessoaes, colligidas *in loco*, por um indigena e representa um quadro bem arredondado e acabado da importancia economica do mui perseguido chelonio para aquella interessantissima região fluvial, resenha digna de ser collocada ao lado das magistraes descripções sobre este assumpto esboçadas a esse tempo por Humboldt e Martius". O dr. Emilio Goeldi, que transcreve o estudo de Silva Coutinho (1), como digno de ser conhecido do povo brasileiro, informa que anteriormente á sua traducção, foi elle vertido para o fran-

---

(1) Boletim do Museu Goeldi, n. 4, Vol. IV, Março de 1906.

cez, devido á iniciativa de A. Duméril, em Paris, sendo a traducção de Augustin Delondre.

Redigiu ainda interessantes memorias sobre os rios Purús, Japurá e Madeira.

Marcio Nery.— Chega até nós, com a resplandescencia de uma grande reputação medica, o dr. Marcio Nery, nascido na cidade de Manaus, em Março de 1865. Lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se doutorou, em 1890. Chefiou a commissão de saneamento para a extincção da febre amarella em Manaus, no anno de 1900. Proficientissimo, legou-nos producções de subido valor para a sciencia, taes como: *Contribuição para o estudo da therapeutica do beri-beri*, 1899; *Incubos e Sucubos*, 1895; *A extenuação nervosa*, 1897; *Os raios X na medicina* e *Villegiatura*, além de sua these de doutoramento.

Antonio Rodrigues Pereira Labre.— Maranhense, constitue um acabado typo de sertanejo empreendedor. Tem discursos que ornam as paginas dos Annaes da Assembléa Provincial do Amazonas Era um homem instruido e arrojado, de grandes iniciativas. Prepararam Manoel Urbano da Encarnação e Pereira Labre, graças ao espirito de empreendimento que os animava, a nossa expansão pelas regiões desconhecidas do Purús, tendo este ultimo fundado a colonia que é hoje a prospera cidade de Labrea. Escreveu noticias geographicas, geologicas e ethnographicas de tão vasto territorio, sob os titulos seguintes: *Rio Purús*, 1872; *A Seringueira*

(Syphonia cahucha ou chiringa em lingua geral) Pará, 1873; *Achy ou os catanichys,* estudos ethnographicos de alguns selvagens habitantes do rio Purús.

O coronel Pereira Labre passou trinta annos no Purús, para onde veio ainda forte e robusto, trazendo uma regular fortuna, ao começar a colonização desse celebre rio, de uma belleza triste. Espirito cavalheiresco e dado ás explorações arriscadas, lia David Livignston, Stanley, Cameron e Barzza, e amava a litteratura de viagens e os feitos intrepidos. Conhecedor de geographia e geologia, tomou-se tambem de interesse pelas tribus indigenas do Purús, que estudou com minuciosidade. Talvez pelo seu espirito aventureiro, amante dos perigos, a caracteristica de sua individualidade foi a abertura de estradas, ligando a Labrea com a Bolivia e com a região de Humaythá e Porto Velho, tendo explorado a zona comprehendida entre os rios Purús, Madeira, Beni, Madre de Dios e Acre (Uakiri em dialecto ipurinan). De Labrea foi por terra até a distancia de 200 kilometros. Aos 9.º de Lat. S. com frente á cachoeira de Morrinhos, deixou de completar o resto do traçado para o Beni, por haver difficuldade de transpor o rio Abunã, cujas margens eram infestadas de selvagens antropophagos. — os Pacaguaras, os Caripunas, os Panos e os Araras. Em outra viagem dirigiu-se ao Beni, gastando 34 dias de viagem, com trabalhos e incommodos insanos, e de lá sahiu no Acre.

O projecto gigantesco da communicação da Labrea com o Beni, na Bolivia, e com o Madeira, foi

por elle admiravelmente bem exposto. O coronel Labre foi o primeiro explorador dessas regiões. Na conferencia que realizou, em 1888, na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, disse: «Os campos de criação de gado de Exaltação, Sant'Anna e Reys, prolongando-se para o Norte, vem terminar nas proximidades do logar Correnteza, para onde se transportará gado vaccum para o Madeira e o Purús, com grande proveito para o commercio e a industria pastoril. Póde transportar-se por emquanto 10.000 cabeças annualmente, pois tem o departamento de Beni 40.000 cabeças de gado, conforme affirmaram-me diversos criadores, notando-se entre elles o senador Vaca Diez. A industria pastoril no Beni está estacionaria, por falta de consumo, tanto assim que um boi, de 100 a 170 kilos de arrobação, custa 140 a 150$000. (1)

No governo do coronel José Cardoso Ramalho Junior, foi incumbido o engenheiro Paulo Boutilier de Santo André de estudar o plano de abertura da estrada de rodagem da Labrea ao Beni, tendo apresentado um substancioso relatorio. Antes desse engenheiro, o technico Alexandre Haag havia feito uma viagem de exploração e estudo com o mesmo fim.

Entre os emprehendimentos realizados pelo coronel Labre enumeram-se o da creação de gado nos campos de Puciary, que se estendem entre os rios Madeira, Purús e Ituxi. Esta fazenda, dois annos de-

---

(1) *Revista da Sociedade de Geographia*, Rio de Janeiro, Tomo IV, 1888.

pois, foi assaltada pelos indios que mataram os moradores e queimaram a casa.

Na vida politica da longinqua cidade do Purús, o coronel Antonio Rodrigues Pereira Labre agiu sempre com absoluto desinteresse, mostrando uma honestidade inquebrantavel. Celibatario, foi morrer pauperrimo e septuagenario no Maranhão, sua terra natal.

Era socio da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Torquato Xavier Monteiro Tapajós. — Nascido em Manaus, a 3 de Dezembro de 1853, e fallecido no Rio de Janeiro, a 12 de Novembro de 1897.

Laureou-se engenheiro geographico e bacharel em mathematicas. De vigorosa cerebração, desempenhou commissões scientificas de alta responsabilidade, e escreveu muitos trabalhos de valor comprovados. Possuia profundos conhecimentos de hygiene, geographia e historia. A engenharia sanitaria tinha em Torquato Tapajós um grande mestre.

O Amazonas deve orgulhar-se de seu illustre filho. Era o emerito scientista socio do Instituto Civil de Engenharia de Londres, do Instituto Polytechnico Brasileiro, do Club de Engenharia, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Sociedade de Geographia do Rio e socio honorario da Academia de Medicina.

Na sua mocidade escreveu versos, tendo publicado *Nevoeiros*, (Manaus 1872); *Nuvens medrosas*, (Rio de Janeiro, 1874). A Padaria Espiritual do Ceará

mandou editar, depois da morte de Torquato Tapajós, o seu livro de poesias, intitulado *Chromos.* (1897).

Este amazonense, que se salientou por sua immensa cultura, ligou seu nome a varios trabalhos de rigorosa competencia technica. (1)

Deixou entre outras, as segunites publicações: *O Valle do Amazonas e os Apontamentos para o Diccionario Geographico Brasileiro* do dr. Moreira Pinto (Rio de Janeiro, 1888); *Climatologia do Valle do Amazonas,* (Rio de Janeiro, 1890); *Memorias apresentadas á Sociedade de Medicina e Cirurgia sobre hygiene publica,* (Rio de Janeiro, 1890); *O Amazonas e a França:* Questão de Limites (Rio, 1883); *Viagem ao Amazonas, Macapá, Tabatinga e S. Joaquim* (Rio 1893); *Memoria sobre a electricidade da agua do mar e sua applicação ás grandes redes de esgôto* (Rio, 1894); *Salubridade do Valle do Amazonas,* conferencia, (Rio, 1897); *Limites do Estado do Amazonas,* (1895); *Limites do Estado do Amazonas e Matto Grosso,* (S. Paulo, 1896).

Aprigio Martins de Menezes.—Medico, politico e orador. Nasceu na Bahia, onde se formou em medicina, em 1867. Exerceu muitas commissões no Amazonas, das quaes apresentou brilhantes relatorios. Occupou-se, em synthese, da historia deste Estado, em que traça com segurança a sua evolução politico-social.

---

(1) Sacramento Blake, *Diccionario Bibliographico Brasileiro,* Vol. 7.º, pag. 315.

Frederico José de Sant'Anna Nery. — Barão de Sant'Anna Nery, nascido na capital do Pará, em 1848. Fez os seus estudos de humanidades no Amazonas, seguindo para a Europa, onde se bacharelou em sciencias na Universidade de Paris e, em seguida, se doutorou em direito, na Universidade de Padua.

Apesar de distanciado do seu paiz, não o olvidou, pois escreveu muitos livros e memorias a respeito do Amazonas e do Brasil, além de trabalhos de ficção. De Paris mandou-nos *Le Pays des Amazones*, (1885), livro revelador de grande cultura e de seu pleno conhecimento do nosso meio.

A empolgante paizagem amazonica ficára-lhe na retina, e elle vibra, revivendo a natureza distante, ainda sob os véus da barbárie. Acha-se *Le Pays des Amazones* vertido para o italiano. São de sua autoria: *Lettres sur le Brésil* (Paris, 1880); *Le Pays du Café* (Paris, 1882); *La Bataille du Riachuelo* (Paris, 1883), além de discursos e conferencias.

Joaquim Leovigildo de Souza Coelho. — Era bahiano de nascimento, e pertencia ao corpo de engenheiros do Exercito. Residiu longo tempo no Amazonas, que representou como senador federal á Constituinte. Espirito symetrico, desbordante de illustração, com um acervo de serviços ao Estado. Escreveu uma noticia acêrca do estado das villas e povoações do Rio Negro, cujo famoso caudal lhe mereceu pormenorizadas e criteriosas descripções.

Pedro Luiz Sympson. — Filho da gleba amazonica, estudioso dos costumes dos indios e seus dialectos. Compoz uma grammatica da lingua brasilica geral, (1877, in-8.o) que acabou de ser reeditada pela Livraria Francisco Alves.

J. Barbosa Rodrigues. — Naturalista eminente. Nascido no Rio de Janeiro, a 22 de Junho de 1842. Já veio feito para o valle, que empolgou a sua visão de sabio. A permanencia de Barbosa Rodrigues no Amazonas trouxe bastante proveito para o Brasil. Escreveu importantes trabalhos sobre archeologia, ethnographia, hydrographia, botanica, tendo descoberto e descripto neste ramo das sciencas naturaes muitas especies novas. As construcções capitaes, que lhe emprestam maior brilho, são *Orchideas (Ichonographie des Orchidées du Brésil,* (1869-1872) e *Sertum Palmarum* (1872-1875). *Iconographie des Orchidées du Brésil* compõe-se de 17 volumes, com mil estampas de bello colorido, reproduzindo não só o porte daquellas, como as suas caracteristicas para uma perfeita inscripção e classificação. Essa obra não chegou a ser impressa. O autor requereu subsidios ao Parlamento Nacional para a publicação de tão rico monumento, mas o projecto de lei cahiu no Senado, que negou o auxilio pedido, a pretexto de estar escrevendo um livro sobre o mesmo assumpto para a *Flora Brasiliensis* de Martius, subsidiado pela nação, o sabio germanico dr. Henrique Gustavo Reichembach.

A obra de Barbosa Rodrigues foi classificada de

preciosa pelo dr. J. D. Hoocker, director dos jardins de Kew.

Seis annos depois dessa recusa do Parlamento Nacional, que muito desgostou a Barbosa Rodrigues, foi solicitada a collaboração do eminente naturalista brasileiro para o trabalho de Reichembach, servindo de intermediario desse convite o botanico sueco André Regnell, não o tendo acceito o nosso illustre compatriota. (1)

A sua collaboração foi novamente pedida pelo dr Eichler, director daquella importante publicação, por intermedio do dr. Wawra, tendo Barbosa Rodrigues aindo recusado por motivos patrioticos.

Devido á falta de meios, e de lhe ter negado auxilio o governo, só pôde dar a estampa dois volumes daquella obra, sob o titulo *Genera et species orchidearum novarum*, contendo o primeiro 230 e o segundo 310 especies novas.

Como é sabido, a Princeza Imperial incumbiu Barbosa Rodrigues de estudar o valle do Amazonas, e completar, expungindo de possiveis erros, o *Genera palmarum* de Martius, em 1871, quando veio para a terra dos sóes flammejantes, que lhe accendeu tanto enthusiasmo na alma.

O Amazonas tem sido e continúa a ser uma fonte perenne de devaneios estheticos e de locubrações scientificas. Nelle buscou Barbosa Rodrigues a gemma que havia de esplender nos seus ensaios.

---

(1) A. J. Ferreira da Silva, *Noticia da vida e trabalhos de J. Barbosa Rodrigues*. (Porto, 1885).

A ethnographia absorveu-lhe a attenção de sabio e os seus ensinamentos documentam a valia das pesquizas. A anthropologia foi outro terreno onde firmou e ergueu o sopé do monumento imperecivel de seu saber.

Grandes contribuições prestou o consagrado apostolo da sciencia a este departamento da especulação humana. As suas profundas investigações sobre *Antiguidades no Amazonas,* em que analysa a necropole de Mirakanguéra, bastariam para grangear-lhe a mais dilatada reputação e o respeito dos seus contemporaneos e dos vindouros.

Barbosa Rodrigues tem o tacto do sabio, a vibração do artista, o anseio de ser completo. Olhava as theses de alto, abarcando-as de conjuncto, esquadrinhando-as em todos os sentidos. Era ás vezes descuidado na fórma, mesmo aspero, mas de um colorido apropriado ás suas telas, quer se tratasse de um rustico machado de pedra, quer da fronde impressionante da arvore, que vergasse sobre as aguas revoltas ou serenas de um rio.

Em Manaus occupou o cargo de director do Museu Botanico, que inaugurou em 16 de Fevereiro de 1884. A sua actividade foi espantosa, o seu amor á natureza invulneravel. A piedade que tinha pelo amerindio levou-o a estudar as hordas selvagens e a chamar os Crichanãs ao regaço da civilização, convidado que foi para este arriscado mister pelo presidente dr. Theodureto Souto. *Vellosia,* a bella revista do Museu, obedecia á sua exclusiva direcção. Na pacificação dos indios Jauaperys emprehendeu tres viagens áquella ar-

teria de 150 leguas. Affrontando perigos de toda sorte, nada abalou a sua fé victoriosa e o seu ardor evangelico. Conseguiu praticar com os selvicolas, não tendo obtido mais vantajosos resultados por ter o governo sustado os imprescindiveis recursos para tamanha empresa.

Dotou a literatura com um livro admiravel *Rio Jauapery. A Pacificação dos Crichanãs,* (1885). Aos já apontados se juntam outros trabalhos de grande importancia: *Palmeiras do Amazonas, Notas a Luccok sobre a flora e a fauna do Basil,* (1882), *Muyrakytã,* (1889), *O Canto e a dança selvicolas, Viagem ás pedras verdes, Exploração e estudo do valle do Amazonas, rio Capim,* (1875), *Exploração e estudo do valle do Amazonas, rio Tapajós,* (1875), *Exploração e estudo do valle do Amazonas, rio Trombetas,* (1875), *Exploração dos rios Urubú e Jatapú,* (1875), *Exploração do rio Jamundá,* (1875).

Era membro de varias sociedades e instituições scientificas estrangeiras e de seu paíz.

Estellita Tapajós.—Honrou por muito tempo as letras patrias, sobretudo em estudos biologicos. No departamento da anthropologia tornou-se luminar.

A feição caracteristica de seu espirito era a philosophia, tendo publicado *Ensaios de Philosophia e Sciencia,* (S. Paulo, 1898). A sua formação scientifica, póde-se dizer, operou-se no sul do paiz, onde expandiu o seu talento e illustração, tendo alcançado uma grande actuação no movimento intellectual do

Brasil. Estellita Tapajós, amazonense, vinculado a importante familia de Manaus, é talvez o mais alto e notavel representante da philosophia, que o seu Estado produziu. Filiou-se ao monismo evolucionista, de que foram grandes propagadores Tobias Barreto e Sylvio Romero. O philosopho amazonense abraçou, com Fausto Cardoso, o haekelismo sociologico. (1).

Foi sob este criterio philosophico que emprehendeu syntheses sobre a condição social da mulher, sobre a criminologia e a respeito da evolução da especie humana. Diz o padre Leonel Franca S. J. «que o essencial de suas idéas é o monismo haekeliano, com modificações pedidas a Spencer».

No Brasil, onde os estudos de philosophia não têm feito grandes progressos, onde as intelligencias se não têm revelado bastante perscrutadoras dos phenomenos do mundo e da sociedade nas suas mais altas generalizações, isto «pela falta de estudos methodicos e profundos, feitos sob a direcção de mestres abalizados», é digno de nota o realce que tomou, nesta ordem de idéas, o notavel scientista dr. Estellita Tapajós, que figura como um dos nossos pro-homens mais illustres.

Paulino de Almeida Brito. — Filho legitimo do capitão de artilharia Paulino de Brito, fallecido durante a campanha do Paraguay, e de Dona Ricarda de Al-

---

(1) Padre Leonel Franca S. J. *Historia da Philosophia*, 3.ª edição, pag. 302, 1928.

meida Brito, nasceu na cidade de Manaus, a 9 de Abril de 1858, e falleceu em Belém do Pará, em 1919.

Mostrou-se uma organização singular de grammatico, publicista, poeta e orador. Talentoso e culto, adquiriu fama no jornalismo e nos fastos da linguistica. Compoz duas grammaticas da lingua portugueza, a *Grammatica Primaria* e a *Grammatica Complementar*, tendo deixado ainda uma obra posthuma, a *Grammatica do Professor*. Despertou interesse em todo o paiz a sua discussão com Candido de Figueiredo, resultando dessa erudita polemica dois opusculos: *Collocação dos Pronomes* e *Brasileirismos*. Publicista e jornalista, collaborou por largo tempo na *Provincia do Pará* e na *Palavra*.

Paulino de Brito, que era um poeta inspirado, deixou dois livros de versos: *Cantos Amazonicos* e *Noites em claro*. Produziu *Contos* e *Historias e Aventuras*. No genero romance publicou *Dolores* e *O Homem das Serenatas*.

Formou-se em direito pela Faculdade do Recife, e exerceu por muitos annos o magisterio no Pará, como professor da Escola Normal.

Seu filho, o illustre dr. Paulino de Brito, que illustra a justiça do Acre, é o continuador de seu vibrante espirito.

Adriano Xavier de Oliveira Pimentel. — Jornalista dotado de um poder combativo extraordinario e figura insigne da imprensa, affeita ás grandes campanhas, em que se temperou o aço de sua penna.

Escreveu febrilmente, no repente de uma emoção, sob o fremir nervoso dos ataques inimigos, mas sem perder ou descurar o aprumo do articulista, que manejava polidamente a lingua, norteando os assumptos com segurança de vista. A sua passagem pela imprensa do Amazonas deixou um largo sulco e uma radiação que não se apagará tão cedo da nossa chronica jornalistica. Homem politico, de acção decisiva na marcha dos acontecimentos da Provincia e do Estado, de resolução prompta, temperamento rebelde ás posições acommodaticias, tratando do bem publico com carinho e elevado patriotismo, Adriano Pimentel prestou ao Amazonas, nos combates que sustentou com desempeno galhardo, inestimaveis serviços. Por isso mesmo, o seu nome é invocado com o respeito que merece, com a subida reverencia que desperta. Era um polemista temido, não só pela expressão candente de seus escriptos, mas tambem pelo poder singular de confundir o adversario com argumentos convincentes, pelo peso de suas razões, pela eloquencia envolvente de sua phrase, sempre limpa, e pela facundia e nobreza de sua critica formidavel e esmagadora. Muitos de seus artigos despertavam impressão profunda em todas as classes, onde esse valente jornalista se impunha pelo seu valor pessoal.

O *Quo Vadis?* — jornal em que lidou como um preliador intimorato, ha muitos annos, em meio ás tempestades politicas que annuviaram o horizonte desta majestosa cidade do Rio Negro, o *Quo Vadis?* — titulo symbolico da belleza de um passado longinquo, foi

incendiado e reduzido a escombros, tal o fremito, o fragor das pugnas, o arremesso impetuoso de seus artigos.

Joaquim Rocha dos Santos. — Tinha Rocha dos Santos uma grande qualidade de homem publico — saber dirigir, saber agir, dar os devidos rumos ao seu jornal e ás idéas que defendia. Conhecedor emerito da politica e, antes de tudo, do meio social, dos homens e das cousas, não tinha illusões sobre a marcha dos acontecimentos. Attento, alerta, ia movendo a machina de seu jornal — *Commercio do Amazonas*, o grande orgão indefesso e brilhante, e depois o *Jornal do Commercio*, em sua primeira phase, assumindo attitudes sympathicas ao povo e á sociedade. Com a experiencia do jornalista, o conhecimento pratico do politico, o velho faro astuto do sociologo, o timoneiro sagaz, que era, sabia dar ordens de commando e dirigir os seus amigos e correligionarios, aconselhando-os e defendendo-os. Foi este o mais notavel poder offensivo de Rocha dos Santos: um observador social como poucos, general estrategista de remarcadas pelejas. O seu orgão de imprensa, que elle trouxe para a actividade social e ao qual sacrificou as suas energias, como em aras sagradas os antigos sacrificavam aos seus deuses, o seu jornal era bem uma atalaia, uma fortaleza plantada no cimo do monte da ideologia republicana, inexpugnavel e lucifera. Rocha dos Santos era, por excellencia, o homem de imprensa. Director de jornal, sabia imprimir á polemica chispas de raios de sol reflectindo sobre marmores luzidios, resonancias de

crystal e estrepitos atroadores de bombardas. Soube reunir em torno de si a fina flôr da intellectualidade baré, que emprestava a energia moça e sanguinea de seu talento ao bravo e insubmisso matutino.

Alcedo Marrocos. — Pernambucano, nasceu em São Vicente, a 3 de Novembro de 1870. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1886, onde mais tarde defendeu these, recebendo o grau de doutor em borla e capello. Inscreveu-se em diversos concursos para lente daquella Faculdade, vendo-se sempre preterido, em virtude de suas idéas monarchicas.

Jurisconsulto, jornalista, philosopho e poeta. Seu credo philosophico era o espiritualismo, ou antes, o dualismo. Conhecia as literaturas proficientemente. Conversação refulgente e conceituosa, apesar dos arrastados tormentos da lidade e de precaria saude. Produziu diversas conferencias, em que o thema principal se referia á igreja e a motivos historicos. Deixou, inéditos, quando de sua passagem pelo Amazonas, um *Diccionario da Lingua Tupy*, e diversas poesias.

Em completa miseria, internado no Hospital Pedro II, no Recife (e isto por misericordia do seu conterraneo e amigo dr. Manoel Borba), falleceu cego, a 12 de Abril de 1923, sendo sepultado no Cemiterio de Santo Amaro, em carneiro perpetuo, que lhe foi dado pela Prefeitura Municipal daquella cidade.

José de Oliveira Sobrinho. — Jornalista, poeta e escriptor. Nasceu no Ceará, o Estado da Republica que

mais contribuiu com a porção de seus filhos para o desbravamento do Amazonas, e que mais forneceu onda immigratoria para os taludes amazonicos.

Oliveira Sobrinho distinguiu-se principalmente no jornalismo regional, onde publicou versos de innegavel realce e indiscutivel merecimento. A sua prosa era erudita, maleavel e de lances de enthusiasmo quente, que lhe emprestavam destacado relevo.

Leonidas de Sá. — Nasceu no Piauhy. Bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Professor da Escola Normal do Amazonas. Jornalista consummado. Foi redactor chefe do *Amazonas Commercial*, onde, cheia de brilho, deixou tradição a sua penna. Leonidas de Sá era um espirito equilibrado, de linguagem vehemente nas discussões em que se empenhava. Jornalista doutrinario, amava o idioma, que tratava com immenso carinho. Este conhecimento solido da lingua permittia-lhe uma composição syntaxica ajustada ao seu pensamento, á sua facundia espiritual, expressiva e eloquente. Seus artigos adquiriam um calor vital caracteristico. Lendo-o, tinha-se a impressão de um intellectual acostumado ás leituras meditadas e ao cultivo das obras capitaes da humanidade.

Heliodoro Balbi. — Nasceu em Manaus, a 16 de Fevereiro de 1878, e falleceu na cidade do rio Branco (Acre), a 26 de Novembro de 1918, em consequencia de uma grippe fatal.

Dez annos depois, a 13 de Fevereiro de 1928,

foram as suas cinzas piedosamente exhumadas, por iniciativa do illustre dr. Hugo Carneiro, governador daquelle departamento federal, e trasladadas em urna artistica para Manaus, onde chegaram a 25 do mesmo mez e anno, e onde repousam no Cemiterio de São João.

Para maior solemnidade deste acto, quiz o governador da terra longinqua, gloriosamente defendida por Placido de Castro, que o vice-governador do Acre, dr. José de Aguiar, acompanhasse os restos do grande filho do Amazonas.

O dr. Heliodoro Balbi descendia dos Balbi de Ragusa (Italia), pelo ramo paterno, e pelo materno de familia genuinamente amazonense.

O seu bello talento, o fulgor de suas virtudes civicas, a bondade que o dignificava e a solida illustração que possuia, tornaram-no em pouco tempo conhecido como estheta, orador, jornalista e philosopho, sobretudo politico combatente e desassombrado. Nesse excruciado cultor da belleza immortal havia o homem de envergadura de aço, de acção indomita, governando-se por principios, indifferente a interesses subalternos, o typo resplandecente de bondade, de grandeza dalma, de alvura ideal de sentimentos. Revestia-lhe a individualidade uma inamolgavel altivez. Sirva de exemplo, para demonstrar o quanto possuia de independencia mental e moral este nobre e egregio varão, o incidente havido entre elle e o lente da cadeira de Economia Politica, na Faculdade de Direito do Recife, onde se formou.

Um dos desgostos, devidos á sua nobre altivez,

segundo referiu em artigo vibrante, rebatendo accusações gratuitas, foi o de vêr cortada a sequencia das suas distincções por duas approvações plenas e uma simplificadora, perdendo assim o premio de viagem á Europa. Succedeu que dissentira da opinião do lente. Este irritára-se. A discussão azedou-se e elle terminou pela imprensa, reduzindo-lhe os conhecimentos da materia ás suas verdadeiras proporções. Desde ahi, o lente a quem Heliodoro Balbi podia dar por suspeito, systematicamente, em banca de exame, votava contra elle. No exame de Finanças, materia a que foi Balbi obrigado a estudar com afinco, declarou o professor, deante da Faculdade em peso que o assistira, que, apesar de serem as suas provas as melhores, não o distinguia. «Ah! a magoa desse homem ainda hoje a trago contra a sua memoria», escrevia mais tarde Heliodoro Balbi.

Não podendo conter o seu impeto de revolta, contra o lente, no dia da formatura, e deante da congregação reunida, disse estas palavras, sem temor de que lhe fosse cassado o grau:

«Eu mesmo (e falo em meu nome pessoal) sobre aquelle que menos soube respeitar o nosso convivio, que menos soube reconhece-lo e dignifica-lo, nesta hora suprema das expansões do meu espirito, lanço o meu perdão, que é a clemencia dos bons, não! atiro-lhe a minha misericordia que é a piedade dos fortes».

O seu discurso de collação de grau é um tra-

balho de fino lavor. Tem methodo, esthetica, brilho e uma assimilação profunda das correntes da philosophia. Paira alto o pensamento, libra-se nas transcendencias dos raciocinios ennevoados, distende a visão, argumenta e demonstra pouco vulgar dialectica. As escolas passam sob a sua retina e as theorias são estudadas com minucias de observação e de analyse. Não é só o trabalho philosophico que dá realce e subido valor a essa peça verdadeiramente magistral. E' tambem o estylo, a torrente das idéas, a construcção da phrase, o encanto profundo que ressuma da contextura da linguagem.

Seu lemma era o de Hamon: "O interesse pessoal ou de classe obnubilou a appetencia da verdade, que deve caracterizar todo o homem de sciencia". Artista, tendo em mãos o coelum e o escopro, esculpiu como um consummado lapidario, paginas que ficarão fulgurando e eternizam o seu nome.

É delle esta magnifica, elevada e eloquentissima profissão de fé, ao deixar a Academia, dirigindo-se aos novos bachareis, no discurso de formatura:

«Ides para a tremenda subversão de principios e caracteres, — mas ides como uma força de resistencia, como uma audacia convencida da firmeza de seu protesto. Levantai-vos contra todas as torpezas e iniquidades, contra os desmandos dos almetas e bonzos, satrapas e lacaios republicanos, cujos ideaes não transpuzeram nunca a cêrca de sua herdade e a linha do horizonte de sua aldeia, e aparvalhadamente, querem dirigir opiniões, governar povos, superintender cidades

e educar gerações. Opponde-vos, firme e tenazmente, ás mohatras e mashorcas daquelles que, com estupendo cynismo e indigna covardia, mercadejam a honra da patria, infamando a gloria de seu nome. Hoje que a insaciavel paixão da riqueza, o amor desordenado ao ganho, a cupidez sem nome é a lei dos nossos governantes, dos quaes se póde dizer com Sulpicio Lupercus que

Nulla huic in lucro pudoris erit:
Istud templorum damno existioque requirit;
Hoc cœlo jubeas ut petat, inde pedet...

entrae para a vida publica. Entrae sim, mas entrae como uma voz de protesto contra os olygarchas da Republica, contra os jornalistas impudentes, contra os advogados sem escrupulos, contra os governos ladrões, contra os juizes venaes. Entrae sim, mas entrae como legionarios do direito, como sentinellas da justiça, como amigos da liberdade e do homem. O patrimonio dos orphãos, a massa dos fallidos, os bens dos ausentes, precisam de mãos puras para guardal-os, de mãos limpas para geril-os, de mãos honestas para movel-os.

Hoje que os Fabios, os Curcios, os Cincinatus raream, desapparecem, morrem, é preciso crea-los, faze-los, multiplica-los».

O moço que assim falava, inspirado nos mais altos sentimentos de amor á patria, á democracia e á Republica, no bem commum, na moral que deve presidir aos nossos actos, não se desviou um só instante de tão bellos conceitos, de tão nobres directrizes.

Cultivou-os até os derradeiros momentos das batalhas que sustentou, sempre superior, firme, imperterrito e olympicamente grande e illuminado. Era um apostolo no doutrinar, um evangelizador que não conhecia obices, nem fraquezas, nem inquietações, nem incommodos, nem perigos.

Ao terminar o curso, Balbi era portador de um nome feito e honrado. Conquistara o grau á custa de estudos serios e ás suas proprias expensas. Uma das distincções que o enchiam de legitimo orgulho era a de ter sido orador official do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, do qual nunca foi socio nas homenagens por elle prestadas ao Presidente da Suissa, devido ao laudo das missões. Collaborou assiduamente na imprensa de Pernambuco, fundou revistas academicas, e era, nas solemnidades, quasi sempre o orador da Academia.

Ao chegar a Manaus, laureado em sciencias juridicas e sociaes, a 13 de Junho de 1903, viu o seu nome suffragado, simultaneamente por tres chapas, para um dos logares de deputado á Assembléa Legislativa Estadual, sendo uma por iniciativa do Partído Republicano, e duas chapas populares (uma do *Quo Vadis?* e outra de um grupo de moços amazonenses).

Tomando assento no Congresso, apresentou para logo cinco projectos de innegavel utilidade publica, tendentes, quasi todos, a supprimir bandalheiras e immoralidades. Todos cahiram em segunda discussão, salvando-se apenas o que mandava editar a obra literaria de Aprigio de Menezes e Adelelmo do Nascimento. «Senti

então, escreve o dr. Heliodoro Balbi, a flagrante incompatibilidade em que estava para com aquelle recinto, incapaz de cobrir a obra do patriotismo».

Apresentou-se candidato á cadeira de Literatura Nacional do Gymnasio Amazonense. Monsenhor Coutinho, no governo do Estado, nomeou-o, aproveitando as suas notorias aptidões evidenciadas em concurso, e quando já era sabida a sua opposição á situação politica dominante.

Heliodoro Balbi era titulado pela Escola Normal do Estado.

Nelle, ao lado do homem combativo clamando pelo seu sonho de liberdade, de democracia e de reforma de costumes condizentes com a boa ethica administrativa, pelejando pelo integral respeito ao regimen republicano, estava o professor, o chronista incisivo e diamantino, o panphletario indomavel e coruscante, o poeta, o jornalista fluente, fecundo, dominador·

Fez do *Correio do Norte*, juntamente com Adriano Jorge, outro talento cheio de bravura, o seu inexpugnavel baluarte, e a voz do combatente altanou-se formidando na peleja.

Era um orador de inviolavel correcção de linguagem. Manejava a lingua com uma elegancia distincta e uma accentuada virtude de guardar a pureza do idioma, aproveitando-lhe a modulação, a graça, a desenvoltura, a claridade.

Heliodoro Balbi não deixou obra escripta, senão a jornalistica e alguns bons versos. Apesar do mundo de idéas que lhe fervia na mente, do florilegio exuberante de

emoções que animava aquelle espirito, não teve vagar para escrever, para compendiar os seus pensamentos. Precisava de calma, de repouso para serviço de tal natureza. Dahi só constituirem seu acervo literario alguns sonetos e poesias esparsas e uma quantidade de artigos fulgurantes, que bastam para consagra-lo e eterniza-lo.

Damos, a seguir, um lindo soneto de sua lavra, onde o artista irreprehensivel se firma inconfundivelmente:

«DURANTE A FEBRE

Morrer! e ser lançado ao mar, no mar do Oriente...
No teu dorso senil, ondas do mar Vermelho!
E no defluvio real do teu liquido espelho
Ir a Morte arrastando o meu corpo inda quente...

Meu loiro sonho! minha pobre alma! meu velho
Tronco! a fluctuarem dentre os juncaes da corrente...
E debater-me em vão! como em vão, loucamente,
No aranhol se debate um aureo escaravelho!

No alto do céu radioso o occaso dos Oceanos...
Meu sangue a jorrar pondo vermelhas estrias
Na garganta de luz dos squalos e goelanos...

E eu só! e eu mudo! a rodopiar em caracóes!
Tendo, através as rubras orbitas vasias,
A illusão immortal de um combate de sóes...»

Por motivos de ordem economica, teve de acceitar uma causa no Acre e de partir para defende-la, deixando a sua estremecida esposa presa ao leito por enfermidade grave.

O momento do affastamento do glorioso amazo-

nida inspirou a Pericles Moraes uma de suas paginas de forte emoção e de irresistivel belleza, em *Figuras & Sensações.* Seria desfigurar essa hora tremenda se, desprezando os periodos crispantes de Pericles Moraes, estupendos de emotividade, tentassemos descrever esse quadro angustioso, esse momento terrivel da partida. Não! Lêde *Figuras & Sensações,* e vereis espiritualizada essa tragedia intima, que o calamo do artista faz vibrar convulsivamente.

Ainda de sua autoria é o celebre artigo, notavel a todos os respeitos, intitulado *As Cinzas do Campeador.*

De Heliodoro Balbi disse o egregio jurisconsulto Clovis Bevilaqua: «Artista da palavra escripta e oral, falleceu antes de desbastar as exuberancias proprias de um talento vasto, mas ainda não fixado em sua directriz. Tinha cultura literaria e philosophica» (1).

Symbolo de sua terra, possuia a violencia tormentosa de suas aguas e a harmonia de suas florestas estuantes de seiva e de belleza immortal.

Lá, em terras do Acre, emmudeceu para sempre a sua voz, desappareceu aquella figura irradiante de energia, apagou-se o fulgor daquelle olhar de myope, que reflectia lampejos de colera e meiguices de creanças, que dardejava scentelhas de indignações e tinha doçuras magnificas, que fuzilava de revolta e se purificava de bondade. Acabou aquella compleição musical de rythmos, ora escachoantes como a corrente irresis-

---

(1) *Historia da Faculdade de Direito do Recife,* 1929, Vol. 1, pag. 371.

tivel do Amazonas, ora suave como a aragem que balança os ninhos nas frondes das ingazeiras floridas.

O povo de Esparta, para demonstrar sua estima pelos cidadões distinctos, levantava-se á sua presença nos logares publicos.

Levantemo-nos perante este grande cidadão, que mereceu de Pericles Moraes, num artigo de alta vibratibilidade, estas palavras grandiosas e profundas:

AS CINZAS DO CAMPEADOR

«Com a maior das emoções de minha vida, eu vos saúdo despojos sagrados, que volveis hoje á Terra Mater! Em nome de minha dôr excruciante, eu te saúdo, grande Mestre e grande Amigo, na hora em que escapam as tuas cinzas immortaes de desapparecer esquecidas, nos barrancos do Acre, para virem, afinal, repousar no Amazonas, que nada fez para merecer o teu sacrificio! Porque ninguem mais do que tú, no amargor dos maiores revezes, soube defender a gleba ingrata das calamidades que lhe senhoreavam os destinos; ninguem, com tão nobre desprendimento, expoz a vida tantas vezes, arraigado na sinceridade de convicções inabalaveis, talvez mal comprehendidas e interpretadas, mas postas á prova sobranceiramente; nenhum outro amazonense, com a mesma renuncia e a mesma inflexibilidade, impermeavel ao ambiente de subornos e malversações, affrontou a tempestade de insania em cujos vagalhões o Amazonas se estorcia e quasi sossóbra. No redondel onde as paixões rodopiavam, appareceste como um justiçador implacavel e, para logo, te sobrepuzeste ás conjuncturas de uma época incapaz de comprehender as excelsitudes do teu sacerdocio. A historia desses prélios agitados é a

propria historia de tua vida conturbada; e, para que a sintamos nas suas crispações febris, não será mistér compulsar archivos. Basta o depoimento insuspeito dos contemporaneos. Não são os aspectos triviaes de uma vida — dá a lembrar uma epopéa de lances cornelianos. Fôste para o Amazonas, quando tudo se esboroava e corrompia, o homem-trincheira, o homem-reducto, o homem-estoicismo, resistindo á colera epileptica dos potentados; e, no mesmo instante, simultaneamente, fôste o centro de harmonia para onde gravitavam as intelligencias moças, que mal despertavam para a vida, desbordantes de enthusiasmo e refertas daquelle risonho optimismo das almas adolescentes e incontaminadas. Era ineluctavel a tua irradiação moral, como eram irresistiveis as projecções do teu talento, força luminósa e equilibrante transmudada em anteparo contra os odios que rugiam, açulados pelos epigrammas mortiferos de tua oratoria dominadora. A tua scentelha tribunicia, Heliodoro Balbi! Para o conclamar das massas, para o reivindicar dos direitos, para a defesa dos opprimidos, para o perigo das refrégas, qual outro verbo, depois do teu, vibrou mais alto na praça publica, impulsionado pelo mesmo impeto frenético e vingador? Elle só, eloquente, fagulhante, deductivo, na sua multiplicidade de arestas, — na cathedra de professor, na conferencia litteraria, nos tribunaes, nos comicios das ruas, no Parlamento, quando te rasgaram o diploma que o povo te conferira, — foi a arma predilecta de tuas pelejas e a razão de ser de todas as tuas victorias; elle só, esse verbo milagroso que no jornal fez de ti o pugilista da imprensa mais ardente que ainda conheci, foi um labaro de fé, ensinando á mocidade os evangelhos da honra, e foi, sobretudo, uma vontade indomavel, feita de sangue, de nervos e de musculos, que se superpoz á inconsciencia tresvairada dos tyrannetes.

Na technica da polemica, na dialectica do pamphleto, as tuas reservas de energias não se exgottaram jámais, e aos assomos da tua palavra de apostolo, sob a influencia do poder galvanico de teu espirito rebellado, as novas gerações se educavam em um credo novo de altivez e independencia.

Eis, em dois traços, o bosquejo impressionante de tua figura singular de combatente. Os discolos, por certo, tripudiavam, no seu triumpho transitorio, sob o bafejo das posições officiaes. Tú, não! O teu prestigio vinha do teu fascinio pessoal, dos teus gestos de homem, que traduziam todas as formas superiores da belleza. Eram de arrebatar as tuas attitudes, que contagiavam os mais incredulos e vacillantes. Houve um momento em que fôste o oraculo das multidões. Mas tambem, no ardor dos embates, por duas vezes provaste o fél das decepções que a politica propina. Desanimaste? Não! Os paladinos de tua tempera não desanimam—os vexames, os opprobrios, os imprevistos da lucta não lhes combalem a alma spartana. Ao revés, afervoram-lhes as energias. A derrota assim, sob o estuar das consagrações populares, é uma especie de emulação. Renóva o organismo. Retempéra as fibras enfraquecidas. Mas tú que tinhas em vida o poder de alliciar corações, deixas ainda com a tua morte, e pelo exemplo dessa propria vida, a ultima pagina de moderação, prudencia, sabedoria e patriotismo, legada aos porvindouros por aquelle que nunca fez mal a ninguem, que não transfugiu a principios de dignidade, que jámais transigiu com as conveniencias partidarias, que não soube cortejar a popularidade e não aprendeu a detrahir os seus amigos ou a humilhar os seus adversarios. A generosidade era o apanagio maior daquelle teu coração isento de perfidias. Foi por isso, por essas virtudes negativas, que um dia, golpeado de provações e de contra-

tempos imperiosos, fôste obrigado a fugir, Heliodoro Balbi! e buscaste o Acre, o teu ultimo exilio de impenitente idealista. Não eras, positivamente, o homem de tua época. Recordo, na hora em que chegas, os derradeiros periodos amargos dessa carta dolorósa, escripta em 1918: «Não pósso imaginar o dia de minha alforria. Creio, porém, que só em Fevereiro poderei ahi estar. Sou um enclausurado neste ermo, sem dedicações, sem amigos, quasi selvagem, condição a que fui levado por necessidade prophylatica, por hygiene pessoal. Nada tenho feito. Mas não irei a Manáos sem solver os meus compromissos. Prefiro morrer em caminho. O Acre é uma grande illusão...»

Realmente, assim foi. Estás de volta, em Fevereiro,—dez annos depois!—mas apenas de ti, meu nobre Cid, poeira e saudades dentro de um relicario, ultimo farrapo de um sonho que se diluiu na voragem. Eia, Campeador, que assaz luctaste! São assim ironicos e ephemeros os destinos humanos. E' essa a synthese suprema da vida: Cinzas!... Cinzas!... Cinzas!... Mas a tua gloria, a tua grande gloria, essa ao menos, será insensivel ao ludibrio dos homens e ás devastações do tempo, e permanecerá eviterna e legendaria, como o teu nome, symbolo da honra, da bondade, da grandeza e do heroismo amazonicos.»

Fevereiro, 928.

Guilherme Salles.—Nasceu no Pará, mas passou toda a sua vida no Amazonas. Era uma figura seductora de artista e de poeta. Irmão gemeo dos bohemios de Murger, os seus melhores madrigaes foram feitos de improviso, em noites de esturdia. Pertencente á geração de Pericles Moraes, foi um dos fundadores, em Belém, do Apostolado Cruz e Souza. Collaborou

com brilhantismo em varios jornaes de Manaus, sobretudo no *Commercio do Amazonas*, de Rocha dos Santos. Guilherme Salles foi, realmente, um dos poetas maiores do seu tempo. Ainda hoje ninguem esqueceu o soneto *Ansia Eterna*, que é uma obra prima de arte e de emoção. O destino levou o poeta para as regiões inhospitas do Madeira, e de lá, depois de ter arriscado a vida muitas vezes, com o organismo combalido e o espirito desencantado, retornou a Manaus, onde viveu os seus ultimos dias. Morreu tuberculoso, em 1920.

Lucas Evangelista Calado de Almeida. — Era outro bohemio de talento. Escrevia versos por vocação innata, mas de cultura superficial, a sua obra poetica se ressentia desse vicio de origem, sendo frivola e incaracteristica. Calado tinha indiscutivel veia humoristica e era um conversador de prosa attrahente e cheia de ductilidade. Ainda moço, morreu na Santa Casa de Misericordia desta cidade, em 1922, em consequencia do impaludismo que o acommetteu quando, no interior do Amazonas, procurava manter a subsistencia.

Tecelino de Almeida. — Poeta dos mais inspirados da sua geração. Era tambem um bohemio incorrigivel, esquecido da vida e dos seus preconceitos. Quasi todas as suas poesias, irreprehensiveis na essencia e na fórma, fizeram época em Manaus. *Escravo*, soneto de rara contextura verlaineana, teve num momento a celebridade dos *Dois Cysnes*, de Julio Salusse, e da

Cegonha, de Annibal Theophilo. Morreu em Belém, no verdor dos annos, em completo abandono.

Maranhão Sobrinho.—Nasceu em S. Luiz do Maranhão, mas as suas horas de triumpho deve-as ao Amazonas, onde passou os dias melhores e onde morreu no alvorecer da vida. Deixou tres livros de versos *Estatuetas*, *Papeis Velhos* e *Victorias Regias*, este ultimo, porém, por ser extremamente mediocre, em contraste singular com os dois primeiros, que lhe marcam a época do esplendor. Os seus versos, de feição parnasiana, lhe davam a medida da peregrina intellegencia. O publicista maranhense Antonio Lobo, no seu livro *Os modernos athenienses*, consagra-lhe uma pagina de altos louvores. A sementeira de oiro de sua phantasia e de sua imaginação não resistiu ao ambiente empestado das espeluncas e dos alcoices, onde o poeta se chafurdou nos seus derradeiros dias. Maranhão Sobrinho morreu como uma cigarra abandonada, numa tarde chuvosa de inverno, quasi na miseria, sem affeições e sem amigos, num suburbio longinquo da cidade.

Ludovico Lins.—Não ha ainda, embora a distancia de cinco lustros, quem tenha esquecido o nome sonoro do citaredo magnifico, que foi a flôr maviosa e enternecida da cidade. Ludovico era uma alma de creança, ingenua e compassiva, e os seus versos lyricos lhe denunciavam a commovida sensibilidade. A sua poesia tinha o perfume do peccado e da tristeza,

com a melodia e a caricia sensual dos poemas agitados pela violencia das paixões. Não deixou, de toda a sua não pequena producção poetica, um só volume. Morreu, como morrem os privilegiados das Musas, enclausurado no seu sonho de belleza.

Nylo Guerra.— Poeta e soldado, alma de Apollo na carcassa de Pigmalião. Era um espirito vigoroso e uma sensibilissima organização de estheta. Quando publicou a sua novella *O Harpista,* que foi o indice do seu temperamento de escriptor, o critico francez Philéas de Lebèsgue, do mensario *Mercure de France,* enviou-lhe uma carta que era uma authentica consagração. Considerava-a o seu maior titulo de gloria. Tinha um grande livro, synthese de sua obra e resultado de suas concepções philosophicas *Poemas da Vida,* que não chegou a publicar, e onde se enfeixavam os seus sonetos mais formosos, taes como: *Traição, Hypocrisia, Bondade, Alma, Vida,* — um rosario de symbolos immortaes, que lhe accusavam a requintada esthesia. Morreu no Acre, a «Terra das illusões», e o seu nome é uma sombra que se apaga com a poeira dos annos.

Theodoro Rodrigues.— Poeta e grammatico. Nasceu no Pará, mas esteve no Amazonas muitos annos, moirejando no jornalismo. Fez parte da redacção do antigo *Correio do Norte,* da direcção de Heliodoro Balbi e Adriano Jorge. Escrevia versos e puerilidades rimadas. Tinha muita voga uma secção humoristica de

sua autoria — *Pandemonio*, sob o pseudonimo de Ariel. Estreiou com um volume de versos — *Pallidos*, de nenhuma repercussão. Depois, já na maturidade, fez editar as *Canções do Norte*, livro onde está reunida toda a sua obra poetica. Publicou tambem um livro didactico — *Methodo de Analyse*, de relativo merecimento. O soneto *Duas Ondas* deve ser considerado, talvez, o seu mais aprimorado florão de artista. Morreu repentinamente em Bélem.

Julio Tabosa.—Foi, innegavelmente, um dos poetas bohemios de mais viva intelligencia que ainda perlustraram as plagas amazonicas. O seu nome vive ainda na lembrança dos que o conheceram de perto. Coração generoso, infinitamente prodigo, Tabosa fazia caridade como se cumprisse um dever, e nessa nobreza de attitudes consistia a sua maior satisfação. Com a hypertrophia da sensibilidade, passava os dias no convivio enamorado das Musas, joeirando rythmos e rimando alexandrinos, que tinham a reverberação de pedras preciosas. Á noite, presa da tentação fatal, mergulhava nos vortilhões do panno verde, assistindo ás vezes o nascer do sol. Era um impenitente viciado, sem duvida alguma, mas que ostentava á cabeça a corôa magnifica de luminósas virtudes. Bacharel em direito, a advocacia jamais o seduzira. Viveu pobre, fazendo versos, desafiando a vida dentro do seu incuravel idealismo, e morreu desgraçado, na mais extrema penuria.

Nestor Cyriaco. — Outro poeta, de vocação admiravel, que tinha pelos requintes da fórma o enlevo dos joalheiros da expressão. Os seus versos eram fascinantes miniaturas, que pareciam retocados por Watteau. Adorava Banville e tinha o culto de Heredia. Ha sonetos, que trazem o seu nome, dignos de figurar na galeria dos *Trophéus*. A tuberculose prostrou-o no Rio, quando pretendia embarcar para Minas, em busca de ar temperado das montanhas.

Bertino de Miranda Lima. — Publicista e historiador. Deixou algumas paginas sobre agricultura e industria e um livro intitulado *A Cidade de Manaus* (Sua historia e seus motins politicos), 1908.

Bertino Miranda corrigiu alguns erros que andavam nuns tantos chronistas e historiadores apressados, accentuou factos da nossa vida politica e reconstituiu a guerra da Cabanagem nos sertões do Pará e Amazonas.

Escreveu o prologo para a 5.ª edição dos Annaes de Berredo, que quiz arrancar do esquecimento. «A Berredo, escreve B. Miranda, se devia restituir o logar que lhe compete na bibliographia amazonica. Era um culto quasi apagado, que pretendemos reaccender, reeditando os seus *Annaes Historicos*, obra preciosa por tantos titulos e no seu tempo a mais completa e erudita».

Era um empolgante visionador da historia, em que se conduzia com arguto criterio e dentro dos moldes do processo moderno. *A Cidade de Manaus*

é um pequeno livro que trata, como o titulo está indicando, dos acontecimentos da capital amazonense, desde a sua fundação, quando era a fortaleza da Barra, recuando ainda o historiographo a factos anteriores, até pouco antes da installação da provincia, — « quasi dois seculos de episodios interessantes ».

Neste livro é justo salientar o escrupulo excessivo com que foi escripto. O autor, um manejador elegante do idioma, e um sabedor de historia, « sempre teve á vista documentos veridicos, uns raros e outros inéditos ». Não fôsse o caracter por demais synthetico do livro, redigido « com a soffreguidão de concluir um encargo urgente », e ter-nos-ia legado o emerito polygrapho um trabalho notavel. Mesmo assim é indiscutivel o merecimento do « pequeno arcaboiço » de historia do Amazonas, de Bertino Miranda. (*)

Telesphoro de Almeida. — Arrebatado da vida ainda em plena maturescencia do talento. Não prezava o apuro no vestir. Dir-se ia um orador atheniense, que houvesse fugido da Hellade gloriosa.

Thaumaturgo Vaz. — Grande jornalista e poeta suavemente lyrico foi Thaumaturgo Vaz, figura de bohemio irrequieto. Tinha uma prosa esfusiante e era de uma ironia quasi satanica. Ás vezes a musa lhe sahia brincalhona. Occupando-se de Thaumaturgo Vaz, e sentindo-o preso ao leito por enfermidade grave, Pericles Moraes esculpiu estes conceitos lapidares: « O homem era uma figura complexa, de infinitas mo-

dalidades. De conjuncto, plasmado exteriormente, fascinava. Havia, paradoxalmente, tanta belleza na majestade daquellas attitudes, na pureza intencional daquelles gestos, na sinceridade de tantos aspectos controvertidos, que temeridade seria a pesquiza interior, de onde pudesse surgir a surpreza de arestas antagonicas». — (*Figuras & Sensações*). Era membro da Academia Amazonense de Letras.

Caio Cavalcante. — Aprumo, correcção de linhas, elegancia sóbria no trajar, estirpe de fidalgo e indumentaria de Brummel. Eis a configuração deste poeta, que fazia versos redolentes e doloridos, lembrando Musset e Samain. Morreu adolescente, quando mal abria os olhos para a vida. Os seus sonetos desappareceram no turbilhão dos jornaes, como desappareceu o seu nome na vertigem das horas que passam.

Annibal Theophilo. — Gloriosa figura de poeta e de campeador Residiu no Amazonas de 1903 a 1912. Quando aqui chegou, já o seu nome recebera a consagração dos mais eminentes criticos da Metropole. Fôra amigo intimo de Bilac e de Coelho Netto. Em Manaus, num minuto, se tornou o idolo de sua geração. Como homem, no impeto das attitudes, na bravura desordenada, nos gestos de nobreza e no destemor das acções, era um Cid corneliano. Como poeta, os seus poemas — fontes luminósas de emoção sensual e artistica, reflectiam as alegrias superiores da vida. *Rimas*, o seu primeiro e unico livro de versos, é uma

evocação subtil e fugitiva de seu espirito, que mal revela a flamma do animador. Morreu tragicamente no Rio.

Luiz Elysio de Oliveira.—Espirito fogoso de polemista, foram sem conta as suas brilhantes pelejas de jornal. Foi tambem poeta, e deixou em volume uma collectanea de poesias—*Versos Antigos*, dormindo no mais profundo silencio. Morreu victima da furia de faccinoras assalariados, quando exercia as funcções de delegado de policia, em uma cidade de Minas Geraes.

Rodrigo Costa.—Professor de Direito, especializado em direito commercial. Extensa cultura philosophica. Viajado pela Europa, conhecia bem varias linguas. Amigo de Goran Bjorhman. Traçou com elevação uma conferencia subordinada ao titulo *A mulher e o symbolismo catholico na arte*, 1900.

A Instrucção Publica na Suecia, 2.ª edição, 1913, valeu-lhe as melhores referencias da imprensa do Rio. Deixou ainda *Uma Pagina de Historia* (estudo biographico do conselheiro Andrade Figueira).

Tinha um estylo ameno, e era erudito sem prolixidade.

O dr. Rodrigo Costa nasceu em Codajás (Amazonas) no dia 3 de Agosto de 1875 e falleceu no Rio de Janeiro, em 1915

Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt.—Velho politico e ex-governador do Amazonas, onde nasceu,

em 23 de Novembro de 1853, e falleceu em 3 de Março de 1926. Deixou duas monographias, *O Municipio da Labrea*, (1918), *Memoria Historica sobre o Municipio de Parintins*, (1924), afóra alguns folhetos a respeito dos limites deste Estado com o de Matto Grosso, finanças e economia.

Não tendo ourejamentos na prosa, a narração sahia-lhe precisa. Era um perfeito conhecedor dos homens e das cousas do Amazonas. Foi socio fundador do Instituto Geographico e Historico do seu Estado.

João Baptista de Faria e Souza. — Pernambucano, morreu já sexagenario. Publicista e paciente collecionador de antigualhas e jornaes, tendo um archivo enorme e precioso. Ficaram de J. B. de Faria e Souza muitos trabalhos dispersos sobre historia do Amazonas, biographias, numismatica. Operoso, tinha uma maneira de escrever um tanto acanhada; estendia-se em particularidades dispensaveis, que o tornavam fastidioso. Seus escriptos, entretanto, não deixam de ser interessantes.

Domingos Theophilo de Carvalho Leal. — Preso á sua ideologia republicana, foi sempre, durante as suas campanhas politicas, um vigoroso orador e jornalista.

Bernardo de Azevedo da Silva Ramos. — Depois de uma longa existencia consagrada ao seu Estado, succumbiu no dia 6 de Fevereiro de 1931, no Rio de

Janeiro, para onde seguiu com o fim de acompanhar a impressão de sua obra *Tradições e Inscripções da America Prehistorica,* e fazer-lhe a revisão, mandada compôr pelo governo da Republica. Egyptologo, historiador, numismata, archeologo. A obra volumosa sobre aicheologia absorveu-lhe muito tempo. Os desenhos, executados por elle e por sua esposa são primorosos e admiraveis. Bernardo Ramos consagrou as suas energias a este importante trabalho, reproduzindo nas suas paginas innumeras inscripções e legendas, esculpidas em pedras e dando-lhe a respectiva decifração. Desempenhou differentes commissões, viajou pela Europa e Asia. Produziu uma conferencia, em 1912, na Cathedral de Manaus, sobre o Egypto, a qual anda impressa.(x)

Possuia um caracter austero. Socio fundador do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, occupava com brilhantismo a curul presidencial.

Francisco Pedro d' Araujo Filho. — (1870-1931). Peregrina cerebração, forrada de classissismo. Tribuno fogoso e jurisconsulto, havendo sustentado prelios memoraveis. Tinha a linguagem rigorosamente vernacula, enroupando pensamentos profundos. Sempre desprezou a riqueza, e manteve-se em todos os lances dramaticos de sua vida altivo como um semi-deus. Pericles Moraes consagrou-lhe um livro *A Vida Luminosa de Araujo Filho,* Livraria Classica, Manaus, 1931, em que lhe recorda a existencia de varão illustre, a cultura, o talento, as facetas do temperamento ardoroso

de republico. Seu filho, dr. André Vidal de Araujo, pensa reunir a bagagem scientifica e literaria do latinista e professor de direito, as suas conferencias e artigos de jornaes, para que não fique no pó do esquecimento tão rutilo engenho.

Natural de Pernambuco, onde nasceu na cidade de Goyana, empenhou-se no Recife em campanhas republicanas, vindo depois para Manaus, onde montou banca de advocacia. Era professor na Faculdade de Direito. A tribuna judiciaria e popular tinha no dr. Francisco P. d'Araujo Filho um insigne orador, de eloquencia nervosa e energica.

Manoel José Ribeiro da Cunha.—Medico. Falleceu no Rio de Janeiro, para onde seguira já em idade avançada. Illustradissimo, meticuloso, harmonico. O dr. Ribeiro da Cunha foi eleito membro da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, hoje Academia Amazonense de Letras, no dia 1.º de Fevereiro de 1919, para a vaga aberta com o desapparecimento de Heliodoro Balbi, que occupava a cadeira que tinha por patrono Tito Livio de Castro. Recebido em sessão solenne de 21 de Março, pronunciou um formoso discurso, que é um hymnario á vida, ao caracter e ao talento do desventurado academico que elle foi substituir, constituindo uma hora de deliciosa expansão espiritual. Recebeu-o na Academia o dr. José Francisco de Araujo Lima que, estudando a personalidade do recipiendario, lhe talhou o vulto, dando-lhe o relevo a que tinha direito, mostrando a sua singeleza, a sua

bondade, o seu saber e salientando o individuo, fundamentalmente sentimental e o artista.

O douto academico era simples, encantador, dotado de uma sympathia envolvente, de uma delicadeza de arminho. Desinteressado e caridoso, era bem o apostolo da sciencia medica, a que se tinha dedicado.

Em politica, tinha o dr. Ribeiro da Cunha predilecção pela monarchia.

Astrolabio Passos. — Clinico de comprovado saber, que fazia da sua profissão um nobre sacerdocio. Era uma vontade ferrea a serviço da instrucção e da educação. Director de honra da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de Manaus, tornou-se o guia clarividente da Universidade, em que depois se transformou a Escola Livre. Elle foi o esforçado consolidador da obra benemerita de Eulalio Chaves (a fundação da Escola Universitaria Livre de Manaus, officializada pela Lei n. 601, de 8 de Outubro de 1909), o seu prestimoso timoneiro, o braço constructor, o sentinella vigilante. Exercia na Faculdade a cathedra de professor substituto de Medicina Publica. As gerações das nossas escolas superiores muito devem ao espirito, ao coração, á sinceridade, ao civismo desse egregio cidadão, que era o symbolo da bondade e da benevolencia.

O dr. Astrolabio Passos, que foi deputado á Assembléa Legislativa do Estado, possuia dons de orador fino, elegante, fluente e delicado. Tangida por um instincto de belleza interior, a sua palavra prendia,

seduzindo os auditorios. Ás vezes despontava-lhe na conversação ou nos discursos picante ironia, intelligentemente urdida, mas sem vesicantes.

Bento Aranha — O seu espirito tendia para a ethnographia e para a ethnologia, com derivativo para a historia. Guardando o tom cavalheiresco da familia, escreveu a biographia de seu benemerito pae, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que bem podia se alliançar, pelas affinidades moraes e psychicas, á progenie dos varões illustres de Plutarco.

Dirigia com muita habilidade a revista *Archivos do Amazonas,* em que se vulgarizavam documentos geographicos e historicos, leis, decretos e alvarás antigos, autos e noticias referentes ao Amazonas.

A maíor contribuição de Bento Aranha neste sentído, foi o seu longo e bem feito estudo *As Explorações e os exploradores dos rios Uapés e Içana,* inserto nessa publicação nos annos 1906-1907.

Cid Lins — Era uma figura insinuante de poeta nephelibata, melenudo, esguio, anguloso, transcendente no sonho de belleza. Do seu perfil irradiava uma suave tristeza. Cid morreu tragicamente em Sergipe, seu berço nativo, a 27 de Março de 1925. Era bacharel em direito pela Faculdade de Manaus. Nasceu em 26 de Abril de 1889.

Octavio Sarmento — Plasmou num emmolduramento luminoso de perspectivas o seu canto *A Uirara,*

expressivo poemeto que pôz em relevo a sua sensibilissima rede nervosa. Na sua visualidade, a torrente do Amazonas se estende em curvas sensuaes

«Entre as margens que a doce brisa afflora»

Este e outros poemetos de Octavio Sarmento cujo estro a morte immobilizou, autorizam affirmar que elle iria longe no ferir o rimario das emoções, que a contemplação da natureza ambiente lhe despertava na psiché.

Conde Ermanno Stradelli. — A' lista dos nossos publicistas póde-se juntar o nome do conde Ermanno Stradelli, de origem italiana, aliás pouco aristocrata, não obstante o titulo nobiliarchico. Esteiado em seus conhecimentos de geographia e cartographia, organizou um mappa do Amazonas, de que tirou duas edições. O trabalho do conde Stradelli não escapou ás garras da critica. Bento Aranha, um vivo indagador destes assumptos, mostrou-lhe os erros, dizendo que elle desconhecia as fronteiras da nossa nacionalidade com a Bolivia, Perú, Equador, Venezuela e Colombia «razão esta pela qual tirou os rios Apaporis e Tarahira, no Japurá, Tiquié e quasi todo o Uaupés, no Negro, no Brasil, e de mãos abertas deu-os á Colombia». E accrescentava: «A carta geographica do Amazonas, do illustre conde de Stradelli, embora apadrinhada por nomes de proficientes geographos citados por elle, para servirem de fundamento aos seus trabalhos, pecca, todavia, por não se ter baseado em outros scientistas de diversas commissões brasi-

leiras de demarcação e limites, principalmente na parte referente aos tratados celebrados entre os supra mencionados Estados espano-americanos e o Brasil». (*Archivo*, Vol. I, 1906).

O conde de Stradelli partilhou de algumas commissões no interior do Amazonas, e realizou varias viagens de exploração em muitos dos seus rios. Travando conhecimento com diversas tribus, escreveu *Pequeno Vocabulario Grupo de linguas tocana*, publicado no Tomo VI da terceira reunião do Congresso scientifico Latino-Americano, celebrado no Rio de Janeiro, em 16 de Agosto de 1905. Um outro trabalho, de muito lavor, onde se concretiza o seu sentimento artistico, é o poema *Ajuricaba*, publicado no jornal *O Correio do Purús* (1898).

Chegoù a Manaus em principio de Março de 1881, depois de percorrer grande parte da Republica de Venezuela, onde foi, em commissão da Sociedade de Geographia de Roma, estudar a bacia do Orenoco, tendo descido pelo sertão até esta capital. Maís tarde, voltando á sua patria, recebeu a honrosa incumbencia do governo italiano de, justamente com Augusto Serra dei Duchi di Cardinali, explorar os systemas do Orenoco e do Amazonas, tendo aqui chegado, de retorno, em 1888. (1)

Depois de alguns annos de permanencia no Estado, teve ainda occasião de ir á Italia, onde passou pouco tempo, volvendo logo ao Amazonas.

---

(1) J. B. de Faria e Souza, *Diario Official* (do Amazonas) de 25 de Março de 1926.

O conde Ermanno Stradelli naturalizou-se cidadão brasileiro. Tirou a carta de advogado provisionado. Occupou o cargo de Promotor Publico do 2.º districto de Manaus, em 1895, tendo sido removido para a comarca da Labrea, no Purús, no mesmo anno. Em 18 de Novembro de 1912 foi nomeado Promotor Publico de Teffé, onde passou muitos annos, sendo lá contaminado pelos horrores da morphea, que o victimou. Falleceu no dia 24 de Março de 1926, no Umirisal, antigo estabelecimento de leprosos, á margem do Rio Negro, em estado de solteiro, com 75 annos de idade.

Publicou muitos artigos na revista *O Direito*, do integro e brilhante jurisconsulto Bento de Faria, actualmente figura ornamental da Côrte Suprema. Inseriu outros trabalhos no *Bolletino della Societá Geographica Italiana*, como *Rio Branco, L' Uaupés e gli Uaupés.*

Em seu espolio, arrecadado pelo Juizo de ausentes da comarca de Manaus, foram encontrados, em original, ainda inéditos, dois grossos volumes, dactylographados, sob os titulos seguintes: *Pequena Encyclopedia e Diccionario Nheengatu—portuguez,* Teffé, 1922; *Diccionario Nheengatu italiano e italiano Nheengatu,* «nota sugli usi, costumi, tradizioni e leggende indigene compilato in una lunga residenza nelle Amazzone,—preceduto da uno Sbozzo Grammaticale e seguito da una Legenda in Nheengatu, por cura Ermanno Stradelli».

Em Teffé vivia isolado, solitario como um

eremita, no alto da Campina, arrabalde da vistosa cidade do Solimões, até que, peorando consideravelmente, se recolheu ao Umirisal, onde terminou os seus dias.

Agesilau Pereira da Silva.—Filho do Piauhy, provecto advogado que deixou fundas tradições no meio forense de Manaus. Jornalista diserto. Falleceu em 1913.

Olavo Ferreira.—Engenheiro civil. Assignalou-se pelo poder impressivo de sua mentalidade. Com effeito, ninguem melhor do que elle sabia dar um colorido distincto á conversação nem maior realce a um artigo de jornal. Na polemica sobresahíam, palpitantes de vida, as suas respostas esfusiantes e esplendorosas. O brilho de sua capacidade, como profissional e como amante das bellas letras, perdura em nossos annaes jornalisticos, como individualidade marcante pela nobreza e rumor das idéas.

Raymundo Monteiro.—(1883-1932) Artista de formosas concepções. O seu rythmo brando e a sua poesia espelham a dolencia espiritualizada de uma alma sonhadora. Pódem-se applicar a elle as palavras de Alphonse Séché et Jules Bert ut: «C'est que le tempérament de l'artiste est essentiellement féminin; comme la femme, l'artiste est un être de *sensations*. Il est avant tout guidé par sa plus ou moins grande faculté d'emotion: l'artiste n'est pas un instrument de

raisonnement, mais bien un instrument de résonance — si l'on ose ainsi parler!...» (*Ch. Baudelaire, pag. 14*)

O nosso poeta era bem um instrumento de resonancia. Parnasiano, caprichoso na fórma, que procurava escandir e limar, não perdia contudo a inspiração que lhe abrolhava do cerebro.

Obra publicada: *Horas Lentas*.

S. C. de Mello Rezende. — Educado e fino, a sua longa estada em Paris creou-lhe um ambiente aristocratico, pondo-o em contacto com os principes do Brasil e outros fidalgos. D. Pedro, em excursão ao paiz, foi seu hospede gentilissimo.

Jurista, advogado, não se esquecia de cultuar a literatura e a historia. Jornalista, publicou excellentes artigos em que pôz em evidencia a sua illustração bem ordenada e a sua fina intelligencia..

A obra de D. Luiz de Orleans, publicada originariamente em francez sob o titulo *Sous la Croix du Sud*, foi trasladada para o portuguez pelo autor com a collaboração do dr. Mello Rezende.

Em reunião da Academia Amazonense de Letras, realizada a 9 de Abril de 1932, foi o dr. Simplicio de Mello Rezende eleito para a vaga do dr. Ribeiro da Cunha. O illustre academico preparou o seu discurso sobre a individualidade que ia substituir. E' uma peça longa, bem elaborada, onde a miude se encontram referencias amargas á acção da politica republicana brasileira e epigrammas acerados a alguns dos nossos homens de Estado. A figura de Ribeiro

da Cunha surge admiravelmente nitida nesse discurso que o conceituado academico devia pronunciar no sylogeu amazonense, si a morte o não viesse roubar, com surpreza para todos, em 10 de Julho de 1932.

Manuel Francisco Machado.— Barão do Solimões. Uma das figuras mais proeminentes da vida politica do Amazonas, quer no Imperio, quer na Republica. Nascido no Pará, na vetusta cidade de Obidos, em 30 de Novembro de 1841, naquella mesma cidade veio a fallecer, em 18 de Agosto de 1928.

O dr. Manuel Francisco Machado, não obstante ser paraense e dos mais notaveis, fez a sua vida publica no Amazonas, que elle estremecia, e onde exerceu a sua fecunda actividade na politica, na administração, na imprensa e nas letras. Homem de dotes excepcionaes, de severa disciplina mental, de maneiras fidalgas, austero e nobre nas acções, o dr. Machado foi chefe de partido, presidente da Assembléa Provincial, senador federal á Constituinte. A Republica veio encontra-lo á frente do governo do Amazonas, em cujas funcções foi investido no dia 1.º de Julho de 1889, tendo sido o ultimo presidente da Provincia. Succedeu ao dr. J. de Oliveira Machado. Gosava da consideração do Imperador D. Pedro II, que o agraciou com o titulo de Barão do Solimões, por decreto de 25 de Setembro de 1889. No inicio do seu governo, recebeu o Conde D'Eu, que percorria o Paiz, acompanhado do barão de Corumbá, João Mendes Salgado. S. Alteza Imperial recolheu

boa impressão de Manaus. Tendo ido a Tabatinga, não cessava de exaltar a grandeza dos panoramas empolgantes do Solimões.

Uma vez no governo, o dr. Manuel Francisco Machado voltou-se para o problema das finanças, então muito precarias, e para os mais urgentes e indispensaveis serviços de que necessitava a Provincia. A instrucção publica mereceu-lhe carinhosa reorganização.

A sua administração foi muito curta, pois no dia 21 de Novembro rebentava em Manaus a alviçareira noticia da proclamação da Republica, no Rio de Janeiro, recebida com um enthusiasmo vibrante por parte dos elementos republicanos. Logo uma commissão foi a Palacio, e o dr. Machado entregou o poder sem resistencia. Sua illustração, sua honradez comprovada, a ponderação com que pautava os seus actos, seus gestos de homem superior, a grande somma de serviços prestados a esta unidade da nação, reuniram em torno de sua pessoa os melhores valores prestigiosos do Estado, que o elegeram, em 1890, senador á Constituinte por uma expressiva e enorme maioria. Na sua vida publica o eminente servidor do Amazonas deixou exemplos de alto desinteresse e abnegação civica, de belleza moral de attitudes e de serena coragem.

Era doutor em direito pela Universidade de Coimbra. O seu diploma está concebido nos seguintes termos:

EM NOME DE DEUS, AMEN.

O DOUTOR JOSÉ ERNESTO DE CARVALHO E REGO, do Conselho de sua Magestade, Fidalgo Cavalleiro da sua Real Casa, Commendador das Ordens de Christo e Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, e da Imperial Ordem da Rosa no Brasil, Lente de Prima Jubilado da Faculdade de Theologia, e Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, etc. Faço saber que MANUEL FRANCISCO MACHADO, filho de Francisco José Machado, natural de Obidos, Imperio do Brasil, havendo conseguido o Grau de Bacharel na Faculdade de Direito, como mostrará por sua Carta, e havendo continuado mais um anno de frequencia, ouvindo as lições de sua obrigação, conforme os novos Estatutos desta Universidade, com prova delle se habilitou para fazer, como fez com effeito, a sua formatura em 6 de Julho de 1860; no qual Acto, sendo examinado pelos Doutores seus Mestres, e sendo distribuidos e regulados os votos, foi approvado, NEMINE DISCREPANTE, como consta de Assento que d'isso se fez no Livro dos Exames, Actos e Graus do dicto anno a fol. 185, o qual me foi presente ao assignar d'esta. E porque com a referida Approvação, conforme as Leis do Reino e Estatutos d'esta Universidade, póde usar de suas Letras livremente em qualquer parte, lhe mandei passar a presente por mim assignada, e sellada com o sello desta Universidade. Dado em Coimbra aos 14 de Julho de mil oitocentos sessenta e nove.»

Nos escriptos doutrinarios ou de polemica, o seu talento desdobrava-se em conceitos de moral e de

philosophia, em exposições syntheticas, mas precísas, illustrando o seu estylo com phrases latinas frequentes. O humanista formára o seu espirito na leitura dos grandes poetas e prosadores da antiguidade classica da Hellade e do Lacio. Sua penna com elegancía, serenidade e, ás vezes, com muita vehemencia, abordou todos os assumptos: politica, finanças, instrucção, educação, viação.

No seu Estado occupou cargos de evidencia. Em Obidos, a sua velha e querida cidade natal, occupou-se da advocacia, em que se fez um nome. Ao Amazonas, porém, achava-se radicado; criou raizes na politica, na vida social, no fôro, nas letras, no jornalismo, na tribuna. O hellenista, o latinista conspicuo, sentia a volupia espiritual de ler no texto Virgilio e Tacito, e interpreta-los. Falava o latim como Racine. Elle tinha no estylo «a majestade um pouco pesada da fórma latina», na expressão de Charles Simond. Jornalista de grandes recursos dialecticos, não explodia em indignação, não tinha arremessos affrontosos e fundamente golpeantes de linguagem. Criticava severamente em phrases causticantes, mas sem fragor tempestuoso. A sua ironia era uma ironia fria. Gostava dos epigrammas, que os sabia fazer com subtileza e intelligencia. Alto, mettido sempre numa sobrecasaca preta, o chapéu de côco ou á cartola a cabeça, o barão do Solimões apresentava um porte hieratico, aristocrata, cuidadosamente educado. José Verissimo consultava-o sobre os costumes da terra.

Francisco das Chagas Aguiar — Mathematico. Engenheiro agronomo. A Escola de Agronomia de Manaus concedeu-lhe o premio de viagem aos Estados Unidos, por seus incontestaveis meritos. Modesto, retrahido, era uma organização de luctador, rebelde ás injuncções subalternas. Formou á frente do movimento revolucionario, que sacudiu em successivas apotheóses a alma do povo amazonense, em Julho de 1924, tendo exercido, durante o curto periodo da revolução, o cargo de superintendente. Chagas Aguiar tinha muita acuidade nervosa e uma intelligencia creadora. Inventou o apparelho, a que deu o nome de Hemerologio Aguiar, que lhe valeu uma carta honrosissima do dr. H. Moritz.

Deixou as seguintes obras: *Discos Hemerologios, Atlas Celeste, Decliriographo, Lunario Perfeito, Hemerologia e Topographia.*

Morreu muito moço, cercado da admiração dos que lhe acompanharam a vida, ajustada sempre dentro de uma ideologia de belleza moral, que foi a maior expressão do seu caracter.

José Furtado Belém. — Natural do Amazonas, onde nasceu em 7 de Setembro de 1867, tendo-se bacharelado em direito na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de Manaus. Jornalista da velha guarda, advogado e politico, exerceu varias posições de relevo na administração publica, onde sempre deu provas cabaes de competencia e honestidade. Falleceu, septuagenario, na cidade de Parintins, onde residiu

por longos annos, e onde constituiu familia. Furtado Belém fez-se um nome conhecido em todo o Estado e fóra das nossas fronteiras, gosando da estima geral dos seus concidadãos pela sua linha de altivez e predicados moraes.

Incumbido pelo governo, tratou dos limites do Amazonas com o Pará, que são o rio Nhamundá, desde a sua origem até á bocca do Bom Jardim, no Amazonas, e do outro lado deste ultimo rio, o meridiano que passa pelo cimo do outeiro do Maracá-assú até ao seu ponto de intersecção com o paralello 8.º 48', já reconhecido como extrema do Estado de Matto Grosso, tendo escripto sobre o assumpto dois livros, onde insere forte documentação, e discute, com hombridade e justeza, os nossos incontestaveis direitos ás terras do Nhamundá. Nesses dois livros *Limites Orientaes* do Estado do Amazonas, (Livraria Palais Royal, 1912), e *Amazonas-Pará,* (Imprensa Publica, 1916), Furtado Belém revela-se o jornalista, cujas credenciaes o acreditavam um dos excellentes valores mentaes de sua geração, e criterioso historiador. Furtado Belém, conhecedor profundo da região litigiosa, senhor de toda documentação existente, defendeu os limites do Amazonas com o Pará, velha disputa que a imprensa de Belém chamou impropriamente «Contestado do Norte», com clarividencia, abnegação e brilho. Aliás, antes delle, os nossos governos tomaram todo empenho em solucionar, com uma formula amistosa e justa, o litigio sobre as terras limitrophes, podendo-se ligar esse movimento aos primeiros annos

de vida autonoma e independente como Provincia. Outro representante que tivemos junto ao governo paraense, ha bem pouco tempo, foi o dr. Alexandre de Carvalho Leal, commissionado para este fim pelo capitão-tenente Antonio Rogerio Coimbra, então na Interventoria do Amazonas. O nosso Estado teve como seu patrono perante o poder judiciario, o insigne jurisconsulto dr. Epitacio Pessoa, cuja voz autorizada proclamou, com austeridade e o brilhantismo de uma dialectica poderosa, a justiça da causa do Amazonas, a legitimidade de seus direitos.

Essa pendencia, de vez em quando, se reaccende, sem que até ao presente se pudesse obter uma solução conciliatoria dos nossos interesses na região alludida. O capitão Nelson de Mello, honrado e nobre Interventor, zelando os direitos do Amazonas, tem mantido uma attitude intransigente a respeito do caso, que affecta os nossos direitos patrimoniaes, manifestando-se pelo desejo de ver solucionado o litigio pelo poder competente.

Não vem ahi um historico da questão de limites. A allusão ao incidente territorial veio a proposito do illustre defensor que teve o Amazonas, na pessoa de Furtado Belém, intelligente, incançavel, esforçado, exhaustivo nas suas razões, erudito nos seus argumentos, demonstrando uma superior visão do assumpto, affecto á sua capacidade profissional. Historiador judicioso e ponderado, a questão dos nossos limites orientaes, no Baixo Amazonas, revela uma faceta do argumentador lucido, do jornalista vivaz que foi o dr. Furtado Belém.

Os seus livros, já mencionados, são uma profunda demonstração do seu vigor espiritual e penetrante intelligencia. Filiado ao espiritualismo scientifico, finou-se com sua crença, em Parintins, no dia 17 de Fevereiro de 1934.

Esmeraldo Americo Coelho. — Neste peregrino cavalleiro das letras havia um fogoso jornalista, que escrevia sem subterfugios, e gostava de dizer claro e sem refolhos o que sentia. Sua tecla emocional refrangia ao ardor da peleja, na qual era incisivo. Esmeraldo Coelho, por muitos annos, dirigiu a Escola de Aprendizes Artifices do Estado, dando-lhe orientação, de accôrdo com os processos da technica moderna. Foi deputado á Assembléa estadual. Collaborou em varios jornaes desta capital. Falleceu no sul da Republica.

Alcides Bahia. — Nasceu no Pará. Da raça heroica de Rebouças, do professor Hemeterio e do poeta Cruz e Souza. Era uma admiravel vocação de tribuno, talhada para a conquista das glorias de Demosthenes ou de Mirabeau. Quando estudante da Escola Polytechnica, no Rio, em uma festa civica no Largo da Carioca, fez um discurso de tamanha belleza e eloquencia que José do Patrocinio, tremulo de emoção, lhe beijou a fronte. Em Belém, foi jornalista da opposição. Terçou armas contra as baterias dos jornaes de Antonio Lemos, que então dominava a politica paraense, cerrando fileiras nas hostes de Lauro Sodré. No *Republica*, jornal vermelho que profligava os desmandos

governistas, foi um combatente vigoroso, transformando a penna em dardo flammejante e vingador. Fugindo ás represalias dos adversarios, exilou-se em Manaus, refugiando-se no *Commercio do Amazonas*, matutino independente que obedecia á orientação de Rocha dos Santos. Depois, imprimindo novos rumos ás suas directrizes politicas, ingressou no *Amazonas*, jornal do governo, que era o cenaculo onde se agrupavam os figurões políticos da terra.

Foi um defensor extremado dos governos de Sylverio e Constantino Nery, Affonso de Carvalho e Antonio Bittencourt, quando este ultimo não tinha rompido em opposição ao seu partido. Ultimamente, com a mesma dedicação, prestou serviços inestimaveis assim ao governo de Alcantra Bacellar como ao de Rego Monteiro, sendo por este mandado eleger deputado federal. A sua actuação, porém, na Camara Baixa do paiz foi mediocre e inoperante. Jámais pronunciou um só discurso durante o triennio legislativo. Dir-se-ia que o orador fagulhante das pugnas academicas, por um curioso phenomeno de atelectasia, perdera a voz. Ultimamente vivia das tradições do passado, tendo abandonado os livros, e deixando enferrujar a penna.

Era um espirito jovial e superiormente conformado com as attribulações da existencia.

Falleceu em Manaus, a 3 de Outubro dc 1934.

II

Uma pleiade fulgente de publicistas, poetas e escriptores resplandeceu em nossos orgãos de publicidade. Gonçalves Maia, Annibal Mascarenhas, Manoel de Bittencourt, Alberto Rangel, João Barreto de Menezes, Quintino Cunha, Francisco Mangabeira e outros, que aqui estiveram, não chegando a crear raizes na Ilae deslumbradora.

Foi a época do movimento intellectual mais intenso em Manaus. Alberto Rangel, logo depois, engrandecia a literatura nacional com o *Inferno Verde*, — « um parente mais novo e mais vivo dos *Sertões* ». Euclydes da Cunha passára aqui pouco tempo, esperando impacientemente a escalada do Purús, em obediencia « ao seu bello instincto de caçador de perigos e a eterna illusão de ser util á nossa terra, que merece tudo ». Referindo-se a Manaus, em carta dirigida a Coelho Netto, dizía: « Ha uma onomatopéa complicada e sinistra nesta palavra, feita do som melancolico dos borés e da tristeza invencivel do barbaro » (Renato Tavares, *Cartas*,). O clima do Amazonas lhe não agradou, ao chegar. O tumultuario impressionista desabafava, dirigindo-se a José Verissimo, em Janeiro de 1905:

«Em carta neste momento escripta ao Arinos disse que quem resiste a tal clima tem nos musculos a elastica firmeza das fibras dos buritis e nas arterias o sangue frio das sucuriúbas». Mas Euclydes mudou de opinião, reconciliando-se com o clima de Manaus. Di-lo em outra missiva, endereçada a José Verissimo: «A minha reconciliação com o clima de Manaus é completa».

Taes personalidades não se integraram em nosso acervo literario. Foram meteoros que por este céus flammivomos descreveram uma curva, derramando fagulhas.

Falta, por isto, a este esboço uma precisa arrumação de datas, o seguimento de etapas evolutivas, a seriação da gamma espiritual.

Manaus, até 1848, quando por uma lei da Assembléa Paraense foi elevada á cathegoria de cidade, com o nome de cidade da Barra do Rio Negro, era uma villa monotona, algo pittoresca. Agassiz, ainda em 1865, muito depois da installação da provincia (Janeiro de 1852) deliciava-se em vêr os mestiços carregar agua em potes de barro. Sulcado de igarapés, com reboladas de palmeiras empertigadas no aprumo hieratico dos seus estipites, a partir de 1890 tomou proporções, augmentou, cresceu, expandiu-se, aformoseou-se. Desbastaram-se os seus contornos, terraplenaram as inclinações dos seus pobres riachos murmurantes e, numa azafama febril, surgiram, aprimorados pela belleza architectonica, os palacios, os edificios publicos, as moradias particulares. Elevaram-se as torres, os zim-

borios, as chaminés das fabricas. A pureza celeste da bahia do Rio Negro, desenhando-se na arqueadura de suas linhas distantes, pejava-se do fumo encaracolado das chaminés dos navios e «gaiolas». Abriram-se ruas, rasgaram-se avenidas, construiram-se jardins com repuchos de crystal, em substituição á galharada convulsa dos vegetaes nativos, crescendo na luminosidade equatorial. A borracha operava este milagre, a magia dessa transformação maravilhosa, que transmudava a placida villa num recanto trepidante da velha Europa, com os europeis da civilisação. Asphaltaram-se ruas e praças, montaram-se cafés-concertos. Estrangeiros rapaces, rubicundos, á caça do vellocino de ouro, desciam, graves, de bordo dos paquetes transatlanticos sobraçando capas de inverno. Tomava-se chopp allemão. A voluptuosa cidade do Rio Negro mereceu de Euclydes da Cunha, na sua perspicacia de «caboclo ladino» a classificação de « desmandadissima Manaus». Tavares Bastos, que viajou pelo Amazonas, não lhe pôde assistir ao surto, mas o previu com aguda previsão. Rebellou-se, todavia, contra o nome que lhe puzeram — Manaus.

«Descobriram (refere-se aos portuguezes) para a capital do Amazonas um nome barbaro, de uma tribu já esquecida, com palhoças curvas e cazebres, desaproveitando uma magnifica posição. Como São Luiz, no Missisipe, ella domina o largo espaço da navegação interior pelo Solimões e pelo Rio Negro; vê o Madeira internar-se pelo coração da Bolivia, o Purús cortar o Perú, e tem a quatro dias de dis-

tancia o porto do Pará.» O emerito apostolo do liberalismo e da democracia, que fundiu no bronze eterno *O Valle do Amazonas*, (1866), agitava a idéa, que o inflammava, da navegação a vapor no Amazonas, e da abertura de seus portos ás nações estrangeiras. «Collocado entre os dois oceanos, dizia elle, e entre a Asia e a Europa, o valle do Amazonas será o centro do commercio do mundo, como nas visões de Colombo a America parecia-lhe entre duas grandes massas dagua, equilibrando a terra».

Manaus teve o seu periodo aureo de 1895 a 1910, em que a borracha attingiu aos mais altos preços. Foi exactamente por esse tempo que ao coração do El-Dorado, a mil milhas do oceano, affluiu um punhado de jornalistas e escriptores, commerciantes e artistas, afóra a legião de immigrantes, que vinha procurar no seio hirsuto dos seringaes sombrios a enganadora riqueza. Actualmente, com a queda da borracha, do preço do caucho, com o esvasiamento das arcas do Thesouro, oscillando nas angustias de uma crise perenne, mau grado o formidavel potencial de seus recursos naturaes, a onda immigratoria não é tão forte. Manaus já não é a Meca da fortuna facil, estonteante, da vertigem do dinheiro. E' uma cidade encantadora, rumorosa, cosmopolita, que trabalha, súa, arqueja, resiste heroicamente ás mutações da mais desalentadora baixa dos seus productos. Seu povo, educado na escola do labor indefesso, procura vencer pelo esforço diuturno. Ha aqui uma operosidade intelligente, nobre, reagindo contra os imprevistos

economicos, que sobresalteiam a terra e o homem. Ainda assim, a cidade registra, de espaço a espaço, visitas de figuras eminentes, de projecção mundial: um Paul Adam, um Richet, um Eugenio Noel, ou mesmo um Mario de Andrade, para alludir tambem a um escriptor nosso, de conspicua notoriedade.

Não alonguemos, porém, esta digressão. A nossa finalidade é apenas destacar os perfis dos que moirejaram nas letras e se fizeram um nome.

João Coelho Cavalcante.—Era mais conhecido no mundo das letras por João Barafunda, seu pseudonymo literario. Tinha a reputação de humorista e panphletario. Durante o tempo que esteve em Manaus, escolheu os jornaes para redondel de suas acrobacias poeticas e de suas mordentes catilinarias. *Boutade* sardanapalesca, embebida em fel. Epigramma acerado como um punhal florentino. Tinha o prazer sadico de ruminar, por trinta dias a fio, a dosagem toxica, o tempero insidioso que devia excruciar os que lhe cahiam no desagrado. Era uma figura de mosqueteiro enfermiço. Escanzelado, barbicha ao queixo, cabelleira ruiva e desgrenhada, faces arroxeadas de aluetico, sorriso de Machiavel nos labios humidos de perdigotos, Barafunda era o archétypo do dipsomano inveterado, que procura no vicio a valvula de escapação do seu espirito diabolico. Bohemio da velha escola, a sua Musa deliciava-se nas esbornias nocturnas. A sua intelligencia estava sempre ao serviço da maldade. Fazia versos lyricos, interessantes alguns, outros

banalissimos e de espantosa mediocridade. O seu forte era o manejo da satyra, onde poucos o excediam. Tendo abandonado o Amazonas, ha muitos annos, publicou no Rio alguns opusculos no seu genero preferido, trucidando amigos e inimigos. Vive ainda, internado no manicomio, com remorsos de não haver cumprido o seu destino, arrazando a humanidade inteira.

Odilon Lima — Intelligencia viva e espirito cultivadissimo. Muito affeiçoado ás questões de grammatica e philologia. Jornalista muitas vezes interessante, ainda existem pelos archivos as reminiscencias de seus prelios de imprensa. Formou-se em direito, e faz politica, em Nictheroy.

.**Constantino Tastevin.** — Da Congregação dos missionarios francezes do Espirito Santo. Naturalista e geographo. Passou vinte annos no Solimões, ao serviço de sua Ordem, na Missão e na Prefeitura Apostolica de Teffé, de 1906 a 1926, interrompidos pelo grande drama da guerra europeia.

Publicou importantes estudos na revista franceza *La Geographie*, de que era eminente collaborador. Foi incumbido pelo Ministerio da Instrucção de França e pela Associação para o progresso das Sciencias, em seu paiz, de enviar dados e annotações que pudessem interessar a geographia, a linguistica e a ethnographia.

O douto missionario viajou muito pelo Solimões

e seus affluentes, pelo Juruá e quasi todos os seus tributarios, em serviço de evangelização, vendo, observando, annotando. *La Geographie*, de Paris, inseriu muitos trabalhos notaveis de sua autoria, taes como: *Le Haut Tarauacá*, ns. 3-4, Mars-Avril, 1926; *La Region du Moyen Amazone ou Solimões*, ns. 5-6, Nov.-Dec., 1927; *Le Riozinho da Liberdade*, ns. 3-4, Mars-Avril, 1928, *Le delta du Japurá et de Piuriny*, ns. 5-6, Mars-Avril, 1929.

Os indios do Solimões, Juruá e Japurá foram objecto de suas indagações cuidadosas. No Autaz, onde esteve tres semanas, conseguiu interessantes entrevistas com os Muras, muito numerosos, que alli existem.

Investigador infatigavel e observador attento, pôde o padre Tastevin compendiar uma serie notavel de trabalhos, que muito elucidam a nossa originalissima rêde fluvial, trazendo grande e valiosissima achega ao estudo da nossa ethnographia e ethnologia. Alguns dos seus preciosos estudos foram reeditados na revista — *O Missionario*, da Prefeitura Apostolica de Teffé.

Jonas da Silva. — E' authentico piauhyense, das bandas do Parnahyba. Nasceu em 17 de Dezembro de 1880. Discipulo dilecto de B. Lopes, o poeta, que era um mago da fórma e da expressão, deixou-se influenciar pela arte aristocratica do vate dos *Brazões* e, com o seu volume de estréa - *Amphoras*, conseguiu, para logo, ruidoso successo nas mais altas espheras intel-

lectuaes. Publicou depois *Uhlanos*, o notavel livro de versos que lhe consagrou definitivamente o nome, conhecido e admirado em todo o paiz. Ha sonetos de Jonas que bastariam para fazer a reputação de qualquer poeta. Foi, em certos momentos, a figura de maior projecção do scenario poetico do Amazonas. Mas o industrial absorveu e inutilizou o enamorado gentil de Mnemósina. *Czardas*, o seu ultimo livro, não tem o mesmo estro, a mesma intensidade emocional dos outros.

Theophilo de Albuquerque.—Poeta e jornalista. Irmão do excellente escriptor Matheus de Albuquerque, viveu muitos annos em Manaus, trabalhando na redacção d' *A Noticia*, onde a sua penna tinha um destaque singular. Reside hoje no Rio, no conforto de uma vida senhorial, affastado das lides da imprensa.

Alvaro Botelho Maia.—Orador e poeta. Actualmente é professor da lingua portugueza no Gymnasio Amazonense Pedro II, e deputado á Constituinte pelo Amazonas, sua terra natal. Ascendeu á posição de Interventor de seu Estado com a revolução de 1930, succedendo ao governo militar que se installou no Palacio Rio Negro. A sua administração foi curta. Eleito deputado, quando se achava no Rio de Janeiro, exercendo um cargo de commissão federal, tomou parte em alguns debates na Constituinte. Defendeu com calor e eloquencia a orthographia usual contra a reforma.

Alvaro Maia é um orador ardoroso, embora academico. Ha um seu discurso - *Canção de Fé e Esperança,* animado de fulgor e de vibração, em que o tribuno tem surtos felicissimos. Fala com facilidade e quasi sempre de improviso, mantendo uma fórma cuidada no discurso. A sua poesia é envolvente, e recorda a expressão lapidar de Theodor de Banville. A *Cathedral,* publicada na *Revista do Norte,* e *Dias de Peste* deram ao vate amazonico uma evidencia justissima. Não tem ainda um livro, não reuniu as suas producções em volume; ellas andam esparsas pelos jornaes e revistas, mas accusam no seu autor o lume poetico, a inspiração, a sensibilidade que se nota nas estrophes magneticas. Como prosador é torturado, construindo o periodo com rigorismo artistico, sem comtudo perder a irradiação de sua alma de cytharedo. Agrada pela calidez e musicalidade.

E' socio fundador da Academia Amazonense de Letras.

Nunes Pereira.—E' um cultivador da boa poesia e um prosador elegante. Assignala-se, porém, antes de tudo, examinando as suas paginas bem cuidadas, o homem de acção, a mentalidade affeiçoada aos problemas da industria, da creação e da hygiene, discutidos com a autoridade de quem conhece a fundo a materia. Veja-se, por exemplo, - *A Industria Pastoril no Amazonas,* ensaio panoramico de uma das nossas mais ferteis regiões, - o Rio Branco, onde se cría o gado, em rebanhos multivios. Neste esboço de

monographia, tal como singelamente o denomina, o escriptor, não se perde em divagações, expandindo-se ao geito de Rocha Pitta. Ao revés, encara o assumpto de frente e contempla o largo e majestoso ambito da natureza, onde Deus, se comprazendo em tirar a monotonia dos campos rasos e sem fim, dotou a terra de picos gigantescos, de acumes de serras, de montanhas altissimas. Pediu ao passado ensinamentos, bordou commentarios sobre o systema potamographico e, com subsidios fornecidos pelas modernas investigações da agronomia, construiu com pinceladas vigorosas a mais completa visão desse formoso *hinterland* brasileiro, de onde as aguas descem abruptas e escachoantes pelas inclinações pedregosas do valle.

Generino Maciel. — Natural do Piauhy. Estacionou em Manaus por mais de dez annos consecutivos. Era uma intelligencia dispersiva, mas de arestas fulgurantes. Jornalista complexo, abordava todos os assumptos e debatia-os com relevante superioridade. Trabalhou por longos mezes em *O Tempo*, no governo de Jonathas Pedrosa, e deu enthusiasmo e vida ao *Jornal do Commercio*, quando lhe secretariou a redacção. Regressando á terra natal, foi eleito deputado ao Congresso, sendo um dos paladinos mais exaltados da gloria de João Pessôa.

Genesio Cavalcante. — Amazonense. Esturdio. Romeiro da vida, inquieto, anda sempre á cata do sonho. Tem sonetos artisticamente lavorados, de

feição parnasiana. A poesia modernista não o seduziu. Tem, ainda inedito, um livro de versos - *Oiro e Cinzas.*

Affonso Cunha. — Maranhense. Intelligencia de escól. Viveu longos annos no Amazonas. Era um prosador de impressionante envergadura. Em suas chronicas, pontilhadas de humorismo fino e irreverente, analysava com indiscutivel «vis» satyrica os homens e as cousas barés, sendo inflexivel para os letrados mystificadores e para as camarilhas intellectuaes que infestavam o meio. Tiveram grande voga as *charge*s com que derruiu os idolos de sebo da literatura amazonica. Hoje é jornalista e advogado em Caxias, no Maranhão, onde o seu nome tem grande prestigio.

Luciano Pereira da Silva. — A sua vida mental transcorreu, de inicio, no Amazonas, a que dedicou muitas das suas energias de advogado, escriptor e jornalista. Representou o Estado na Camara dos Deputados Federaes.

Coisas Brasileiras e *O Valle do Amazonas* (observações de viagem), 1917, são brochuras de accentuado cunho de brasilidade, onde reponta o seu enthusiasmo pela Amazonia. Outros trabalhos seus, sobre sociologia e historia, lhe denunciam a cultura variadissima. No Rio de Janeiro, que tomou para domicilio, tem estado em relativa evidencia, devido ao seu talento e á sua esmerada educação juridica.

Miranda Simões. — Bahiano de nascimento.

Advogado e jornalista. Fundou, em 1909, de parceria com Pericles Moraes, o vespertino *Diario*, que teve a duração ephemera de cem dias apenas, pelas suas attitudes desassombradas na politica e pela accentuada feição literaria de seus artigos. Depois, em outras phases agitadas de effervescencia politica, com desenvoltura e coragem foi um paladino destemeroso que se serviu do jornal para dar combate aos despotas e oppressores. O seu nome está ligado, por differentes aspectos, á vida social e politica do Amazonas. Exerceu algum tempo a magistratura, com rectidão e consciencia. Miranda Simões transportou-se ha muitos annos para S. Paulo, onde tem o seu escriptorio de advocacia.

Osman Pedrosa.—Amazonense. Engenheiro. Foi secretario de Estado no governo de seu pae, o dr. Jonathas Pedrosa, encerrando por esse tempo a sua carreira politica. Homem de imprensa, os seus artigos doutrinarios e os seus topicos, em *O Tempo*, fizeram-lhe subitamente o renome. Vive na sua terra affastado de tudo e de todos, num ostracismo voluntario, enfarado da vida e de seus desencantos.

Julio Sobreira Filho.—Cearense. Vate primoroso e delicadissimo, os seus versos, de arte apurada e de heraldicas filigranas, relembram os «esmaltes e camafeus», de Gautier. *O Xadrez em paraphrase* é o mais lindo brazão de seu armorial poetico. Leopoldo Péres consagrou-lhe uma luminósa pagina de arte e de emoção, tecida em fios de ouro e seda, - *Um poeta*

do àmor e da gàlànteria, que remanesce como um dos maiores florões de sua gloria.

Carlos Eugenio Chauvin.—Nasceu em 16 de Setembro de 1879, na Bahia, tendo vindo para o norte e fixado residencia em Manaus, ha muitos annos. Professor de linguas, ingredindo uma vez por outra no fôro criminal. Dirigiu o jornal *A Patria*, ao tempo da administração Ramalho Junior. Nos *Annaes do Congresso Commercial, Industrial e Agricola*, reunido nesta capital, em 1910, por iniciativa da Associação Commercial, e organizado por Bertino Miranda, secretario geral do Congresso, estão incluidas duas theses de Carlos Chauvin - *O Plantio da borracha e Agricultura no Valle do Amazonas*, ambas muito bem deduzidas e nas quaes se revelam as suas qualidades de jornalista bem orientado. Para que se tenha uma idéa do valor desse Congresso, basta dizer que delle se occuparam *The Times*, de Londres, *Le Journal*, *Le Gaulois*, *Le Matin e Le Figaro*, de Paris, a *Tribuna* e *Giornal d'Italia*, de Roma, *La Stampa*, de Turim, *Il Secolo*, de Milão, *Neue Freie Presse*, de Vienna e *National Zeitung*, de Berlim, bem como grandes orgãos da imprensa brasileira. Foi um dos emprehendimentos mais brilhantes do Amazonas. Compareceram a esta selecta reunião varias corporações scientificas estrangeiras, por seus representantes, e nacionaes, achando-se tambem presente o sabio naturalista Jacques Huber. As memorias, theses e discursos foram enfeixados em volume por Bertino Miranda, em 1911.

Publicou ainda Carlos Chauvin diversos artigos sobre a questão do divorcio, que discute com proficiencia.

Achilles Bevilaqua.—Jurisconsulto e publicista. Trabalhou por muito tempo na advocacia em Manaus, retirando-se depois para o Rio de Janeiro, onde exerce a sua actividade no fôro. E' um dos juristas mais em evidencia no Brasil, especialmente como commercialista. Achilles Bevilaqua é autor de muitas e importantes obras de direito, que têm conseguido grande acceitação no paiz pelo seu espírito critico e pela segurança dos conceitos. No commentario synthetico é este illustre professor um dos mais acatados, e seguidos. As suas obras *Codigo Civil Brasileiro*, *Codigo Commercial Brasileiro e leis subsequentes* e *Fallencias* são consultadissimas pelos nossos advogados e juizes. Juntamente com Roberto Carvalho de Mendonça, Achilles Bevilaqua emprehendeu a publicação da 2.ª edição do *Tratado de Direito Commercial Brasileiro*, por José Xavier Carvalho de Mendonça, prestando assim um valiosissimo serviço ás letras juridicas nacionaes. Era lente de Legislação Comparada da nossa Faculdade de Direito. Faz parte da Academia Amazonense de Letras.

Virgilio Barbosa.—Organização de jurista e advogado. Virgilio Barbosa que é tambem membro conspicuo da Academia Amazonense de Letras, gosa de solida reputação na profissão que escolheu. Latinista e sabedor de varias outras linguas. Pensa a

respeito do latim como o professor Armand Ephraim, que perguntava quantos francezes podiam se vangloriar de lêr no texto Sophocles ou Virgilio, Thucydides ou Tacito. «Nós estamos longe, dizia elle, do tempo em que Racine adolescente deliciava-se em lêr um romance grego, ou conversava em latim com seu tio, conego em Uzés». E accrescentava: «Aujourd'hui, non seulement les études grecques sont completement abandonnés, mais la majeure partie des élèves de nos lycêes ignorent les rudiments de la grammaire latine. Et ceux même à qui cette grammaire n'est pas inconnue traduisent les anciens, mais ne les lisent point». (Raul Vèze, *Les Prosateurs Latins*, Préface).

Maneja o idioma portuguez com insigne mestria. Póde-se dizer que é um purista, tal a clareza vernacula de seus trabalhos juridicos, verdadeiros primores de dialectica e de erudição.

Passou Virgilio Barbosa a sua mocidade estuante em Manaus, onde se impoz pelos seus dotes intellectuaes e moraes. Actualmente reside na metropole do paiz.

Pericles Moraes. — E' natural do Amazonas. O seu nome floresceu em triumphos constantes e o escriptor fez uma reputação literaria resistente aos embates destruidores do tempo. Publicista e notavel critico, creador de rythmos imprevistos na maneira escorreita e diserta por que traduz as emoções que lhe agitam o temperamento. Sólida cultura lhe norteia as directrizes mentaes. Para documentação incontrasta-

vel do seu talento superior e da delicadeza de sua esthesia, ahi temos além de *Figuras & Sensações*, impresso no Porto (Portugal), 1923, *Coelho Netto e sua obra*, que, como o primeiro, foi editado nas officinas de Lélo & Irmãos, do Porto, e *A Vida Luminosa de Araujo Filho*, trabalho graphico de J. J. da Camara, de Manaus. Pericles Moraes é um *causeur* humorista e lampejante. Logo ao apparecimento de *Figuras & Sensações* grangeou um firme prestigio no mundo das letras. Trata-se de um escriptor de tempera, com o sentido claro do periodo e da harmonia com que acepilha a idéa e recama a sua prosa esplendente de pureza. Ao lado deste sentimento de apuro de expressão, haurido em nossos melhores classicos, transparece na sua prosa a imaginação e o poder de analyse. Mergulha nas profundezas da vida e esquadrinha com o bisturí de Balzac todas as modalidades, todas as arestas, todos os claros-escuros do drama social, em que o homem se agita, sob o imperio das paixões humanas. Nesta feição precipua de analysta está o seu penetrante fascinio. Pericles Moraes não é o que se póde chamar um escriptor regional, é ultra-regional. Não é ultra-regional, é continental. Talvez lhe não assente ainda bem esta qualificação. Seria difficil definir-lhe a indole e o itinerario das idéas. Sua visão distende-se longe. Projecta-se do coração da Amazonia e vae buscar Georges Courteline, na França, para poder, de um golpe de vista, estudar o humorismo gaulez. Desprende-se do seio do paiz, das florestas sempiternas, e entra a perquirir os

refolhos da psyché de Edmond Rostand. Não é que despreze o aspecto, a caracteristica racial de sua nacionalidade, a lingua, a religião, os costumes, a paizagem, a luz, o relevo das serranias, a agrura melancolica dos chapadões, a fria solidão das aguas diluviaes de muitos dos nossos rios. As paginas de Pericles Moraes fremem desse imperativo do meio, do qual elle se não subtráe. Estudos existem onde a sua penna magnifica imprime um colorido forte ao panorama e ao meio brasileiro. Tem a intuição daquillo que Tristão de Athayde reivindicava para a direcção da corrente do pensamento nacional, isto é, de uma maior dilatação, de uma passagem «do regional ao cosmopolita». Pericles Moraes não póde ser um regionalista, ainda que o queira. Expandem-se-lhes as idéas naturalmente, e ei-lo a librar-se alto, a transpôr fronteiras.

Na critica tenha-se muito em vista a generosidade deste proeminente escriptor. Sente-a como a sentiram certos mestres da literatura. Camillo Mauclair, excelso pensador contemporaneo, e uma summidade em assumptos de arte, muito justamente notava que o papel do critico «consiste em ser o amigo e conselheiro do artista, defende-lo, dizer-lhe a verdade sem se enganar, impô-lo pouco a pouco ao publico, ajuda-lo nos maus momentos». E lembra Baudelaire, «cuja obra de critico de arte é muito menos conhecida do que os seus poemas», e ainda outros como Théophile Gautíer, Eugéne Fromentin, André Michel e Edmond e Jules de Goncourt. Esta finura de comprehender o papel da critica, a sua funcção social, tem-na o pontifice das

nossas letras, o insigne estheta, rumoroso e sadio, que nós todos no Amazonas admiramos.

A Academia Amazonense de Letras tem nelle um dos seus mais illustres representantes.

Joaquim Gondim de Albuquerque Lins. — Cearense. Trabalhou no jornalismo em Manaus. Apesar de ter um livro de versos, seu pendor mais pronunciado é para a ethnographia, em que, por força do emprego que tinha na Repartição de indios, adquiriu um bom cabedal de conhecimentos. Dispoz-se a viajar pelo interior do Estado, em visita aos postos indigenas, onde colheu dados para o seu livro *Atravéz do Amazonas*.

Adriano Augusto de Araujo Jorge. — Nasceu a 20 de Agosto de 1879, em Maceió, Alagoas. Da Academia Amazonense de Letras. Polemista trepidante e destemido, tribuno que tem encantamentos na palavra, tal a opulencia verbal, a fecunda e irisante potenciação de sua faculdade elocutiva.

Adriano Jorge é medico de larga nomeada, de um conceito firmemente assentado no Estado, a que elle, desde moço, sahido da Faculdade de Medicina da Bahia, emprestou sempre a fulguração de seu talento masculo, da sua acção decisiva e dominadora, e de sua luminósa bondade, servindo com o maior devotamento e desinteresse aos que o procuram, aos que necessitam do conforto da sua presença e da sua sabia pericia clinica. Dá a impressão de viver sempre á carreira, pelas muitas occupações que lhe traz o afanoso lidar da medicina.

Nelle não está só o orador fidalgo, imaginoso, escandindo a phrase em rigores de fórma admiravel, e tudo de improviso. Porque, ao que se saiba, nunca escreveu díscursos o triumphal e ardente jornalista. Reune em si virtudes de scientista, historiador, psychologo, além de amar a lingua nas suas raizes e na frondescencia polycromica de seu vastissimo vocabulario. Todavia é um dispersivo, um fragmentario. Não ha, de sua autoria, um unico volume publicado. As suas campanhas jornalisticas resoam até nós, volvidos tantos annos, com o éco forte e estrondoso de suas bombardas, que trovejavam das colunas do *Correio do Norte*. Não cessa, porém, de cultivar a literatura. De vez em quando, surge, desempenado, com o fulgor de sempre. Um de seus ensaios - *O Substratum da Vida*, com que concorreu a uma cadeira num dos nossos institutos superiores de ensino, no qual demonstrou o seu largo descortino e a sua extensa cultura, foi colmado de elogios geraes.

Descende de uma familia illustre de Alagoas. Seu pae, o professor Adriano Augusto de Araujo Jorge, foi o mestre querido de tres gerações. Sabio polyglota, nada mais aspirou a não ser a parca remuneração dos seus arduos labores de educador incançavel. Outros representantes de sua familia se destacam nas letras, na jurisprudencia, na philosophia.

Adriano Jorge é um paladino brilhantissimo, prompto sempre a defender com ardor e sacrificio o Amazonas.

Vivaldo Palma Lima.—Natural da cidade do

Salvador, Bahia, onde nasceu em 10 de Abril de 1877. Formado em medicina e em sciencias juridicas e sociaes. Orador do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, de que é socio fundador. Lente de Medicina Publica da nossa Faculdade de Direito. Jornalista esclarecido. Dispõe de vastos conhecimentos, adquiridos no estudo assiduo da ethnographia, historia e numismatica.

A proposito de ethnographía, o Snr. Arnol Von Gennep (*Religions, Moeurs et Légendes*, 1918), no capitulo intitulado *La Situation internationale des études etnographiques*, pags. 165-181), tratando do movimento ethnographico do mundo, e referindo-se a publicações como os grandes *Diccionarios de Geographia* de Vivien de Saint-Martin et Rousselet; manuaes como os de Vaitz ou Gerland, Peschel, Fr. Muller, Ratzel, Keane, Denoker, Surtz, encyclopedias e monographias publicadas na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados Unidos, em Portugal, Italia, Belgica e Espanha,—diz que a Allemanha se occupa activamente de suas colonias distantes nesta ordem de estudos, e aponta o Brasil, o mundo mussulmano e varias missões na Syria e em Marrocos. Lamentavelmente o autor do livro, que acabamos de citar, incluindo o Brasil no numero das colonias allemãs, incide num erro grosseiro de geographia politica, que lhe diminúe o valor das affirmações scientificas. Citando Von den Steinen, Ehrenreich, como technicos que estudaram a nossa ethnograqhia, quiz assegurar o interesse da nação teutonica por suas colonias.

A ignorancia do escriptor é tão palmar, que basta esta sua affirmativa para capacitar o leitor de que se trata antes de um *sabio de cutiliquê*, como chamaria Camillo, do que de um escriptor serio, com um conhecimento completo do paiz que, se tem recebido o influxo civilizador da Allemanha em certos departamentos do saber e em determinadas industrias, não precisa de sua tutella para viver e altear-se como potencia no concerto das nações, embora não menospreze a efficiencia amiga e intelligente dos teutos, e cada dia procure estreitar o intercambio commercial e intellectual entre as duas nacionalidades. E fechemos este parenthesis.

O dr. Vivaldo Lima, de quem tratavamos, tem uma não pequena bagagem literaria e scientifica esparsa em jornaes. Publicou ultimamente *O Invento de Julio Moura* (1931). Este livro encerra uma calorosa defesa ao operario Julio Moura, que pretendeu captar a electricidade atmospherica, tendo sido frustrada por motivos occasionaes a sua descoberta. Encerra a obra um estudo completo sobre o assumpto, dando-nos o dr. Vivaldo as differentes theorias que têm surgido a respeito, e o esforço penoso dos inventores, verdadeiro martyrologio, que a sua penna descreveu commovidamente.

Alfredo da Matta. — E' um conhecido scientista, dentro e fóra do paiz. Tem escripto alguns trabalhos sobre botanica medica, microbiologia e hygiene, de que é proclamada auctoridade.

No numero especial do *Diario Official*, do Amazonas, commemorativo do primeiro centenario da independencia do Brasil, inseriu valioso estudo — *Geographia Botanica do Estado do Amazonas*. No *Boletim Agricola* ha occupado varias columnas, tratando de *Parasitose Agricola*, larvas que inutilizam o guaraná; *Insectos uteis e prejudiciaes á lavoura; Pathologia Amazonense Sterigmatocytis Tropicalis* n. s.p., fungo pathogenico para o homem; *Prophylaxia do Impaludismo; Entomologia Agricola*, os inimigos da seringueira; *Larvas de Lepidopteros*, prejudiciaes ao ananaz, ao manacá e á figueira; *O cancro do milho*, — em que o seu valor e criterio se accentuam, tal a proficiencia com que examina os assumptos.

E' um espirito analytico, apparelhado para grandes surtos. Occupa uma cadeira na Academia Amazonense de Letras. Tem desempenhado cargos de alta relevancia politica. Foi deputado á Constituinte, de 1934, e ainda uma vez o eleitorado amazonense suffragou o seu nome para a Camara Federal.

Obra: *Flora Medica Brasileira.*

Vicente Torres da Silva Reis. — Nascido no Rio de Janeiro, em 15 de Setembro de 1878. Nessa grande metropole bacharelou-se em direito.

Entrou para a imprensa, em que conquistou merecida nomeada, salientando-se nos meios culturaes como theatrologo e comediographo. No Rio de Janeiro colheu repetidos applausos na representação de suas

peças pela urdidura literaria, pela actualidade dos assumptos, pela psycologia das personagens e effeito scenico de seus trabalhos. Neste genero de literatura, difficil e pouco cultivado no Brasil, o dr. Vicente Reis tem uma bagagem valiosa e crescida: *Pontos nos i i*, revista; *O Filhote*, revista; *A Bicharia*, revista; *O Zé Povinho*, revista; *As Sete Maravilhas do Mundo*, uma feliz imitação da peça franceza de igual nome; *A Rainha dos Genios*, em collaboração com Azevedo Coutinho, magica; *Abacaxi*, revista, em collaboração com Moreira Sampaio; *Cresça e Appareça*, revista; *Diabo a Quatro*, revista, de parceria com Demetrio de Toledo e *Pé de Cabra*, revista.

A sua fecunda imaginação tem-se objectivado em outra ordem de trabalhos. A Anthropologia Criminal é-lhe devedora de importante contribuição — *Os Ladrões no Rio*. Esta obra valeu-lhe victoriosa acolhida da critica brasileira. João Ribeiro, estheta e profundo philologo, considerou o livro um magnifico subsidio para a organização do *Diccionario da Academia*. *Guia Policial* é um formulario onde o autor condensou os seus estudos de policia e a sua pratica adquirida no Rio de Janeiro, onde serviu muitos annos como delegado.

Vindo para o Amazonas, já gosava o dr. Vicente Reis fóros de escriptor e jornalista. Ingressou na politica e no jornalismo. Ligado á terra, vinculado á sua sorte, empenhou-se em multiplas campanhas em prol da collectividade, e continúa a ser um dos defensores do Amazonas. Batalhando na imprensa, veio depois a

adquirir o *Jornal do Commercio*, velho e conceituado orgão desta capital, que conserva geralmente uma linha de sobriedade e competencia nos seus artigos e nas suas criticas. No *Jornal do Commercio* o polemista tem-se consagrado á sua profissão, exclusivamente, sem descanso, num labor quotidiano, ininterrupto e brilhante.

José Ferreira Sobrinho. — Nesta galeria de retratos de semeadores de idéas e de rythmos tem justificada collocação um espirito humorista, despido de preconceitos, chão e bohemio,—José Ferreira Sobrinho, que perambulou longos annos pelo Acre, e transitou, não sabemos quantas vezes, pelo extenso e tortuosissimo rio Purús.

José Ferreira Sobrinho affrontou, cheio de alegria e de philosophia optimista, esta fertil região de florestas e de rios da Amazonia brasileira, trabalhando em dentistaria, fazendo versos, conferencias, discursos, memoriaes, numa verdadeira dispersão de ideias e de intelligencia.

Temperamento de luctador, resistente ás adversidades, esse achamboado caboclo, cuja roupa accusa, á primeira vista, uma despreoccupação ingenita pelo alinho no vestir, tem uma conversação nutrida de episodios interessantes e de curiosidades que a sua observação e leitura armazenam, fazendo a delicia dos que o escutam.

Revolucionario, appareceu de lenço vermelho atado ao pescoço. Ferreira Sobrinho dirigiu por algum

tempo o *Diario Official*, do Estado, e actualmente desempenha cargo de confiança do governo.

Jorge de Moraes.—Amazonense. Medico de grande nomeada e larga cultura scientifica e literaria. A imprensa de Manaus guarda muitas producções de Jorge de Moraes, que é um espirito aristocratico, dotado de maneiras distinctas. Cirurgião dos mais acatados no Amazonas, é portador de um nome illibado e de uma preparação espiritual solida, salientando-se na politica de seu Estado, onde foi Prefeito, e de que foi representante na Camara alta do Paiz. Jorge de Moraes evidenciou-se logo um orador parlamentar, existindo nos archivos do Senado muitos discursos que o talentoso representante proferiu, com a expressiva fórma oratoria que vitalizava as suas orações. Seu nome apparece no numero dos fundadores da Sociedade Amazonense dos Homens de Letras, transformada depois na Academia Amazonense de Letras.

Literato, jornalista e orador, o academico transferiu seu domicilio para o Rio de Janeiro, onde exerce posição de relevo e a clinica, que elle tanto nobilita.

Carlos Mesquita.—Professor de lingua ingleza. Tem estado sempre em evidencia como homem de imprensa. Neste mister ha collaborado em varios jornaes desta capital, com independencia e desassombro. Carlos Mesquita fundou e dirigiu a revista *Amazonida*, que floriu em bellas edições illustradas e em selectos trabalhos literarios. *Amazonida* marcou

um periodo de resurgimento em nossa industria de artes graphicas, que attesta sobejamente o grau de gosto e aperfeiçoamento que existe neste departamento de nossa actividade.

Carlos Mesquita tem algo dos bohemios de Murger. E' um espirito despido de vaidade, philantropho e profundamente desinteressado. Amigo das letras, está sempre prompto a prestar serviços intellectuaes.

Pertence á phalange revolucionaria de 1924, que experimentou as amarguras da prisão e ás incertezas e agras surprezas de um processo, adherindo ás forças de terra e mar na deposição do governo Rego Monteiro e ao movimento insurreccional de S. Paulo.

João Leda.—Dentre os nossos expoentes intellectuaes de maxima expressão ornamental, colloca-se, sem favor, o estylista e probo escriptor João Leda, um nome consagrado. Constituiu-se de muitos annos um eminente philologo, de repercussão em todo o Brasil, pelos seus livros e ensaios. *Aureos Filões de Camillo*, *O Vocabulario de Ruy Barbosa*, *Nossa Lingua e seus soberanos* são os fructos de suas pesquizas e de seu espirito grandemente culto. O autor é um especialista da lingua portugueza, a que tem consagrado o seu talento, a sua attenção, as suas longas vigilias e toda a sensibilidade do artista, que quer ter um instrumento não sómente sonoroso, mas que faça vibrar o timbre de uma linguagem de ouro de lei, de uma pureza inconsutil. João Leda logrou

este objectivo com abundancia de cabedal, com uma rara fortuna, que o enfileira ao comprido dos mais acatados philologos, de quantos no Brasil cuidam das cousas da lingua, prezam-na, e tudo fazem para salva-la das impurezas com que os menos solicitos vivem a gafa-la.

As questões philologicas em alguns autores adquirem laivos de sensaborão díscretear; em João Leda os casos, as observações, as contradictas são expostas com invejavel clareza, com elevação, com abundancia de argumentos, e sobretudo com uma pompa discreta de raciocinios, que torna a leitura de seus trabalhos agradavel e instructiva. Critico de arte, a phrase arredonda-se, o periodo cheio tem sonoridades de metaes preciosos, a idéa mantem-se luminosa. Lendo-se João Leda, vê-se que é bem discipulo de Camillo, que elle ama com fervor e admira com exaltada paixão. Nobre compendiador das bellezas de Ruy Barbosa, cuja obra estuda sob os pontos de vista esthetico e classico com enternecido carinho. E' cultuador de Castilho e tantos outros. Mas a Ruy, por exemplo, faz uns tantos reparos a respeito de sua orthographia, mostrando as incoherencias, os modos dispares de graphar os vocabulos, que abundantemente se encontram nas obras do grande mestre, mesmo naquellas em que elle serviu de revisor.

Um capitulo de grandeza de linhas e de empolgante architectura, de majestoso aspecto, em *Nossa Lingua e seus soberanos,* é o em que o arguto observador faz a psychologia do padre Antonio Vieira.

Constituiu uma conferencia que Leda teve occasião de realizar em Belém sobre o jesuita celebre, com indiscutivel triumpho. Estas paginas interessantes, que ressumbram eloquencia, urdidas com o lavor admiravel de um ourives da lingua, encerram um estudo bem feito de psychologia sobre a grande figura da Companhia de Jesus. Vieira é ahi estudado por um prisma ainda não investigado por muitos. Seu vulto dominador, orgulhoso, passa por estas linhas severamente, engrandecido por uma cultura formidavel, por um engenho seductor, por uma oratoria que só a antiguidade classica acharia exemplar condigno. As suas prophecias, os seus milagres, as suas objurgatorias, estão ahi expostas, denotando o caracter do sabio apostolo da Companhia, e um dos maiores homens politicos de seu tempo, que reinaram em Portugal. Cheia de expressão e de vida, a effigie do ministro de Jesus, que foi um incançavel paladino da liberdade do indio nesta parte da America, transparece nitida nestas paginas, que o talento de João Leda aprimorou, escandiu, esculpiu a escopro e buril num trabalho exhaustivo de refinamento esthetico, de louçania de linguagem e de fervoroso culto ao idioma.

Vêm-nos á mente aquellas soberbas palavras de Fernão de Oliveira: «A lingua de tão nobre gente e terra como de Portugal, viverá contente e folgará de se estender pelo mundo».

De facto, sem se abastardar á castelhana, cresceu, aformoseou-se, expandiu-se. Ganhou em sonoridade, em timbre, em graça, em vigor, em flexibilidade, em

encanto, em rythmo; engrandeceu-se pela arte, pela cultura literaria e diffundiu-se pelo mundo, a ponto de ser hoje o órgão de expressão e communicação para cêrca de sessenta milhões de individuos.

No Brasil, a nossa lingua quão differe da que se fala em Portugal! Não nos atemos a um portuguez velho e revelho, só por amor ao purismo, só por aferro ás fórmas de antanho. O idioma brasileiro evoluido, rico de um vocabulario admiravel, é muito mais musical, muito mais euphonico, muito mais flexivel e harmonioso. Ha nelle o impulso do nosso sangue, a canção das nossas dores, a saudade dos nossos tempos vividos, a musica dos nossos palmares, a onda luminosa do nosso céu, o rebrilho das estrellas e constellações deste fundo eternamente azul da America brasileira. Em nossa lingua, na lingua nacional, herdada dos portuguezes, já se accentuou um cunho de brasilidade que não é dado escurecer e apagar. A nossa fala, a nossa escripta, emfim, os differentes aspectos de reacção a que está exposta, precisa, é certo, de se defender de impurezas, de guardar a crystalinidade de seus melhores cultores, para que se não deturpe, não se amesquinhe, não se corrompa, não se annule, não perca o seu prestigio. E neste sentido louvo a acção dos grammaticos, dos philologos, dos que vivem ciumosos de manter o fogo sagrado da boa linguagem, da syntaxe classica.

Neste numero inscreve-se um espirito liberto de formulas estreitas, de grammaticismos mesquinhos, — João Leda.

Galdino Martins de Souza Ramos.—Natural do Piauhy, residiu muitos annos em Manaus. Medico, a sua these de doutoramento tem o seguinte titulo: *Da Identificação* (Estudo comparativo dos diversos systemas de identificação de pessôas), Rio, 1918. Em Manaus publicou *As Impressões digitaes dos selvagens*, 1918. Tem ainda publicado diversos trabalhos de medicina na revista *Amazonas Medico*, e uma serie de discursos, no *Diario Official* do Estado, sobre o alcoolismo, lepra, tuberculose e cancer.

No departamento scientifico de que se tornou especialista (Identificação) tem sido citado e commentado por numerosos professores e sabios, que lhe rendem homenagem, taes como Edmond Locard, antigo assistente do professor Lacassagne, director da Policia Scientifica de Paris, em suas obras *L'Identification des recedivistes*, Paris, 1909, e *L'enquête criminelle et les méthodes scientifiques*, Paris, 1920; Alfredo Niceforo, da Universidade Nova de Bruxellas, substituto na Faculdade de Direito de Napoles, em seu livro *La Police et l'enquête judiciaire scientifiques*, Paris, 1907; Rodolfo Senet, professor de anthropologia na Universidade de La Plata (Argentina), na revista *Archivos de Pedagogia y ciencias afines*, 1906; Ernesto Quesada, grande jurisconsulto e polygrapho argentino, em *La Cuestion dactiloscópica*, Buenos Ayres, 1909; Alejandro Sáchaga, medico forense, em *Identidad*, Montevidéo, 1906; Alfredo Garibaldi, director de la Oficina de Identificación Antropométrica de Montevidéo e medico de la Penitenciaria, em *Identidad y Filiaciones*, Montevidéo, 1905.

No Brasil, fizeram referencias honrosas aos trabalhos do dr. Galdino Ramos os professores Souza Lima, Afranio Peixôto, Felix Pacheco, Medeiros e Albuquerque, Aurelino Leal, Manoel Vioti, Hermeto Lima, Argeu Guimarães, Otto Marques.

Referindo-se ao trabalho *Impressões digitaes dos selvagens,* o illustre escriptor Roquette Pinto teve palavras de alto elogio á originalidade e á illustração do autor. (*Rondonia* 2.ª edição, 1919, pag. 246).

Gaspar Antonio Vieira Guimarães.—Natural de Pernambuco. Nascido em 20 de Setembro de 1874. Foi director da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de Manaus, equiparada aos institutos officiaes congeneres, e com muito lustre occupou o cargo de desembargador do Superior Tribunal de Justiça, actualmente Côrte de Appellação.

Jornalista de merecimento, com uma veia ironica indisfarçavel. Entrega-se ao estudo da historia e da philosophia, como complementares ao preparo juridico que possue.

Obras publicadas: *Direito Internacional Publico e Diplomacia,* 1914; *O Vinculo entre o Estado e o Funccionario,* 1921; *A Vida,* 1930. Tem ainda os seguintes trabalhos: *A Evolução Historica da Divisão Judiciaria e Administrativa do Estado do Amazonas,* 1922, e *Historia do Logar da Barra do Rio Negro,* 1922.

Paulo Eleutherio Alvares da Silva.—Uma intel-

ligencia dynamica, lucida, encontra-se em Paulo Eleutherio, natural de Pernambuco, nascido a 4 de Setembro de 1886.

A faina do jornal tem para elle attrativos irresistiveis. Por isso vemo-lo figurar sempre na imprensa, batalhando, sem descanso. Mas não fica a sua actividade só no jornal. A tribuna tem em Paulo Eleutherio um grande realizador, um forte e brilhante espirito. Seus artigos e ensaios reflectem especial cultura de Historia, Economia e Pedagogia. Não se restringe, porém, a estes ramos. Aborda outros assumptos com garbo.

De vez em quando, a sua mentalidade atira ao mundo literario e scientifico um livro, sempre cheio de ideias e de cousas uteis. E' um elemento de acção pela pertinacia e enthusiasmo com que defende os seus themas doutrinarios.

Paulo Eleutherio é professor de Historia, de Economia Politica e de Geographia.

A sua penna corre febrilmente sobre o papel. Ama o ruido das machinas typographicas. Só está bem luctando.

E' membro fundador da Academia Amazonense de Letras e socio correspondente das Academias de Letras do Pará, de Pernambuco e da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. O Instituto Geographico e Historico do Amazonas tem nelle um dos seus socios fundadores, como o do Acre. E' socio correspondente dos Institutos do Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e São Paulo.

Paulo Eleutherio é condecorado pelo governo da Republica da Bolivia com a commenda de Cavalleiro da Ordem do Condor dos Andes e pelo governo de Portugal com a de cavalleiro da Ordem Militar de Christo, ambas por estudos relativos á historia e ás tradições daquelles paizes.

Publicou: *Fontes da Historia*, livro de divulgação dos valores economicos da região amazonica, escripto de collaboração com o notavel engenheiro paraense dr. Ignacio Moura; *Pela Guyana Brasileira*, impressões de viagem ao norte do Pará, região dos rios Jari e Parú; *A Rehabilitação do Acre*, impressões de viagem ao Territorio do Acre, de sua vida e administração publica; *Advento e evolução do ensino no Brasil* (Conferencia); *A Caminho de Novos Rumos*, conferencia de programma integralista.

Antonio Gonçalves P. de Sá Peixôto.— Faz parte do nosso sodalicio, de que é vulto de grande relevo. Bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de S. Paulo e doutor pela Faculdade de Direito de Rio de Janeiro, onde nasceu em 27 de Fevereiro de 1869.

Tem escalado varias posições culminantes, neste Estado e fóra delle. Foi deputado federal pelo Amazonas, no triennio de 1894 a 1896; depois no triennio de 1900 a 1902, tendo sido reeleito para o triennio de 1903 a 1905. Substituiu no Senado da Republica ao almirante José da Costa Azevedo (barão de Ladario), por motivo de seu fallecimento. Em 1908 foi

eleito vice-governador do Estado. Nomeado desembargador por Acto de 22 de Dezembro de 1913, assumiu nessa mesma data o exercicio do cargo. Jurisconsulto e parlamentar. Tomou parte na elaboração do Codigo Civil Brasileiro, como membro da commissão dos 21 da Camara dos Deputados.

Espirito prompto, arguto, claro, vivaz, forrado de erudição.

João Huascar de Figueiredo.—Nascido em Belém do Pará, a 27 de Fevereiro de 1891. Talentoso e culto advogado, conhece os segredos da praxe forense, os escaninhos por onde penetraram Pereira e Souza e outros. Possue uma dicção clara e agradavel na tribuna, sem arrebatamentos, não perdendo a linha de finura, embora sublinhando phrases de maliciosa ironia. E' um jornalista limpido na linguagem, despido de prevenções e infenso a farfalharias.

Agnello Bittencourt.—Nascido a 14 de Dezembro de 1876, no Amazonas. E' um nome que se recommenda ao alto apreço das élites intellectuaes pela extraordinaria capacidade de trabalho, dedicação á instrucção publica, a que devota extremo carinho, e pela copiosa somma de conhecimentos, especializados em Pedagogia, Historia, Geographia e Estatistica.

A Chorographia do Estàdo do Amazonas (1925) contribuiu poderosamente para alicerçar-lhe a reputação, já consolidada por outros trabalhos.

O professor Agnello Bittencourt publicou, já ha

alguns annos, um compendio *Chorographia do Amazonas,* these com que se apresentou candidato á cadeira de Geographia Geral e Chorographia do Brasil do Gymnasio Amazonense. Este estudo, si bem que feito com muito cuidado, não satisfazia o espirito incançavel do illustre educador da nossa mocidade, que fez do ensino um apostolado. Uma ansia febril de dar-nos uma obra mais completa sobre a região que recebe o chuveiro dos raios do sol equatorial, levou o eximio publicista a volver suas vistas para a alludida these, no sentido de produzir um livro que melhor reflectisse os accidentes da terra, a sua humidade, o seu céu luminoso, o systema hidrographico, os aspectos politicos, economicos e sociaes do valle, que concentra as maiores riquezas vegetaes do mundo, e apresenta os quadros mais empolgantes de aguas, que possue o universo em qualquer dos seus quadrantes. Dahi o ter emprehendido uma sorte de revisão do seu trabalho, ampliando-o e imprimindo-lhe mais vigor.

A parte do livro consagrada aos rios é volumosa, complexa e bem orientada. O escriptor, que traduz o seu pensamento com clareza, não obstante o cunho didactico, teve o cuidado de dar um tom scientifico ao estudo geologico e potamographico. Conhece tudo quanto se tem escripto a respeito. Investigador esforçado das nossas riquezas, lê tudo quanto lhe cae ás mãos, de antigos e modernos, sobre a geographia amazonica. As suas descripções não são meramente physicas e atreitas ao scientificismo frio. Parece tomado

daquelle soffrego enthusiasmo que invadia Bates e tantos outros, impellindo-os para o maravilhoso, como o faz sentir Euclides da Cunha. Assim, este considerado professor, em muitas paginas, deixa-se seduzir pela belleza ambiente, pela grandeza selvagem, pela perenne frescura das varzeas, e, já citando, já empolgado pelo bello, escreve periodos de vibração artistica.

A baixada amazonica é ahi estudada com criterio e severo escrupulo. Servindo-se de suas observações, e rastreando os mais notaveis especialistas, offerece á curiosidade do leitor as diversas theorias architectadas sobre esse paraizo de graças e maravilhas. Completa o seu magistral livro uma parte ethnographica e historica.

E' Agnello Bittencourt presidente do Instituto Geographico e Historico do Amazonas. Foi eleito membro da Academia Amazonense de Letras para a cadeira que tem por patrono Raul Pompeia. Tem escripto muito sobre diversos assumptos.

Antonio Monteiro de Souza.—Formado em Odontologia, occupa uma cadeira em um dos nossos institutos officiaes de ensino, dando-nos livros didacticos de valor. Politico, foi por muitos annos nosso representante na Camara dos deputados federaes, e, interinamente, governou o Amazonas.

Em 1918 publicou *A União e o Ensino Primario*, onde enfeixou discursos proferidos na Camara. O passado attrae a sua attenção e, de vez em quando, mergulha no fundo de sua historia para de lá trazer paginas de subsidios importantes.

Adelino Cabral da Costa.—Nasceu a 24 de Novembro de 1876, em Pernambuco. E' um espirito cultivado. Milita na imprensa desde o Recife, em cuja Faculdade de Direito se formou. Vindo para Manaus, transformou-se em industrial, dirigindo os negocios de vastos e ricos castanhaes na zona do Ayapuá, rio Purús, dos quaes é co-proprietario. Mas, mesmo assim, o intellectual de outros tempos não tem desmerecido o brilho de sua variada cultura, augmentada incessantemente com leituras proveitosas, mormente de direito. Continúa a prezar o jornalismo.

O sabio francez Charles Richet e seu filho Charles Richet Fils foram hospedes, durante vinte dias, na fazenda do lago Ayapuá, do dr. Adelino Costa, que possúe muitos autographos e livros com dedicatorias do grande polygrapho. No Ayapuá encontrou Charles Richet um salão de bibliotheca confortavel e um laboratorio preparado para o receber, facto que lhe causou agradavel surpreza. O scientista que viera ao Amazonas, entre outros motivos, para estudar nas aves o coefficiente de relação entre o pezo e a superficie da plumagem, afim de applicar á aviação, de que era um apaixonado, distrahia-se nas horas vagas em lêr as obras-primas da literatura grega e latina, perlustrando Homero, Virgilio e Ovidio, tendo á bocca o indefectivel cachimbo, que enchia do nosso tabaco forte e aromatico.

Aurelio Valdomiro Pinheiro. — Illustrou por muito tempo as letras amazonicas este scintillante *conteur* e romancista. O espectaculo do valle, na

grandeza verde de suas florestas verdes, no deslizar dos seus «pampas liquidos», no arfar da terra, que se alteia, na tristeza penumbrosa dos igapós, na agonia dos chavascaes, no tremor dos ares provocado pelas faiscas do sol, arrancou-lhe vôos da imaginativa superexcitada. As suas paizagens falam ao coração pela emotividade, pela decoração architectural e pelo flagrante do tumulto ambiente. Deste teor é *Gleba Tumultuaria* (Scenas e scenarios do Amazonas). Suas paginas rebrilhantes, de uma larga e profunda vibração, tem alguma cousa de forte, de attrahente, de commovedor, constituindo aquella obra de arte que tanto se ajusta ao conceito de Léon Arnauld,—uma illusão que eterniza a vida pela immobilidade. Aliás, o merito literario de Aurelio Pinheiro já estava firmado por uma publicação que lhe valeu a melhor acolhida na imprensa do Rio de Janeiro, através dos seus mais conceituados orgãos. O seu primeiro livro—*O Desterro de Humberto Saraiva*—recebeu legitima consagração, culminando no premio que lhe concedeu a Academia Brasileira de Letras. *Gleba Tumultuaria* é uma affirmação das suas qualidades de escriptor. Constitúe um formoso repositorio de contos, de um colorido vivo, nervoso, onde a natureza é reproduzida em aguas-fortes impressivas. Os aspectos estonteantes do Amazonas ahi estão fixados num flagrante cheio de luz, de movimento, de trepidação e de belleza, dando-nos a sensação de seu horizonte desmesurado, da longura e profundeza dos seus rios, da physionomia aggressiva e selvagem de suas mattas.

Aurelio Pinheiro é um atilado observador das cousas amazonicas. Servido por uma analyse aguda e por uma technica de indiscutivel propriedade, créa typos, desenrola scenas, descreve phenomenos, desfibra almas, sem perder de vista os lagos limpidos, os rios rumorosos, as borrascas tremendas, as rajadas impetuosas, a phosphorescencia dos relampagos, a alegria das varzeas cultivadas e a exhaustiva e tenaz lida do seringueiro. E' dentro desta moldura excepcional que talha, em incrustações de ouro fulvo, as suas soberbas creações. O escriptor tem o poder de transmittir, de communicar a quem o lê, o fluido de emoção que sentia ao desenhar as suas personagens, na maioria gente barbara, movendo-se, vivendo, agindo nos prados, á beira dos rios, entre as florestas negras.

Waldemar Pedrosa.—Professor e advogado. Nasceu em Manaus, a 29 de Março de 1888, tendo-se bacharelado pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1911. Seu pae, o dr. Jonathas de Freitas Pedrosa, era natural da Bahia, onde se doutorou em medicina. Passando-se para o Amazonas, exerceu a clinica durante longos annos, com reconhecida competencia, e foi chefe do Partido Nacional, uma das mais pujantes aggremiações politicas que já se organizaram. Pleiteando varias vezes para si e para candidatos de seu Partido cargos de eleição, viu coroados seus esforços pelo enthusiasmo com que os seus correligionarios accorriam ás urnas. Foi eleito senador da Republica por essa assembléa partidaria.

Ingressou novamente na Camara Alta do paiz como representante do Amazonas, em outras legislaturas. Foi eleito governador para o periodo constitucional de 1913-1917.

Em 1912, chegava formado o sr. Waldemar Pedrosa, que foi occupar o cargo de official de gabinete do governador, passando a servir na Procuradoria Fiscal do Municipio. Occupou depois os cargos de Procurador Fiscal do Estado e lente substituto da cadeira de francez da Escola Normal, passando posteriormente a effectivo.

Attencioso, honrado, culto, de maneiras símples e affaveis, grangeou a estima publica e é hoje um dos homens representativos de seu berço natal, a que consagra as suas energias moças, bem orientadas.

Secretario Geral do Estado na situação anterior á revolução de Outubro de 1930, o eminente Interventor Federal capitão-tenente Antonio Rogerio Coimbra escolheu-o para exercer o mesmo cargo e, nessa qualidade, assumiu interinamente, por mais de uma vez, a Interventoria, na ausencia do titular effectivo, havendo-se com bravura e rectidão.

O sr. Waldemar Pedrosa é, como dissemos, professor de francez na Escola Normal, conhecendo a fundo a lingua. Escreveu um importante estudo *Une Recherche philologique*, louvado pela critica. É tambem professor de Direito Penal da nossa Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes.

Advogado, o seu talento ha resplandecido nos prélios do fôro, onde a sua palavra é ouvida com

applausos. Os seus trabalhos forenses revelam a aptidão do profissional, a visão do jurisconsulto. Escreve sem rebusca. Occupa uma cadeira na Academia Amazonense de Letras.

Publicista, professor e literato, não tem atavios na linguagem, os «persicos aparatos», de que falava Horacio, mas sua prosa é lidima, impeccavel e altamente suggestiva.

Coriolano Durand.—Nasceu a 11 de Abril de 1878, no Forte de Tabatinga. Poeta, *conteur* e comediographo, imprime aos seus escriptos uma contextura radiosa pelo calor imaginativo e pela polychromia das phrases.

Coriolano Durand é professor de francez, regendo esta disciplina no Gymnasio Amazonense Pedro II. Escreveu a seguinte these: *Des Alterations Phonétiques (La scission d'une langue commence au moment où parâit sa littérature).*

Tem escripto muitos artigos de critica e chronicas, publicadas n'*O Paiz*, do Rio de Janeiro, e em varios jornaes de Manaus. Os seus contos não estão enfeixados em livro, estando insertos em revistas do Rio, da Parahyba e desta capital. Apesar da tendencia literaria do escriptor amazonense ser para o teatro, em que sobresáe com autoridade, os seus contos têm muita vibração e um vigor de traços da vida real que lhe define a aptidão de psychologo. Coriolano Durand sem cahir na obscenidade, sem incidir nas chocarrices corriqueiras, estuda no conto a tragedia intima da vida

das suas personagens, e, muitas vezes, o lado caricatural, projectando sobre a scena uns entrechos de nitidez empolgante. Mas a sua actividade, definindo-lhe o talento, tem sido no genero theatro, onde a visão do comediographo se accentúa em linhas palpitantes. Na alta comedia deu-nos o escriptor *A Chamma,* em 3 actos, peça que interessa e attrae pela dramatização. Tão magnifica producção foi vertida para o francez, e acceita no *Théatre de L'Oeuvre,* de Paris, por Lugné Poe, e no Theatro D. Amelia, de Lisboa. Escreveu ainda o vaudeville *Vende-se,* em 3 actos, representado no theatro da Exposição, no Rio de Janeiro, em 1908. Além disso, tem ainda não levada á scena, a opereta para crianças *A Marquezinha,* em um acto, musica de Sobreira Lima.

Faz parte da Academia Amazonense de Letras.

José Francisco de Araujo Lima.—Formado em medicina. Cultiva o jornalismo, embora não seja militante, com um suave deslumbramento A boa prosa, sem artificios palavrosos, encontra em Araujo Lima um fiel servidor, um artifice escrupuloso. Sem nos referirmos a opusculos sobre materia de sua profissão, deu á publicidade, ultimamente, dois livros: *A Amazonia. A Terra e o Homem.* Editora, Alves Limitada, 1933, e *Só a Educação transforma os povos.* Editora, Alves Limitada, 1933. São dois livros em que o autor mostra muita erudição, principalmente em assumptos de medicina e sociologia. No ultimo, traça a critica da educação brasileira e encara a tarefa educacional da

juventude. Mais esforço mental representa *A Amazonia. A Terra e o Homem.* O escriptor paira em terreno scientifico da primeira á ultima pagina, abrindo o livro com um estudo anthropogeographico, onde usa uma torrente de termos technicos, tornando-se, ás vezes, inaccessivel ás intelligencias vulgares. Enfrenta os problemas da Amazonia á luz da moderna anthropogeographia, da sociologia e da eugenia. E' uma argumentação cerrada em prol do caboclo, das nossas plagas, indo de encontro a certos conceitos emittidos por Euclydes da Cunha e Oliveira Vianna. Pintando alguns quadros do homem amazonico e da natureza, Araujo Lima é por vezes agil, eloquente, e revela-se um artista. Hauriu os motivos do seu livro forte dentro do estranho «paraizo verde», desta maravilhosa terra dos descendentes dos antigos barés guerreiros. Estas paginas, porém, são poucas. O grosso do livro é uma exposição de sociologia e de hygiene, debatida por um estheta.

Prefacia o livro *A Amazonia. A Terra e o Homem* Tristão de Athayde, que tece louvores ao talento e ás excellencias de sua these.

José Chevallier Carneiro de Almeida. — Nasceu a 5 de Setembro de 1882, em Alagoas. Poeta, jornalista e educador, com a noção positiva dos problemas pedagogicos modernos. Tem uma sensibilidade afinada este aferidor de sons e de côres, que lhe irrompem do cerebro em alleluias de alvoradas. *Poema do Tarumã,* para não citar outros, está crystalizado em

estylo ultraista, da escola de Guilherme de la Torre, de Madrid. O ultraismo absorveu-lhe os rythmos na espansão azul dos seus sonhos. Collabora com assiduidade nos jornaes.

Membro da Academia Amazonense de Letras.

Hemeterio Cabrinha.—O autor de *Vereda Illuminada* tem a alma aquecida pela chamma do amor immortal e o cerebro ardente de phantasia. Nelle está um soffredor que não tem rancor pelos homens, que não amaldiçôa a vida, ou que não a vê através de magoadas tristezas. Seu espirito mostra-se superior ao soffrimento. Do intimo de sua inspiração sobem fluidos secretos que lhe imprimem novos alentos para proseguir na «vereda illuminada» da vida. *Dentro do meu silencio, Minha mãe, Velho tronco* são producções que revelam o artista, dominando-se, para exaltar a natureza e o homem, espectador da vasta tragedia humana. Por vezes encara motivos philosophicos, com scientificismo, já esquecido no Brasil.

Hemeterio Cabrinha é um poeta antigo, á maneira romantica, com devaneios banaes.

Chrisanto Jobim. — Uma visita á casa de Chrisanto Jobim mostra, de repente, que elle não é apenas o funccionario publico, habituado ao expediente da repartição, á volta com os processos de Fazenda. Ao contrario, sentimos logo o contacto de um authentico archeologo, arrebatado pelo carinho das cousas indigenas, dos velhos documentos exhumados de

priscas eras. O Museu Rondon (hoje pertencente ao Instituto Geographico e Historico do Amazonas) assim denominado em homenagem ao intrepido sertanista general Candido Mariano da Silva Rondon, é um mostruario precioso de antigualhas.

Chrisanto Jobim organizou-o durante annos com um cuidado extraordinario. Alli, á exposição, estavam passaros, tamaranas, frechas, enduapes, rosarios, urnas funerarias, capacetes, plumas, tudo em summa, quanto a sua habilidade e a sua extrema devoção por esses objectos poude adquirir. A sua collecção de machados de pedras era talvez uma das maiores do mundo pela multiplicidade dos exemplares. Assim tambem o grupo de frechas indigenas, com a devida classificação, encantava pela diversidade dessas armas dos nossos aborigenes. Até a cicuta indigena, o tragico e letal veneno selvagem—o curari, em uma panellinha, lá estava na estante, guardado.

Seu museu era visitado por sabios e viajantes. Esta rica variedade de objectos e artefactos indigenas foi adquirida pelo governo do Estado, o illustre Interventor Federal, capitão Nelson Mello, para o Instituto Geographico e Historico do Amazonas.

Todavia a sua paixão pela archeologia e ethnographia faz delle um colleccionador infatigavel, e Chrisanto Jobim já organiza novas collecções com outros padrões interessantissimos.

Revolucionario, quando da revolta de 23 de Julho de 1924, no Amazonas, occupou o cargo de Secretario Geral do Estado, durante o governo do então 1.º

tenente Alfredo Augusto Ribeiro Junior. Devido a esta sua attitude, o governo da Republica demittiu-o sem fórma nem figura de juizo, apesar dos seus vinte e cinco annos de serviço publico na Fazenda Federal. Soffreu todas as perseguições. Foi preso, processado, experimentando com sua familia todas as torturas imaginaveis.

Felizmente com o advento da revolução de Outubro, veio a reparação, a benção de Deus sobre o lar tragado pela desdita, e elle foi reintegrado e promovido.

E' um orador de arranques impetuosos, com a palavra flammejante e dominadora.

Raymundo Nonato Pinheiro.—E' um fascinado pela natureza virginea e turbilhonante do Amazonas que lhe cavou vincos profundos nas cellulas nervosas. O visionador das torrentes seculares e das mattas sombrias soube apanhar nos seus contos e em outras producções o grito da gaivota, o surdo grasnar dos magoaris de pescoço distendido e recurvo, a alma agreste dos sertões, a aspereza da terra, redoirada de sol e de belleza.

Julio Olimpio da Rocha.—Nasceu no Ceará, tendo ingressado, aos dezeseis annos, na imprensa de Fortaleza, onde collaborou em diversos jornaes e revistas, fundando e redigindo *A Penna*, publicada em 1892. Fez parte do *Centro Literario Cearense*, juntamente com Papi Junior, Justiniano de Serpa, José Luiz

da Justa, Themistocles Machado, Frota Pessoa, Juvenal Galeno, Rodrigues de Carvalho, Alvaro Martins, Bomfim Sobrinho, Fernando Weine, Pedro Muniz e outros.

Acha-se no Amazonas ha muitos annos.

Julio Olimpio é um poeta de feição lyrica, livre de empoulas, fluindo-lhe naturalmente o sentimento através das suas estrophes, em florações de esmerados devaneios espirituaes.

O seu ultimo livro de versos *Occaso*, Imprensa Publica, 1933, traz um prefacio de Pericles Moraes, que é uma exaltação ao poeta. Anteriormente havia publicado dois volumes *Crepusculos* e *A Coruja.*

Raul de Azevedo. — Nasceu no Maranhão. Romancista. De sua literatura ressumbra transparente voluptuosidade. Tem preoccupações naturalistas em muitas de suas obras, onde não faltam bellas imagens nem amavios de expressão, boas tintas e enpenhosos enredos.

O romance, que na expressão de Eugène Poitou, «conquistou um conspicuo logar na literatura moderna, e que, maravilhosamente apropriado, ás necessidades da sociedade, se apodera das imaginações para as dominar, sobretudo das mulheres e dos jovens, duas grandes forças em todos os paizes», é o genero predilecto do escriptor, acompanhando as personagens que movimentam a acção e, simultaneamente, descrevendo os panoramas e scenarios que a sua imaginação evoca. Não só do romance tira effeitos surprehendentes.

O seu espirito polymathico exercita-se tambem na critica, no conto e na phantasia.

Raul de Azevedo é um veterano da literatura, Seu nome vem luzindo de longa data, na imprensa e no livro, suas obras formam uma bibliographia copiosa, que attesta a sua paixão pela arte e a sua fecunda operosidade de belletrista.

Ultimamente, no Rio de Janeiro, o reputado escriptor ha tirado novos edições de alguns de seus livros, e editado outros, apparecendo com assiduidade nas columnas do *Correio da Manhã, Jornal do Brasil, Diario de Noticias* e *Vanguarda,*

Bibliographia: *Artigos e Chronicas*, 1896; *Ternuras,* 1896; *Na Rua,* 1902; *Dr. Renato,* 1903; *Homens e Livros,* 1903; *A Esmo,* 1904; *No Amazonas,* 1906; *Triplice Alliança,* (romance), 1907; *Aspectos e Sensações*, 1906; *Terra á Terra,* 1906; *Confabulações,* Lisboa, 1919; *Roseiral*, romance, 1932; *Amôres de gente nova*, romance, 2.ª edição, 1933; *Hora de Sol,* 1933; *Bazar de Livros,* 1934, e outros.

Dejard de Mendonça—Amazonense. Parece cristalizar nas veias os rumores deste rincão brasileiro. E' um talento admiravel, forrado de uma riquissima gamma de sensibilidade. Como homem de imprensa é a intrepidez resoluta, sem olhar consequencias. A sua vida publica, feita na tribuna, «o mais alto pedestal do pensamento humano», no dizer de Lopes Trovão, e no jornal tem sido um continuo triumphar em cruzadas de alevantados ideaes.

Dejard de Mendonça é bem amazonense por hereditariedade e por influencia do meio. Todavia, se aqui deixou traços inapagaveis de uma intelligencia de élite, a sua formação completou-a no Pará, onde continuou a manter vivas, no fervor religioso dos combates civicos em que se empenhou, as tradições das batalhas antigas.

A sua oratoria é portentosa. Exerce sobre o auditorio uma estranha fascinação. Espirito eminentemente orientado por um pensamento reflectido e sadio, não se deixa ennovelar nos arrebatamentos golpeantes dos discursadores de palavra banal e facil. Consciente, dominando as suas emoções, peza os vocabulos alteia-se nas imagens improvisadas. Mas o seu verbalismo reverberante e multi-colorido é sempre a materia prima de sua oratoria.

O jornal é o padrão aferidor do seu talento e da sua brilhante cultura. Suas campanhas retratam a inteireza do analysta, o desprendimento do pregador, o verbo aquecido de sua ideologia. Nobre, fidalgo, amavel no tracto. Outro aspecto de sua configuração literaria, por sem duvida, é a poesia. *Evangelho de meu filho* é uma esculptura de relevos aureos, onde existem accentos de transcendente belleza.

Henrique Rubim.—Jornalista, literato e advogado. Pertence á geração antiga de jornalistas combatentes que terçavam armas com tanto mais empeno e ardor, quanto mais accêsa ia a lucta, para que mais cara, e por isso mesmo mais estimada lhe

sahisse a victoria. Henrique Rubim collaborou assiduamente em varios jornaes, como *Jornal do Commercio*, ao lado de Rocha dos Santos, *O Tempo*, *Diario do Amazonas*, tendo dirigido, com aquella competencia que todos lhe reconhecem, o *Diario Official*, do Estado. O articulista experimentado, fluente e brilhante, ainda conserva aquelle lampejo de idéas aquella maneira ironica de contender, aquella correcção de linguagem, em que procura sempre vasar os seus pensamentos. Por isso mesmo, occupa logar saliente entre os mais distinctos homens de imprensa, novos e velhos, que triumphalmente a opinião publica ha consagrado. Seus escriptos são esfusiantes de pilherias e de anedotas apropriadas ao caso que elle quer adaptar. Ha nelles um certo travo de ironia e de satyra. O escriptor tempera o periodo, quando se torna preciso, de certa dóse de sal attico, para esgrimir contra o adversario. E' um jornalista correcto, puchando para o jocoso, mas energico e rispido em certas occasiões. Está sempre a divergir. Eduardo Prado dizia que os intellectuaes hão de sempre divergir. «E' isto o que faz a belleza do pensamento humano, livre nas suas manifestações, no seu modo de vêr as cousas». Henrique Rubim é uma chronica viva. Tem sempre uma *blague* a contar, um facto a exhumar do passado.

Foi um dos socios fundadores do Instituto Geographico e Historico.

E' advogado provisionado, porém a circumstancia de não ser formado em direito não lhe deslustra os meritos, adquiridos nas pugnas forenses. Ha differença

notavel entre o advogado, senhor de sua profissão, entendido na technica e o leguleio. «La ciencia juridica no puede degenerar em oficio de leguleyos», escrevia Rodolfa Sohm, em *Instituciones de Derecho Privado Romano.* Perito na technologia juridica, que o grande Von Ihering lastimava estar sendo descurada pela maioria dos magistrados europeus, e conhecedor da doutrina juridica, através dos melhores autores nacionaes e estrangeiros, Henrique Rubim é um profissional idoneo e illustrado. A sua linguagem é muito limada. Dir-se-ia ter o cuidado absorvente da fórma. O citado Von Ihering, segundo nos informa Clovis Bevilaqua, tinha um verdadeiro culto pela fórma. «Era com meticuloso escrupulo que se punha a procura da phrase adequada».

Sem querer estabelecer parallelos incabiveis, em Henrique Rubim ha este esforço elogiavel de ser preciso, expressivo; ha neste modesto e laborioso advogado um esmero meticuloso, um paciente trabalho de traduzir o pensamento e dar corpo á emoção.

Julio Nogueira.— Publicista e professor de philologia e de linguistica. Acha-se affastado do meio, mas nelle, o seu nome continúa a luzir. Jornalista e educador dos mais auctorizados.

Lopes Gonçalves.— Advogado e constitucionalista. Representou o Amazonas no Senado da Republica, sendo depois eleito deputado por Sergipe. Escreveu um estudo sobre os nossos limites com a Bolivia. Publi-

cou *Chorographia do Estado do Amazonas*, referta de boas informações. Outros folhetos vindos á luz referem-se á politica.

Leopoldo Tavares da Cunha Mello. — Natural de Pernambuco, tendo nascido na cidade do Cabo, em 10 de Dezembro de 1892. Veio para o Amazonas em Março de 1893, seguindo para Manicoré, onde era juiz seu pae, o actual desembargador aposentado do Amazonas, dr. Benicio Tavares da Cunha Mello. Fez parte de seus preparatorios no Gymnasio do Recife, terminando-os no Gymnasio Amazonense.

Formou-se em sciencias juridicas e sociaes no Recife, em 1919, tendo obtido no curso, que foi brilhante, trese distincções e tres graus nove.

Foi auxiliar de Auditor de Guerra de Pernambuco, em 1910. Vindo para o Amazonas no anno seguinte, foi nomeado Juiz Municipal de Floriano Peixoto, onde esteve um anno na vara de direito. Depois foi Juiz Municipal de Coary e Teffé.

Em 1912, o governo nomeou-o Promotor do 1.º Districto de Manaus, servindo até 1922, quando foi removido acintosamente para S. Felippe, hoje João Pessoa. Motivou a remoção um habeas-corpus que impetrou a favor de diversos funccionarios municipaes. Cunha Mello não assumiu a Promotoria de S. Felippe, tendo sido dispensado por abandono de emprego. Dedicou-se a advocacia, cujos proventos lhe asseguravam uma vida independente e uma esphera de acção politica imparcial.

Em 1917, foi official de gabinete do governador Alcantara Bacellar, cujo cargo deixou em Fevereiro de 1918.

Em 1924, o governo militar, escolhido pelo general Menna Barretto, distinguiu-o com a nomeação de Chefe de Policia.

Contrahiu nupcias, em Pernambuco, com uma digna filha de Laurindo Leão, o provecto professor de direito e philosophia, que conquistou a profunda admiração e a saudade de seus discipulos, que foram muitos, na Faculdade de Direito, daquelle Estado.

Cunha Mello, jurista consagrado, com um tacto notavel para a advocacia, continuou a exercer a sua nobre profissão, contando uma banca movimentadissima. Seus trabalhos definem-lhe o valor, a illustração, o espirito comprehensivo e claro.

Candidatou-se a deputado estadual, em 1925, na administração do Interventor Alfredo Sá, tendo sido o mais votado na capital. Em 1927, candidatou-se a deputado federal, não tendo sido eleito. Em 1933, o seu nome foi apresentado para a representação do Amazonas na Constituinte, sahindo victorioso.

Mudando sua residencia para o Rio de Janeiro, Cunha Mello affirmou logo sua competencia. O jurisconsulto tornou-se conhecido em pouco tempo nas rodas forenses, na Capital Federal.

E' advogado do Banco Nacional Ultramarino.

Como deputado á Constituinte foi o *leader* da bancada. Fez parte da Commissão dos 26, sendo o relator dos capitulos referentes aos Municipios, Conselho Supremo, Estados, Territorios e Districto Federal.

Fez parte da Commissão do Regimento da Camara. Representou a Constituinte na assignatura do Tratado de Paz entre o Perú e a Colombia. Foi eleito para a principal commissão da Camara, — a de Constituição e Justiça.

E' um homem de acção prompta e de virtudes apreciaveis.

Sem ser orador politico eloquente e arrebatador, fala de improviso com extrema correcção de linguagem e abundancia de pensamentos. As suas orações na tribuna judiciaria são ponderadas e persuasivas. Seus discursos politicos são calorosos e proferidos com elegancia e conhecimento completo dos problemas que ataca.

O povo do Amazonas renovou-lhe o mandato de deputado federal, juntamente com Alvaro Maia, Alfredo da Matta e o capitão Alfredo Augusto Ribeiro Junior.

O illustre deputado é uma das figuras mais representativas deste Estado, pelo seu talento, pela sua cultura, pelo civismo e pelas qualidades moraes que lhe caracterizam a individualidade.

Benjamin Lima.—Entre os authenticos escriptores amazonenses figúra sem contestação, em primeira plana, Benjamin Lima, artista de nomeada nos meios intellectuaes do Brasil. Terça a penna fidalga com a galhardia e o apuro de um Flaubert. E' Benjamin Lima um escriptor de alta sensibilidade e de grandes recursos de imaginação. O estylo desse artista aristo-

cratico é castigado e prima pela belleza de expressão, que é um dos seus mais fortes caracteristicos.

Versando assumptos diversos, escrevendo artigos doutrinarios, chronicas ou outros trabalhos de arte, é sempre o amavel escriptor de imprevistas revelações, de imaginativa rica, de vôos alevantados, de idéas felizes. Plasma admiravelmente o periodo, parecendo uma de suas preoccupcções a completa exacção vocabular, a propriedade de rythmos e de linguagem. Benjamin Lima não desmentiu a tradição que levou de sua provincia, o Amazonas, cheio de mysterios e de lendas. Ao contrario, na metropole brasileira engrandeceu a sua reputação de escriptor.

Publicista, critico e comediographo.

Como critico, revela-se penetrante, agudo, em *Jorge de Lima*, onde, ao apreciar a individualidade desse excellente escriptor, põe em jogo os seus thesouros de arte e de literatura, a sua fina argucia de sacerdote do bello, que tem o espirito experimentado no conhecimento geral das disciplinas sociologicas.

Comediographo, Benjamin Lima é um nome consagrado, enaltecido, exaltado nos meios artisticos. Apresentou ao publico lindas producções. *Revolta do Idolo, O Homem que marcha, O Homem que ri, O Carrasco* são manifestações de um espirito observador que, assenhoreando-se dos preceitos de sua arte, architectou verdadeiras construcções preciosas no dominio do pensamento.

Pedro Thimoteo.—E' uma rija envergadura de

homem de imprensa, acostumado aos embates da profissão, exercida com carinho, apesar da rudeza das campanhas e das agitações naturaes da vida politica.

Pedro Thimoteo, deixando Manaus, onde cimentou sympathias e admirações, fixou residencia no Rio de Janeiro, continuando a prestar bons serviços á imprensa brasileira, que tem nelle um luctador, um articulista doutrinador e elegante. E', além disso, advogado e tribuno de fibra. Interessa-se pelo seu Amazonas querido, e não se alheia ao fio de sua politica, da sua grandeza e de seu bem estar.

Oseas Motta.—Paladino incançavel e destemeroso, que por aqui andou poetando com a cabeça cheia de vibrações de rhapsodias, deixando a calida Manaus para ir viver no Rio, na proteiforme cidade dos arranha-céus e dos jardins maravilhosos. E' um jornalista fogoso, de energia irreductivel.

Leopoldo Péres.—E' uma vigorosa organização de publicista e de critico. Orador de prodigiosos recursos. Jornalista de poderosa actuação na imprensa amazonica.

A sua cultura opulenta permitte-lhe a evidencia em que vive. A sua vida espiritual é uma escalada gloriosa pelos cimos da arte. São constantes os seus triumphos no campo da sociologia, que estuda com amplitude de visão. A esplendida floração do seu talento fez de Leopoldo Péres um vulto admiravel e impressionante de artista.

«A arte, disse Oliveira Martins, é o symbolismo da natureza. Por isso mesmo, a arte é, das faculdades humanas, a mais viva, a mais fórte, a mais gloriosa; aquella que mais perto nos colloca, e em maior intimidade, com as penumbras vagas do mysterio em que nos agitamos—crepusculo indefinido que se prolata sem se extinguir, alargando-se, pelo contrario, á medida que o robustecimento da nossa razão e a quantidade dos nossos conhecimentos cresce, ampliando a peripheria do espaço claro e nitido para o nosso espirito pensante». *(Camões. Os Lusiadas).*

Sendo, como é, ainda muito moço, devemos esperar de Leopoldo Péres novas e mais opulentas manifestações do seu formoso espirito.

Jornalista, sobre ser um inquiéto e interessante investigador dos phenomenos sociaes, versa com excepcional erudição os differentes assumptos em debate na sua victoriosa carreira de escriptor. Os artigos escriptos por Leopoldo Péres têm o que quer que seja de permanente e intrinsecamente duradouro. Não se confunde o seu estylo. Sempre brilhante, sumptuoso, alcandorado. Os seus artigos reflectem o espirito culto do autor, a superioridade mental, o arrojo das idéas, a nobreza da imaginação. Os ensaios literarios de sua lavra são expressões vivas de um espirito affeito ao raciocinio e ás analyses.

Um animador de sensações, sobre a personalidade literaria de Pericles Moraes, a proposito do livro *Figuras & Sensações*, é um indice da capacidade artistica dessa impressiva figura das nossas letras.

A acuidade esthetica de Leopoldo Péres, neste lucido ensaio, se espelha em magnificas paginas de colorido e vigor.

Outro estudo digno de menção, como aliás são todos os seus trabalhos, é o que se intitula—*Em louvor de uma grande vida.* Nesse longo artigo exprime as suas impressões a respeito de um outro livro de Pericles Moraes,—*A Vida Luminosa de Araujo Filho.*

«A biografia carlyleana, de Araujo Filho, diz Leopoldo Péres, em todos os lances de uma grande existencia, que foi sempre, da arraida ao crepusculo, um poema heroico, um acto de fé, uma exhortação de energia e, sobretudo, uma syntese de belleza moral, de pugnacidade e altruismo, devemo-la já hoje, breves mezes volvidos do seu melancolico trespasse, a um compromisso de intelligencia e de sensibilidade. Escreveu-a Pericles Moraes e, só com o escrevê-la, erigiu á memoria gloriosa e onimoda do Preliador a mais resplandescente das columnas votivas». (1)

Enfeixando conceitos varios através deste esmerado e fulgurante memorial, não se descuida o autor de exaltar a figura mascula do saudoso biographado, que fôra buscar o lastro de sua formação literaria nos philosophos, historiadores e poetas gregos, nas creações espirituaes da sempre illuminada Hellade e na Historia, que Cicero chamava «magistra vitae, nuntia vetustalis», especialmente na romana que, na

(1) *O Jornal,* edição de 2 de Setembro de 1931.

expressão de Lord Chesterfield «abunda em exemplos de homens illustres e em grandes acontecimentos, ao mesmo tempo que nos exhorta. mais que nenhuma outra, á virtude, mostrando-nos, de que modo uma cidade pequena como Roma, fundada por um punhado de pastores e aventureiros, chegou a ser, no espaço de setecentos annos, senhora do mundo por sua virtude e valor». (2) Tal é o brilho deste estudo que Pericles Moraes o incorporou ao seu magnifico memorial de saudade.

Como advogado, Leopoldo Péres tem-se imposto á estima e admiração dos circulos juridicos. Os debates judiciarios o empolgam. Ahi vemos o ardoroso tribuno elevar-se ás culminancias da arte difficil da palavra, e discutir os complexos problemas que a sciencia juridica suscita no conflicto da vida diaria. O orador é sempre prodigioso. Assim nas assembléas populares, como nos certamens de arte, interessando pela harmonia do estylo, pela belleza da expressão, pelo cunho superior do artista da nobre linhagem intellectual de um Mauclair.

Francisco Pereira.—E' uma mentalidade dispersiva de poeta e jornalista. Reporter de tacto, dynamico, a penetrar os assumptos com sofreguidão, para depois transmitti-los sem nada falhar nas minucias.

A sua poesia é matizada de paizagens e de scenarios decorativos. O Amazonas fornece-lhe a

---

(1) *Cartas Completas*, trad. do dr. Luis Maneiro, Havre, 1873.

maior parte das inspirações. Descreve com meticulosidade um tronco de cecropia, altanando-se na ourela do pantanal. Alonga a vista pela curva de uma enseada vermelha, aonde o sol põe laivos purpurinos: avista uma igarité barbara, balançando-se na restinga, á espera que o banzeiro cesse para atravessar o rio.

E' um orador enthusiasta, por vezes inflammado.

Obra: *Poemas Amazonicos.*

Francisco Vieira de Alencar.—Robusta intelligencia, incendida de ideal. Temperamento sensivel ao bello. Escriptor de nome feito.

Vieira de Alencar cultiva com esmero a sociologia e a critica. A philosophia, estudo a que se dedicavam os jovens gregos de familia distincta, o attrae deveras, de modo a estar o seu espirito inclinado ás indagações desta natureza. A sociologia pura e applicada é outro departamento da sciencia que o fascina.

Vieira de Alencar, que nasceu no Ceará a 17 de Dezembro de 1898, bacharelou-se em direito pela Faculdade de Manaus, demonstrando no seu curso dotes intellectuaes invulgares e uma penetrante comprehensão das cousas sociaes. E' um espirito ponderado e, digamos mesmo, circumspecto, não obstante ser muito moço ainda.

Não é indiffferente á organização das sociedades e o crescente anseio dos povos por um ideal de vida é o seu estimulo para o estudo dos problemas deste genero de literatura scientifica.

A prosa deste joven escriptor tem um cunho de gravidade, um fundo de pureza lexica e uma exquisita sensibilidade, que lhe marcam um logar de distincção entre os nossos espiritos representativos.

André Vidal de Araujo.—Pertence á estirpe de Araujo Filho. Veio ao mundo em Pernambuco, a 15 de Outubro de 1898. A sua educação é toda amazonense, pois aqui vive desde a sua meninice. Abraçou a carreira da magistratura, que cultiva com um sentimento de alto respeito. Além do lastro juridico profissional, que possúe, André Araujo é um estudioso da philosophia.

Tem da sociologia a comprehensão bem accentuada. Revela-se um ideologo, e possue uma vivida chamma de fé que ainda não sentiu desfallecimento. A' semelhança daquelles antigos consulentes do oraculo de Trophonios, na Grecia, sobre a crença dos quaes não pairava duvida, ao sahir da caverna, situada a pouca distancia do bosque sagrado, uma ligeira sombra de melancolia tolda-lhe vagamente o rosto magro, a que uns oculos verde-escuros dão mais tristeza.

A Academia Amazonense de Letras foi buscar o magistrado erudito para succeder na cadeira que era occupada por seu saudoso pae.

E' ainda socio do Instituto Geographico e Historico do Amazonas.

Cosme Ferreira Filho.—Nascido em Fortaleza, Estado do Ceará, a 18 de Novembro de 1893. Veio para o Amazonas em Junho de 1901, e depois dos estudos primarios, matriculou-se no Gymnasio Amazonense, por onde se bacharelou em sciencias e letras, em 1912. Fez sua iniciação literaria e os seus primeiros ensaios jornalisticos através de *Aura,* órgão tradicional gymnasiano. Aínda no quinto anno do curso, em 1911, ingressou para o corpo redaccional do *Jornal do Commercio,* onde serviu, em diversas phases, até 1917. Em 1918, substituiu o poeta Thaumaturgo Vaz no logar de redactor-chefe do vespertino *O Imparcial,* até o desapparecimento desse jornal.

Cosme Ferreira Filho é um delicado poeta, que fulgúra em varias producções, como *Sceptico, Alma vasia, Retorno, Destinos, Ultimo Canto,* e outros sonetos. Sua carreira literaria processada, toda ella, no labor jornalistico, apresenta dois cyclos, perfeitamente caracterizados. No primeiro, que veio de suas primeiras manifestações até 1920, surprehendem-se tendencias puramente artisticas com accentuado pendor para a poesia, de fundo, ora animico, ora pantheistico. Sua obra poetica encontra-se quasi toda em publicações esparsas, nos antigos diarios *A Imprensa, O Imparcial,* nas revistas *Redempção, Amazonida,* e outras de que foi collaborador. Na segunda etapa, vamos encontrar o estudioso dos problemas regionaes e brasileiros.

Prosador e jornalista consciente, deixa o buril e o caelum, e encara os assumptos palpitantes, mór-

mente os que se referem ao Amazonas, e disseca-os. As sciencias economicas e sociaes constituem, presentemente, com caracter objectivo, sobre o taboleiro da vida regional, sua constante cogitação.

Tambem a obra de Cosme Ferreira Filho, neste sector, é quasi toda jornalistica, fragmentaria, excepção da monographia *Em defesa da borracha silvestre sul-americana*, publicada, nesta cidade, em 1929, sob os auspicios da Associação Commercial do Amazonas, trabalho que conquistou larga projecção em todo o Brasíl, sendo objecto de transcripção integral em edição de *O Paiz*.

Neste capitulo de suas preferencias espirituaes e vocacionaes, faz-se carecedor de menção o esforço de cunho economico, que vem realizando, por intermedio da Secretaria da Associação Commercial, que dá rythmo e accelera as actividades deste instituto.

Trabalhador pertinaz, com a visão pratica das cousas, preoccupam-no certos problemas da vida rural, onde acha encanto sua alma de artista.

Edita e redige a *Revista da Associação Commercial*, publicação de assumptos financeiros, industriaes e economicos, considerada pelos technicos e pela imprensa uma das melhores no seu genero.

Oswaldo Palma Lima.—Amazonense. Capitão do Exercito, onde se tem distinguido pelo seu amor ás letras e pela sua actividade de escriptor. Os surtos do jornalista promettiam obra de mais desenvolvimento para uma intelligencia tão promissora e exhuberante.

Oswaldo Palma Lima é collaborador assiduo de um dos mais conspicuos orgãos da imprensa brasileira *A Folha do Noite*, que se edita no vizinho Estado do Pará.

Escriptor apreciadissimo pela derivação das idéas e pelo espirito patriotico que o anima, em breve ganhou um logar assignalado entre os nossos homens de letras. Publicou um livro cheio de uteis exhortações e repassado da mystica do amor á patria, symbolizado no culto á sua bandeira,—*Moços, attendei-me!*

E' uma leitura que captiva, e que age como um cordial. Os espiritos pessimistas e scepticos encontram nesta obra o producto de um cerebro sadio sempre disposto a incutir no animo dos que a lerem coragem e enthusiasmo.

Benjamin Malcher de Souza.—Membro da Academia Amazonense de Letras. Advogado, jornalista e literato.

Benjamin de Souza é filho do Pará, tendo nascido em Baião (Tocantins), em 18 de Junho de 1883. No seu Estado militou por muito tempo na imprensa, filiado que se achava á politica, enfrentando as pugnas mais acirradas. As letras paraenses receberam o influxo desse espirito que, em outros tempos, formava á frente do movimento intellectual, produzindo, e hoje se retrae, na sua modestia, e se limita á actividade da advocacia.

Deixando o Pará, veio Benjamin de Souza para

o Amazonas, onde se fixou. Foi Inspector Federal junto á Faculdade de Direito de Manaus. Dirigiu por algum tempo o *Diario Official*, do Estado. Entrando para o nosso sodalício, o distincto academico levava credenciaes de um nome conhecido no Estado vizinho, quer na literatura, quer na agítada vida jornalistica. Tem-se consagrado nestes ultimos tempos aos misteres da advocacia; mas, mesmo assim, a sua collaboração se faz sentir, uma vez por outra, no jornal.

Dorval Pires Porto. — Membro fundador da Academia Amazonense de Letras, onde occupa a cadeira de Souza Bandeira, jámais se entregou, todavia, o sr. Dorval Porto á actividade propriamente literaria. Absorvido pela vida publica, soffrendo-lhe as vicissitudes e acompanhando-lhe os alti-baixos, não lhe tem sido possivel realizar, na imprensa ou no livro, a tarefa que fôra licito esperar de sua cultura e de sua alta intelligencia.

Nascido no Rio Grande do Sul, para o Amazonas se transportou ainda muíto moço, aqui se consagrando aos misteres de sua profissão, de engenheiro civil. Ingressou, porém, logo depois, o terreno das luctas civicas, militando intensamente no periodismo regional, em que houve de revelar, para logo, uma bem aparelhada e serena combatividade doutrinaria. Homem de pensamento, conhecendo e praticando varios idiomas, perlustrou o sr. Dorval Porto, com o maior proveito, as literaturas antigas e modernas, e desse demorado contacto com os livros resultou a formação de sua mentalidade.

Os classicos inglezes e italianos se lhe tornaram particularmente familiares. Shakespeare e a *Divina Comedia* não lhe offerecem segredos, no original. Mas foi, sobretudo, para o campo das idéas politico-sociaes que se voltaram, com mais accentuada sympathia, as suas tendencias e as suas predilecções intellectuaes, de molde a lhe permittirem uma visão muito clara e segura sobre o horizonte dos problemas contemporaneos. Escriptor elegante e diserto, vasando os seus trabalhos com o maximo apuro vernaculo, o sr. Dorval Porto é, sem favor, um espirito de raro equilibrio e uma organização mental das mais completas do extremo-norte. Comprovam-no, á saciedade, os seus discursos parlamentares, os seus pareceres, as suas monographias politicas, os escriptos, emfim, que de sua lavra correm impressos, acerca de varias das mais interessantes questões da economia brasileira.

José de Mendonça Lima.—Occupou este illustre belletrista, na Academia Amazonense de Letras, desde a sua fundação, a cadeira que tem por patrono Eduardo Prado. Passou, depois, a socio correspondente. E' uma das figuras de maior realce desse centro cultural e idealista, ainda que se tenha distanciado, ha alguns annos, de Manaus para ir residir no alto Madeira. Mendonça Lima mantem aquella immortal flamma de orador culto, eloquente, arrebatador e magnifico, que tem sido o signo principal de seu talento polyedrico. Medico dos mais competentes, com uma cultura com plexa e moderna, constitue muito nobremente uma das mais fulgurantes mentalidades da nova geração nortista.

Jornalista com um ennobrecedor espirito de tolerancia e de respeito, com um senso admiravel das coisas, conferencista eximio, o distincto facultativo é, com absoluta justiça, um elemento representativo de sua patria, onde exerce funcção consular muito honrosa no paiz vizinho, em Ribeiralta, Bolivia.

III

Indiquemos agora os novos, os da nova geração do Amazonas, aquelles que penetraram os dominios da arte, e percorrem o mundo das idéas na ansia insatisfeita de um ideal de sabedoria e perfeição.

Francisco Galvão.—E' um jornalista sobrio. Atilado na chronica, empresta uma graça especial ás suas paginas, que se lêm com crescente interesse. Ultimamente publicou, no Rio de Janeiro, onde reside, *Terra de Ninguem*, magnifico romance sobre a vida do seringueiro no Amazonas.

Arthur Cezar Ferreira Reis.—Nasceu em Manaus, a 8 de Janeiro de 1906. Joven historiador e jornalista de merito. Socio do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, de que é competente secretario. Como resultante de seu paciente labor e padrão de sua bella intelligencia, Arthur C. Ferreira Reis deu á estampa *Historià do Amazonas*, em que com acendrado zelo e circumspecção esmerilha a nossa vida, o rythmo da nossa evolução social. O nutrido

volume, que obedece a um magnifico plano methodologico, espelha a cultura do seu autor, que é um brilhante historiographo, conhecendo bem a materia a que se dedica. Este trabalho é tanto mais valioso quanto até o presente não tinhamos uma historia amazonense compendiada e completa. Satisfez esta lacuna Arthur C. F. Reis, que tem outros trabalhos como *Manaus e outras villas*, livro de real merecimento, onde o espirito critico e illustrado do autor se patenteia. *A Cabanagem*, a publicar-se, é uma restauração da historia dessa guerra terrivel que se alastrou pelo Amazonas.

Varios ensaios têm sahido de sua penna, sendo um delles *A Explosão Civica de 1932*, conferencia realizada no Instituto Geographico e Historico do Amazonas.

O illustre historiographo e publicista é bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Clovis Barbosa.—E' uma das mais brilhantes intelligencias que se contam entre os novos. Clovis Barbosa é um intellectual inclinado ás correntes da modernidade. Dirigiu com segurança e brilho a bella revista *Redempção*, que tanto successo conquistou.

Apaixonado pelo livro e pela imprensa, de vez em quando dá mostras de seu espirito fino, com irresistivel pendor para o movimento esthetico, em substituição ao passadismo. O credo novo em arte encontra neste fecundo intellectual sympathica repercussão para assimila-lo, embora não seja radical na adopção.

Depois de *Redempção*, que primava pela face artistica, Clovis Barbosa emprehendeu a publicação de *Equador*, (1929), revista de feitio original, em que collaboraram alguns escriptores amazonenses. *Equador* destinava-se a ser «um panorama literario do Norte de hoje».

Prefaciando esta interessante publicação, que ficou num só volume, diz o seu illustre director: «O nosso intuito é caracterizar nitidamente a intelligencia regional». E mais adeante: «Os escriptores residentes nos diversos Estados equatoriaes são completamente desconhecidos entre si. Falta um meio de publicidade entre elles que os divulgue. Até os grandes nomes só são revelados pela critica ou pela imprensa do sul. *Equador* vae vulgarizar, por todas as cidades nortistas, as affirmações literarias que, nas mesmas, se evidencia».

Clovis Barbosa publicou, na imprensa de Manaus, de Belém, de São Luiz e Rio, contos, commentarios politicos e literarios. Temperamento desabusado, combativo, suas attitudes pamphletarias têm-lhe acarretado innumeras incompatibilidades. Com o poeta e romancista Abguar Bastos, foi, no Amazonas, o representante da corrente modernista de *antropofagia* de São Paulo. As caracteristicas de sua prosa são: movimento, clareza e sentido da *blague*, da caricatura.

Clovis Barbosa publicará, brevemente, um ensaio sobre José de Alencar, cujos principaes capitulos foram lidos nos Theatro da Paz, em Belém, e Arthur Azevedo, em São Luiz. Está escrevendo um romance social, á maneira de Lima Barreto: *Marapatá*.

Violeta Branca. — Conquistou um nome de artista pela originalidade de seus versos, por onde esvoaçam musicas estranhas. Os tons fortes de seus poemas, os seus admiraveis symbolos, a sua grande e envolvente sensibilidade, dão-lhe um logar de destaque entre os nossos artistas pela belleza de suas creações. A poetisa é trabalhada pela paixão de um ideal, cujas raizes ella vae buscar na alegria creadora da terra, banhada pela radiosidade do sol. Tem os seus versos um encanto novo. A sua poesia grava as volutas do sonho com o poder suggestivo de commovedora emoção, que ella, transfigurada, experimenta.

Livro a publicar: *Rythmos da inquieta alegria.*

Carlyle de Chevalier. — E' uma das figuras mais radiosas e promissoras da intellectualidade moça do Amazonas.

Tratando da formação de sua individualidade elle responde assim a uma «enquête», inserta no *Imparcial*, na Bahia, (3 de Novembro de 1931):

«Preso-me sobremodo de ter nascido no Amazonas, devendo só e unicamente o nonada que aprendi ao meio intellectual de minha terra». E mais adeante: «Illuminado pelo cerebro de Adriano Jorge, para mim, a maior expressão mental do Norte, embora escondido no Amazonas e quasi desconhecido, embrenhei-me pelo terreno arido da philosophia e vivo ainda aos trambulhões com o meu grande Espinosa, o meu inconfundivel Nietzsche e esse adoravel Spengler, de que tanto falo».

Em poesia as suas preferencias vão para o

incomprehendido Baudelaire e para o «mystico magistral, que é Tagore».

Por ahi se vê a propensão de Carlyle para a philosophia, que na definição de Spencer, é o saber completamente unificado. É a esta vastissima sciencia generalizadora que elle se entrega com toda força de vontade. Os resultados da maravilhosa viagem têm sido os mais compensadores.

Em Manaus traduziu o *Compendio de Historia da Philosophia,* de Pedro Landazuri, antecedendo-o de um prefacio longo e proficiente.

Ramayana de Chevalier. — Surgiu novelista, poeta e orador. O moço amazonense fez aqui os seus primeiros estudos e o curso de humanidades, que é a sua «base cultural». Na Bahia creou-se um ambiente de sympathia em torno de sua pessoa, algo singular pela expressão polymathica das idéas e emoções, revoluteando em symphonias de sonho. «A vida, diz elle, vale mais pelo sonho, que encerra».

Medico, vibrando o pletro, ás voltas com a sua lyra delicada e os seus devaneios de novelista, de par com a psychiatria e com os instrumentos cirurgicos, alistou-se no corpo de cirurgiões que acompanharam as forças governistas contra as aguerridas tropas insurrectas da Paulicéa dos bandeirantes.

Ramayana tem um estylo forte e suggestivo, cheio de imprevistos. O escriptor é caustico, mordaz, esfusiante e dominador. No verso é rutilante e magnifico.

Fernando Ellis Ribeiro. — Uma cerebração fulgurante, de solida capacidade scientifica, susceptivel de grandes realizações, é o dr. Fernando Ellis Ribeiro, nascido no Amazonas, em 30 de Setembro de 1907. Doutorou-se no Rio de Janeiro, em 1929, apresentando a these *Contribuição ao estudo dos «carcinoides» do Appendice ileo-cecal,* notavel pela materia escolhida e pela minuciosa investigação a que se entregou, referta de observações pessoaes. Sua these não é como dezena de outras, em que o doutorando procurou satisfazer uma formalidade imposta pelo regulamento com um conjuncto de dados, raciocinios e analyses, mais ou menos respeitaveis. O trabalho do dr. Fernando Ellis Ribeiro vae além. É um soberbo indice de sua labuta diuturna, do seu espirito inteiriço, febrilmente solicitado pela ansia de esgottar o assumpto e trazer novas contribuições para o quadro dos phenomenos nosologicos, que tomou a peito descrever. Tanto assim que sua these mereceu as mais honrosas referencias do professor Lériche, grande notabilidade da cirurgia franceza, que a publicou vertida para o francez na importante revista *Lyon Cirurgical* (Tome XXVIII, n. 2, Mars-Avril, 1931) sob o titulo *Sur les curcinoides de l'appendice iléo-coecal.* Grande repercussão teve este interessante trabalho entre os mestres da cirurgia nacional e estrangeira, que mantêm intercambio com o serviço do professor Brandão Filho.

Mentalidade panoramica, objectivou ainda a sua cultura em outro brilhante trabalho, em collaboração com o professor Pedro Moura: *A Gastrectomia pelo processo de Finsterer nos neoplasmas do estomago,*

publicado na *Revista de Medicina e Pharmacia* (anno VI, n. 2).

Fernando E. Ribeiro, que deste modo se annuncia um scientista e um consummado cirurgião, foi assistente do serviço do notavel professor Brandão Filho, e actualmente desempenha as delicadas funcções de cirurgião do Hospital de Misericordia do Rio de Janeiro, onde reside, exerce a clinica, e é professor da cadeira de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina da Universidade daquella metropole.

Heitor Carpinteiro Péres. — Dentre os valores novos do Amazonas, que se têm destacado no sul do Paiz, honrando o nome e as tradições da terra baré, cabe um logar de justo relevo ao jovem e já illustre scientista coestaduano, dr. Heitor Carpinteiro Péres. — Formado em 1930, aos vinte e três annos de edade, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, dedicou-se o dr. Heitor Péres, ainda no curso academico, á especialização psychiatrica, affirmando para logo uma vocação de estudioso e uma capacidade de investigação clinica, que o impuzeram ao aprêço geral de mestres e contemporaneos. Tornou-se, por isso mesmo, discipulo dilecto do professor Henrique Roxo e, ao lado do grande luminar da sciencia no Brasil, entrou a realizar, com uma pleiade brilhante de collegas, docentes e assistentes, como elle, da clinica psychiatrica da Faculdade, uma obra fecunda de pesquisa em todos os campos da pathologia do espirito. A essa tarefa, a que preside a orien-

tação superior do insignissimo sabio brasileiro, se deve, já agóra, a divulgação em nosso paiz das mais recentes acquisições e das mais avançadas idéas no dominio das doenças mentaes, nas suas multiplas e, por vezes, singulares modalidades etiologicas e therapeuticas. Medico, por concurso, da Assistencia a Psychopathas do Rio de Janeiro, collaborador permanente dos «Archivos de Neurologia e Psychiatria», redactor do «Boletim de Eschysophrenia» e secretario geral da Sociedade Brasileira de Psychiatria e Neurologia,—participou, em 1933, da notavel serie de conferencias inaugurada e levada a effeito pelo curso de aperfeiçoamento da clinica psychiatrica da Universidade, produzindo, nessa occasião, um ensaio erudito acerca da «Eschysophrenia latente e sua importancia medico-legal», com apoio nos ensinamentos e nas experiencias universalmente acclamadas de Bleuler, Claude, Kraepelin, Kretsmecher, Mira, Nerio Rojas, Roxo e Austregesilo, entre outras summidades. Essa monographia, vasada como todos os seus trabalhos em fórma sóbria mas elegante e escorreita, figura como o segundo capitulo da collectanea organizada e dada a lume, o anno passado, sob a direcção do professor Roxo e a epigraphe—«Novidades em Doenças Mentaes». Tem ainda o dr. Heitor Péres varios outros ensaios publicados, focalizando differentes aspectos e manifestações da demencia precoce, na sua casuistica e nas suas expressões clinicas, merecendo, por tudo isso, do professor Henrique Roxo, o egregio cathedratico de psychiatria da Universidade, a honra exce-

pcional de varias citações no seu ultimo livro, — «Modernas noções sobre doenças mentaes», na bibliotheca de cultura scientifica dirigida pelo professor Afranio Peixoto. Mas não ficam ahi as victorias do moço e festejado intellectual conterraneo, — porque o seu valôr acaba de receber, em Novembro preterito, a consagração definitiva com a sua nomeação para a livre docencia de psychiatria da Universidade, após ruidoso concurso, em que pôz á prova a solidez, a profundeza e a extensão dos seus conhecimentos scientificos na disciplina em que se especializou. Valeu-lhe esse triumpho uma carinhosa manifestação de sympathia de mestres e collegas, no Sanatorio de Botafogo, onde é chefe de clinica, homenagem a que pessoalmente presidiu o professor Roxo. — É, pois, sem favor algum, na mais auspiciosa e vigorosa juventude, uma das personalidades mais fortes dentre quantas tem o Amazonas levado a enriquecer o patrimonio da cultura brasileira.

Aristophano Antony. — Pertencente a importante familia radicada no Amazonas, Aristophano Antony é o depositario das severas qualidades de ancestraes illustres, que elle, na sua mocidade vibrante, honra e ennobrece. Maneiroso e gentil, de gestos serenos e attitudes elegantes, o belletrista amazonense faz parte da cruzada dos que se batem pelo bem publico, antevendo um Amazonas melhor, mais forte, mais bem aparelhado nas suas industrias, na sua agricultura, na sua expansão commercial e nas suas conquistas sociaes.

Na sua vida de profissional do jornalismo, deu Aristophano Autony sobejas provas de aptidão e capacidade, entrevistando, surprehendendo aspectos interessantes de personagens e de factos, trazendo á luz da publicidade sensacionaes revelações. O noticiario novo, agil, rumoroso, interessante, agradavel, encontra em sua penna um admiravel agente de impressões, um transmissor magnifico de rythmos e emoções. Da agilidade do reporter, sob todos os aspectos elogiavel, da sua maneira de desenvolver os assumptos, dando-lhes contornos rebrilhantes, para a figura do jornalista, que elle encarna, ha uma pequena gradação. O reporter, cheio de vivacidade, insinuando-se, dando vida ás suas notas, frémito ás suas observações, ao transmitti-las ao publico, transforma-se no jornalista conceituoso e norteador de opiniões, franco e polido no encarar os themas submettidos ao seu exame.

É ainda Aristophano Antony um chronista leve bem humorado, de expressões fidalgas e imagens felizes, que não cançam, nem cheiram ao ranço dos classicos antigos. Phantasista vaporoso, traça com precisão o acontecimento mundano, que commenta e dá as côres prismaticas necessarias, ao influxo de sua intelligencia borbulhante e ardente de idéas.

Aldo Moraes. — Ruma para novas correntes estheticas. Imaginoso, advinha-se-lhe uma inquietação interior no jorro precipite das idéas. Uma aresta viva do seu intellecto é a critica, a que muitas vezes ajunta uma grande dose de mordacidade. É um jornalista movimentado.

Não se lhe póde negar, á puridade, intelligencia brilhante, certo poder de observação, espirito critico e um incisivo surto emocional ao escrever. Esse temperamento irrequieto em arte, essa organização vibratil e nervosa, tem muito de ironico, de satyrico. A ironia caustica anda sempre nos seus escriptos.

De aspectos interessantes, denunciando o jornalista trepidante, Aldo Moraes tem apparecido nas columnas dos jornaes de Manaus e em algumas revistas e jornaes do Rio de Janeiro. Chronista de merecimento, mantem Aldo Moraes uma independencia integral nos seus conceitos que elle procura concretizar em fórmas novas, em novos moldes de expressão.

* * *

Não temos, nem podemos ter, por força das condições do meio, uma literatura regional.

Ao tempo em que o Amazonas era comarca do Pará, vivendo sob sua jurisdicção, apparecia como um symbolo. «O Amazonas, dizia Tavares Bastos, em 1886, é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará penetra-se no deserto. A sensação de profunda melancolia que se apodera do espirito nos adverte de que estamos dentro das mais densas solidões do mundo» (1).

Depois de installada a provincia, com o desmembramento do Amazonas da provincia do Pará, só falava o portuguez a gente civilizada, ou, como diz Lourenço

---

(1) *O Valle do Amazonas*, pag. 162.

de Araujo e Amazonas, a aristocracia dos povoados, que se sentava no chão e comia com os indios, assimilando-lhes os costumes. Ainda em 1854, observou Wilkens de Mattos, que as mulheres de São Paulo de Olivença acanhavam-se de falar o portuguez, communicando-se em lingua geral, que era a dos seus maiores. O tupi-guarani ou a lingua geral era a falada, como ainda é, no Rio Negro e alguns outros logares. Curt Nimuendajú, com toda a autoridade de sua sciencia, dá este testemunho do Rio Negro:

«Excepção feita dos adventicios na presente geração, toda a população civilizada do Municipio de São Gabriel, branca, mestiça ou india usa entre si a lingua geral. A grande maioria dos homens fala tambem ao menos soffrivelmente o portuguez, mas não deixa de existir um bom numero de homens que o falam bastante mal. Entre as mulheres, as que se expressam bem em portuguez parecem-me estar na maioria, mostrando uma forte percentagem dellas visivel repugnancia de usa-lo.

A lingua geral tem por base um dialecto tupi, mutilado grammaticalmente pela ignorancia e preguiça mental dos conquistadores e «enriquecida» por uma infinidade de palavras portuguezas e fórmas grammaticaes que procuram assemelha-la á lingua dos conquistadores» (1).

Havia a batida do sertão pelas margens dos rios

---

(1) *Relatorio. Reconhecimento dos rios Içana, Aiari e Uaupés.*

a procura das drogas e das manteigas de tartaruga e de peixe-boi.

Ainda o insigne Tavares Bastos, referindo-se a este lamentavel estado de barbárie, escrevia com o seu estylo vehemente:

«O Amazonas, sob o ponto de vista social, é quasi o mesmo que sob o ponto de vista geologico: a infancia, um deserto para a industria, uma noite para a civilização. As rarissimas povoações que occupam aqui algumas geiras de terra mal descoberta, somem-se no meio deste mundo, muito mais distantes da civilização do que afastadas do oceano».

Quanto á instrucção, dizia, em 1858, o conego Joaquim Gonçalves de Azevedo, director interino da instrucção publica:

«Não é possivel que esta provincia, apenas sahida da tutella, em que estava como comarca da do Pará, possa no curto espaço de seis annos e meio, que frue dos fóros de que fôra rebaixada na época de nossa emancipação politica, apresentar os melhoramentos de que já gosam todas as outras na regeneração dos estudos, e muito menos acompanha-las no progresso, em que felizmente avultam» (1).

A installação da provincia (2 de Janeiro de 1852) abriu ao Amazonas outros horizontes. (2). «Agora é que surge o Amazonas, escrevia Tavares Bastos, para

(1) Annexo ao relatorio do dr. Francisco José Furtado, 1858.

(2) A Provincia do Amazonas foi creada pela lei de 5 de Setembro de 1850.

o mundo social. A sua verdadeira descoberta data de 1852. A sua prosperidade real datará de sua liberdade».

Cuidou-se da instrucção publica, do commercio, animaram-se as industrias, as artes mechanicas, cohibiram-se os abusos nas praias, os «excessos bachanaes», a exploração torpe e miseravel dos indios, que ainda em 1866 eram violentamente agarrados nas margens do Içá e do Japurá e em alguns outros rios, e conduzidos para as caiçaras (curraes) para serem vendidos aos habitantes das povoações do littoral. Neste particular, os padres foram denodados servidores no evitar o captiveiro, a servidão, os maus tratos, o aviltamento do selvagem. Citam-se Frei José da Magdalena, abnegado, grande na sua inteireza moral, no espirito de caridade christã; frei José Maria de Bene, capuchinho italiano, alma generosa e abrazada de fé, corpo fragil, illuminado pela virtude sagrada do bem, guiado pelo seu amor forte ás almas; frei Pedro de Ceriana e frei Jesualdo Machetti, que depois de fundar uma missão no rio Madeira, veio para Manaus, onde montou uma typographia para impressão de livros religiosos, servindo elle proprio de typographo. Segundo Arthur Reis, frei Jesualdo gosava de grande estima em Manaus. Escreveu alguns livros e traduziu outros (1).

O Amazonas teve grandes presidentes que, no seu patriotismo bem formado, lhe abriram novas perspectivas, tanto quanto era possivel naquelle tempo.

---

(1) *Historia do Amazonas*, 1931, pag. 207.

Tenreiro Aranha, Herculano Ferreira Penna, Manoel Gomes Correia de Miranda, João Pedro Dias Vieira, Angelo Thomaz do Amaral, Francisco José Furtado, Manoel Clementino Carneiro da Cunha, Lustosa da Cunha Paranaguá, foram austeros administradores, resistentes esteios da Provincia.

A Republica imprimiu novas fórmas a Manaus, coincidindo o seu progresso com a valorização da borracha, com a procura do latex da seringa, soffredora e martyr, fonte de industria hoje quasi perdida.

Ascendeu o nivel intellectual desde este tempo.

A população de antanho não se fixára ao solo, com excepções parcimoniosas, para estabelecer a estabilidade tão necessaria ás indagações scientificas e ao curso livre da imaginação creadora. Todavia, o Amazonas conta na tela dos seus valores mentaes, alguns verdadeiramente notaveis.

Manaus possúe duas instituições importantes: o Instituto Geographico e Historico do Amazonas e a Academia Amazonense de Letras.

O Instituto Geographico e Historico foi fundado em 23 de Março de 1917. O governo do Estado, num gesto nobre e louvavel, concedeu ao Instituto o usufructo do predio, onde está installado.

Foram seus socios fundadores: Bernardo Azevedo da Silva Ramos, Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Agnello Bittencourt, Henrique Rubim, Vivaldo Palma Lima e Manoel de Miranda Simões.

Não obstante o enthusiasmo e a bôa vontade destes illustres cidadãos, o Instituto cahiu num pro-

fundo desanimo. Os socios deixaram de se reunir; e não se effectuaram mais as suas ruidosas sessões solennes. Tinha uma vida hibernal. Sobretudo escasseavam os meios. A douta associação não dispunha de rendimentos para as suas despezas. As subvenções concedidas pela Municipalidude não eram pagas. O desanimo foi aos poucos se apoderando desse organismo scientifico.

Foi preciso um grande esforço dos seus elementos para reerguer o Instituto, arranca-lo do marasmo em que se arrastava. E com os pequenos recursos obtidos, graças á boa disposição dos elementos officiaes, especialmente o Sr. capitão Nelson de Mello, digno e honrado Interventor Federal, a illustre associação poude levantar-se e proseguir na sua finalidade. Aliás, o Amazonas já possuiu o Museu Botanico, creação estimulada pela Princeza Isabel, a Redemptora, o qual se fundou em 18 de Junho de 1883. Para dirigir esta instituição foi nomeado o insigne naturalista João Barbosa Rodrigues, que se consagrou a essa obra verdadeiramente notavel e patriotica. O velho scientista luctou, como é sabido, com as maiores difficuldades. A politicagem entravou a vida e desenvolvimento desse estabelecimento, que tinha a dirigi-lo a capacidade technica e creadora do sabio brasileiro. Para maior expansão de seus trabalhos e das aquisições do Museu Botanico, Barbosa Rodrigues publicou *Vellosia*, revista que já se vae tornando rara, e que encerra em suas paginas uma profunda contribuição á ethnographia e á anthropologia brasileiras.

Durou o Museu Botanico apenas sete annos. Logo de inicio, não alcançando Barbosa Rodrigues recursos para enfrentar as necessidades da repartição, e não querendo ficar inerte, offereceu-se ao governo para promover a pacificação dos Chrichanás, no rio Jauapery, affluente do rio Negro.

Para aquella arteria partiu em 1884, ganhando o simples honorario de director do Museu, que foi inaugurado em 16 de Fevereiro. Não obstante luctar o velho e notavel naturalista com a deficiencia de meios, e contar com a animadversão e a indifferença de muitos, conseguiu montar o Museu, emprestando-lhe um alto cunho de notoriedade. Barbosa Rodrigues venceu todas as crises, a má vontade do governo, as surdas hostilidades de que era alvo, e com uma dedicação inimitavel custeou de seu bolso as pequenas despezas, trabalhando com os seus empregados e com a sua estremosa filha no arranjo e disposição das collecções. Em 1885, a secção anthropologica contava 1.103 objectos, em collecções variadas de sessenta tribus do valle do Amazonas. O herbario, segundo o dr. Campos Porto, possuia 1.283 especies vegetaes brasileiras e mais 800 espécimens de vegetaes dos Estados Unidos e da California.

Além de outros trabalhos, publicou Barbosa Rodrigues dois volumes da revista *Vellosia*. Infelizmente a obra estupenda desse valoroso scientista, tão carinhosa e perseverantemente construida, teve de ruir, e desfazer-se. Assim o entenderam os dirigentes de então. Assim o quiz o rancôr partidario, e a má von-

tade dos despeitados, que agiu como ronda sinistra, na sombra. O Amazonas ficava sem o seu Museu, extincto, que foi pelo decr. n. 42, de 25 de Abril de 1890.

Ainda bem que o Instituto Geographico e Historico installou em seus salões, graças ao patriotismo vibrante e á mentalidade culta do capitão Nelson de Mello, consagrado ao bem do Estado em todos os seus ramos, em todas as suas complexas necessidades, um copioso arsenal de artefactos indigenas, uma enorme quantidade de objectos interessantissimos, que foram engrossar os já existentes e que formam uma das mais bellas e ricas collecções.

A antiga Sociedade Amazonense de Homens de Letras foi inaugurada em 17 de Janeiro de 1918, sendo seus socios fundadores os seguintes senhores: José Chevalier, Benjamin Lima, Pericles Moraes e Odilon Lima. Foram estes os promotores da idéa, da associação que se transformou no esplendido cenaculo de letras amazonense.

Compõe-se a Academia de trinta membros. Occupam actualmente as suas poltronas Adriano Jorge, Benjamin Lima, Pericles Moraes, Paulo Eleutherio, Jonas da Silva, Carlos Eugenio Chauvin, Jorge de Moraes, Genesio Cavalcante, Huascar de Figueiredo, Gaspar Guimarães, Coriolano Durand, Benjamin de Souza, J. F. de Araujo Lima, Raul Azevedo, Dorval Porto, Sá Peixoto, Alvaro Maia, Nunes Pereira, João Leda, Virgilio Barbosa, José Chevalier, Alfredo da Matta, Waldemar Pedrosa, Leopoldo Péres, Anisio Jobim, Agnello Bittencourt e André Araujo.

São fallecidos os seguintes socios da douta Companhia: Araujo Filho, Heliodoro Balbi, Octavio Sarmento, Thaumaturgo Vaz, Raymundo Monteiro, Ribeiro da Cunha, S. C. de Mello Rezende e Alcides Bahia.

Passou longos annos de repouso a nossa Academia, vindo a acordar do lethargo o anno atrazado, para admittir no seu seio os novos consocios que elegera para supprir as vagas existentes. Mello Rezende não chegou a empossar-se por que a morte o levou.

Um novo impulso veio tomar o syllogeu amazonense. O illustre Interventor no Amazonas, capitão Nelson de Mello, perscrutando sempre as necessidades do Estado e fomentando as iniciativas uteis, no seu reconhecido carinho pelo ensino e pelo desenvolvimento das letras, baixou um acto, doando um predio do Estado á Academia, para nelle installar-se condignamente.

Não ficou ahi o gesto espontaneo e nobre do honrado e culto administrador. Mandou fornecer a importancia de vinte contos de reis para limpeza do edificio, installação de luz, ventiladores, mobiliario, etc. A ornamentação é caprichosa. O mobiliario sóbrio e elegantissimo.

O retrato do benemerito Interventor Nelson de Mello, no salão nobre, como uma solenne e respeitosa homenagem ao seu digno bemfeitor, é o symbolo da gratidão da Academia.

ACTO N.° 3.708

O Capitão NELSON DE MELLO, Interventor no Estado do Amazonas, por nomeação do Governo Provisorio da Republica.

Considerando que a *Academia Amazonense de Letras*, fundada, nesta cidade, a 1.º de Janeiro de 1918, é a maior expressão da cultura intellectual do Estado, a quem vem prestando nesses dominios relevantes e inestimaveis serviços;

Considerando que esse cenaculo literario, regular e juridicamente constituido, representa, por todos os titulos, a mentalidade amazonense, na sua mais lidima exponenciação, contribuindo, de maneira notavel, para firmar, dentro e fóra do Paiz, o renome do Estado e honrar a sua tradição cultural;

Considerando que ao governo cumpre estimular a intelligencia e prover o engrandecimento moral e espiritual da collectividade,

RESOLVE:

Art. 1.º—Doar á *Academia Amazonense de Letras*, em caracter definitivo, para installação da sua séde, o proprio estadual que fica situado no flanco esquerdo do Instituto Benjamin Constant, á praça Antonio Bittencourt, canto da rua Tapajós, desta cidade, devendo, para isso, ser lavrada a respectiva escriptura.

Art. 2.º—Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio Rio Negro, em Manaus, 5 de Junho de 1934.

NELSON DE MELLO

Interventor federal.

Luiz de Oliveira Rodrigues

Director da Fazenda Publica, respondendo pela Secretaria Geral do Estado.

INDICE ONOMASTICO (*)

A

B

C

(*) O indice, com referencia a paginas, diz respeito exclusivamente aos nomes dos intellectuaes perfilados no livro.

M

N

O

P

R